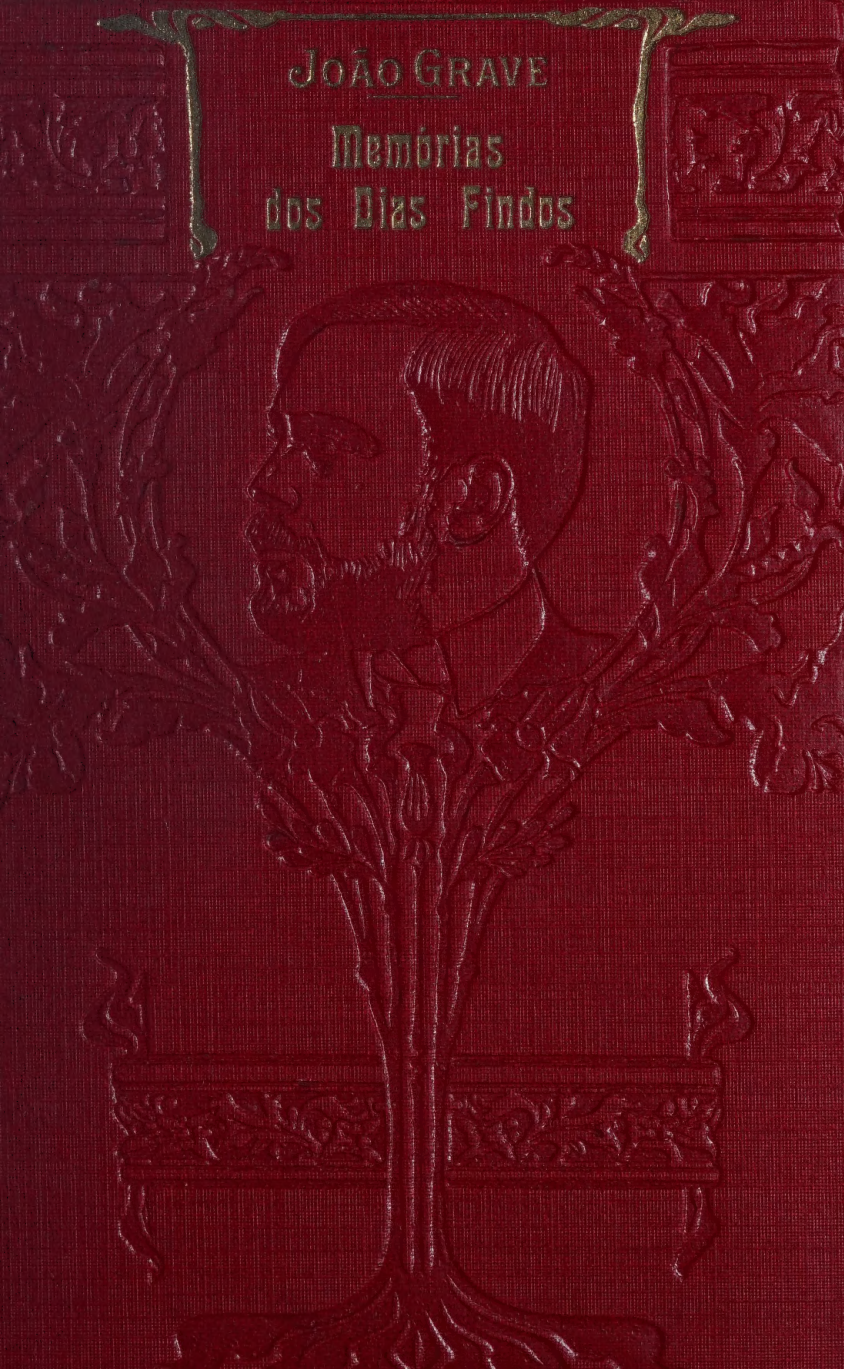
JOÃO GRAVE

Memórias dos Dias Findos



Obras de GUERRA JUNQUEIRO

A velhice do Padre Eterno, 1 v.
A vitória da França.
Baptismo do Amor.
Pátria, 1 vol.
Finis Patriæ.
O Crime.
A Lágrima.
Oração à Luz.
Oração ao Pão.
Poesias dispersas.
Prosas dispersas.
Horas de combate.
O Caminho do Céo
Prometeu libertado.

P.e MANUEL BERNARDES

NOVA FLORESTA

ou Silva de varios apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais. Nova edição em 5 volumes com um estudo preambular sôbre o autor por José Pereira de Sampaio (Bruno).

Obras de COELHO NETO

Sertão.
A Bico de Pena.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I, *(O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo).*
Teatro, vol. IV, *(Quebranto*, comédia e o sainete *Núvem).*
Teatro, vol. V *(O dinheiro, Bonança, e o Intruso).*
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crianças.
Miragem.
Mysterio do Natal.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Treva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
Ás quintas.
Scenas e Perfis.
Feira Livre.

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.G7
M4

MEMÓRIAS DOS DIAS FINDOS

Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos
A Eterna Mentira
O Último Fauno
O Passado
Gente Pobre
Jornada romântica
Reflorir
Reinado trágico
A Inimiga
O Mutilado
A Morte Vence
Vitória de Parsifal
Paixão e morte da Infanta
Os Sacrificados
Os que amam e os que sofrem
Cruel Amor
Fogueiras de Santo António
Gleba
Vida do Espírito (pensamentos)
S. Frei Gil de Santarém
O Amor e o Destino
Almas inquietas
Os Vivos e os Mortos
Memórias dos dias findos

Preços, ver a tabela em vigor.

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à Convenção de Berne.
(Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).

PÔRTO — ARTES GRÁFICAS

JOÃO GRAVE
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

PQ9261
.G7
M4

MEMÓRIAS DOS DIAS FINDOS

LH

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris
1926

MEMÓRIAS
DOS DIAS FINDOS

A loucura de Perosi

O abade Perosi, o espírito gentil que teve a sua manhã de florescência e de glória e a quem a Arte inspirou maravilhosas páginas musicais, apagou-se melancòlicamente. Houve outrora, na sua alma tam sensível, uma primavera encantada cheia de claridades, de azul translúcido, de alegrias, de murmúrios, de mistério. Neste momento, Lourenço Perosi — que há anos vimos, aqui em Portugal, a dirigir a orquestra que tocou o seu oratório, *La Resurrezzione di Lazaro*, mergulhou na escuridão duma noite que será perpétua para uma inteligência e uma sensibilidade que adoraram a luz.

Na loucura do compositor excelso que as ruidosas e esplêndidas capitais europeias exaltadamente aclamaram em horas magníficas de admi-

ração, nem tudo será fúria destruïdora, negrume, violência; também nela haverá, em certos instantes de pacificação, a doçura divina de cousas que nem na inconsciência se esquecem, serenas saüdades, fulgores que não deixam de iluminar, mesmo quimèricamente, o que é bem suave para os cérebros que morreram e em que apenas há fugidias ressuscitações...

Juraria que a doudice de Perosi é elegíaca e tranqüila — e adivinho-o até, no seu isolamento, embebendo-se na contemplação de horizontes imaginários em que vai abrindo a flor fantástica duma beleza que sòmente os seus olhos, desvairados e incendiados no brilho da febre, vislumbram. Aos seus ouvidos chegarão, vindas de muito longe, das mais remotas e distantes regiões espirituais, as melodias flutuantes, as harmonias delicadas, as frases apaixonadas e eloqüentes que o compositor antigamente, na sua fecunda mocidade artística, executava num transporte, fixando-as gràficamente e interpretando por elas as piedades, os êxtases, as puras aspirações da crença religiosa.

Os desvairamentos de Perosi, denunciando a crise duma tam subtil intelectualidade como foi a sua, não serão sacudidos por pavores, por scenas trágicas de espectros agitando as mãos de sombra, entre enxames de larvas funerárias, na meia tinta dum crepúsculo de outono. Ainda nela haverá lu-

minosidades, clarões expirantes, rápidos júbilos — embora, pelas revelações dos jornais, se não ignore que o pobre louco, nos primeiros dias da sua cruel enfermidade, se entregava ao prazer intenso — êle, que foi um criador tam orgulhoso do seu poder transcendente — de rasgar as partituras compostas por uma augusta mão para sempre invalidada, a-pesar-da doença o não fulminar de morte.

Quem poderá saber se Perosi, destruindo frenèticamente o que com tanto talento realizou em eras confiantes e floridas que nunca mais voltarão, não procurava fazer com que a sua obra lhe não sobrevivesse, desaparecendo com êle no mesmo aniquilamento, na mesma densa treva, no frio do mesmo ólvido, só para que ela não fôsse desdenhada pelos que a não compreendessem, quando o seu autor já não pudesse defendê-la! Como certamente a amou com ternuras incomparáveis, custava-lhe a separar-se dela. Que era essa obra? Arquitecturas admiráveis, quiméricas vias-lácteas, palácios de nuvens, Alhambras de astros, fórmas perfeitas que a sua sensibilidade mais íntima vestira das rendas e das sêdas transparentes do som. Não queria deixá-la entre hostilidades ou ironias, talvez pretendendo que ambos se abismassem no mesmo esquecimento!...

Todavia, se na enfermidade desoladora de Lou-

renço Perosi — o sacerdote artista que, depois de dizer matinalmente a sua missa, cursava, na juventude, os Conservatórios italianos e austríacos — houvesse inquietação e fúria, bastaria que um violino de sortilégio, surgindo repentinamente, tocasse as árias de Lully ou trechos evocativos de Palestrina e Cimarosa, para que o doido imediatamente adormecesse, sorrindo. Ao menos, nesta solitude haverá deuses...

Aqui, na penumbra do meu quarto, estou eu a ver o abade Perosi, pálido, magro, o cabelo revôlto e as linhas do rosto mais duras, a apurar o ouvido, completamente alheado de tudo quanto o cerca, para entender o que lhe dizem vozes soluçantes — vozes lacrimosas ou líricas que lhe veem fazer revelações estranhas, em gemidos, em orações, em psalmos, em súplicas, ou para lhe contarem a viagem azulada dos sonhos alados pelo espaço luminoso, ao arrulhar das pombas mansas pousando pelas ramarias das etéreas arborescências de luz. Nós, os que vamos rolando, banalmente, na onda duma fútil realidade, nada podemos ouvir: mas Perosi, na sua alucinação, ouve tudo: — os ritmos originais, os córos das teorias angélicas baixando das paragens sidéreas sôbre a terra, o próprio canto idílico do roussinol que na noite do Calvário esteve pousado na cruz em que o Redentor expirou e que certamente revelou a Perosi o oratório sôbre a

Paixão de Cristo! Para êle — que foi um extraordinario domador de sons e que andou pelas clareiras da História, pelos jardins encantados da Lenda, onde brilham silenciosamente luas fantásticas, pelas obscuras e terríveis florestas do Drama, perscrutando sentimentos, dores, risos, lirismos, piedades, para os comentar em poderosas páginas de viva originalidade — haverá nas solidões, onde nós nada escutamos ou lobrigamos, orquestras enigmáticas tocando Bach, Haendel ou César Franck, dando concertos ideais sob a fulguração das constelações celestes — concertos em que umas vezes são os namorados que trocam as suas confissões, naquela sonora linguagem em que o Amor sempre falou, desde os dias extintos da Grécia, ou as doces raparigas que soluçam saüdosamente sob os castanheiros em flor, aguardando alguém que nunca chega; e outras, são os brandos queixumes dos que sofrem em silêncio, os cânticos de graças dos crentes que esperam constantemente a realização da profecia de fogo, com os olhos extasiados no azul, as preces dos penitentes macerados que erram pelos caminhos seculares do passado e que há dois mil anos já não deixam continuamente de carpir o Nazareno, os hinos dos que, através das civilizações e das idades, foram semeando religiões como quem semeia estrêlas, a lamentação das mulheres caritativas que derramaram doridas lágrimas atrás

de Jesus, quando o Redentor ia para o suplício, esmagado e arquejante sob o pêso do madeiro em que foi cruxificado!...

Perosi, na negridão da sua loucura, ouve tudo isto nìtidamente! E ouve também os Cristos coléricos que surgem, brandindo látegos diante dos vendilhões, como outrora no Templo, e que depois, pacificados, com um sorriso triste nos lábios exangues, mostram o peito ferido e donde correm ainda gotas de sangue que, na pulverisação da luz, parecem pedras preciosas, dizendo aos inocentes, aos sem culpas tudo quanto criaram — os Deuses, os Evangelhos, os Livros Santos, a Concórdia, a Justiça, as Fraternidades — e tudo quanto desprezaram e repeliram amargamente: — as materialidades, os impudores, as astúcias, os tráficos, as corrupções, para que nada lhes maculasse a consciência que era um mundo moral! Porque a obra do abade Perosi é uma interpretação sinfónica de certos acontecimentos essenciais do Catolicismo: — Lázaro que se levanta da sua funda e gélida cova à voz do Nazareno, a morte de Jesus, o seu nascimento, a degolação dos inocentes...

O resto dessa obra que já teve uma hora bem merecida de celebridade e que não morrerá tam cedo, mesmo nestes tempos singulares em que tudo desaparece ou tudo se transforma — altares, tronos, scetros, teocracias, apostolados, sistemas

filosóficos — é constituído por missas, cânticos, motetes. Perosi é um músico absolutamente religioso. O que à sua inspiração sobeja em vôos astrais, falta-lhe em notas flagrantes de realidade e de humanidade. Condu-lo pela mão uma alva e irreal aparição sagrada, levando-o para longe dos infernos terrestres e malditos onde se ama e se sofre e onde multidões, irrequietas e desgraçadas, uivam de desespêro ou se contorcem de padecimento. Os compositores profanos êsses tiveram sempre a embalá-los, nas ângustias ou nas felicidades, desde o casto Beethoven ao mundano Mozart, um corpo branco de mulher amada. Perosi não! O levita músico que dirigia a capela Sixtina fechou-se à Igreja na sua adolescência e desconhecia os sêres conscientes tanto nos seus actos como nos seus sentimentalismos!...

Tanto isto é exacto que uma das poucas vezes em que Lourenço Perosi saíu dos vergéis da religião onde gorjeiam as andorinhas elíseas, para fazer uma arte mais humana, mostrou claramente não compreender o que o cercava...

Era naqueles momentos fulgurantes em que os exércitos antagónicos se dilaceravam, em batalhas que não tinham fim, em que corriam caudais de sangue e em que a Europa ardia, de norte a sul, sob a indiferença sarcástica do céu.

Os campos de combate, rutilantes entre os bra-

seiros, faziam pensar em Epopeias aos poetas e aos artistas.

Foi então que Perosi, abandonando por instantes as serenidades católicas, procurou no desordenado tumulto dos recontros os temas emocionais para uma sinfonia, sôbre a conflagração do Ocidente, que chegou a escrever, com efeito; mas, costumado a ouvir, num deslumbramento, os corais celícolas, não entendeu os estridores dos clarins triunfais tocando às cargas épicas, as fanfarras que passavam, depois das carnificínas, sob a flutuação das bandeiras patrióticas, o rugir dos canhões, o estrondo das granadas, o crepitar da fuzilaria, os gritos, os uivos, as iras, as suplicações, as lástimas, os queixumes dos que a metralha ceifava e que se despediam da vida com orações ou blasfêmias!

O autor dessa *Transfiguração* — que do Vaticano e da basílica de S. Pedro saíu para os salões de concêrto da Europa onde se dão *rendez-vous* os lírios do mundanismo — foi neste trabalho duma grande inferioridade, se o compararmos com anteriores composições. Os seus oratórios, com efeito, são cheios de céu e perpassam neles as crenças, os misticismos ardentes, as exaltações da fé. Ah! mas nos poemas sinfónicos, tam acessíveis às imaginações líricas, poucas vezes há logar para as figuras dramáticas ou históricas! Ao quererem entrar nessas amplidões montanhosas donde tudo se

avista, cáem inanimadas, perdendo a voz e a faculdade de nos dizerem as suas venturas ou os seus infortúnios, na língua harmoniosa e vibrante de sonoridades em que outrora falaram os Imortais — naquelas eras findas em que conviviam com os homens transitórios.

Ainda assim, mesmo nesta partitura inferior, se notarão superioridades do pobre compositor — que antigamente alegrou os serões aristocráticos das salas fidalgas de Ratisbona, em noites de recepção, e que por fim enlouqueceu. A Música que êle venerou mais do que a Deus, a-pesar-de sacerdote, não desaparecerá, certamente, com o ocaso da sua razão. Outros a continuarão, talvez até com mais brilho e grandeza. Embora o cérebro de Lourenço Perosi, onde fulgiu um clarão, tenha escurecido, a Música possuirá outros apaixonados, outros fanáticos, outros gulosos do som, a quem fará ao ouvido as mesmas eternas confidências que fez a Perosi quando, de noite, em horas alciónicas, ambos dialogavam à claridade estelar. No entanto, sempre foi um grande artista, um visionário da beleza, um excepcional poeta que se sumiu no trágico cerraceiro da loucura: — e uma perda desta ordem, no aflitivo momento que a humanidade atravessa e em que parece iminente o regresso à vida vegetativa e brutal, infunde nos espíritos elevados uma imensa mágua. Nada compensará a elimi-

nação duma personalidade de génio dos purificados e límpidos domínios da Arte — nem todo o ouro dos banqueiros nem tôdas as honrarias que os homens de Estado possam conceder!...

Elogio da Beleza

O doce, o romântico outono que está desfolhando as árvores e manchando a paisagem elegíaca de tintas louras e flúidas, que tam intensamente fazem desabrochar no sentimento a etérea flor da saüdade, foi esta manhã, para mim, duma gracilidade encantadora, oferecendo-me as primeiras violetas da estação hiemal. Encontrei-as exalando a alma em perfume, num silencioso recanto do meu jardim, sob a dourada floração duma verde mimosa onde, em junho, cantam os roussinóis, ao ascender da lua no veludo negro do céu. Com que voluptuosa alegria eu as colhi, sem que as lágrimas de seiva que os seus caules choravam me impressionassem! E agora, tenho-as na minha frente, numa jarra de cristal cheia de água pura e

scintilando ao sol. São a Musa inspiradora e maravilhosa do meu isolamento...

A luz matutina, resplandecente, gloriosa, entra-me pela janela como uma bênção ou uma saüdação, vindo de fóra, dos espaços livres, cheia de vibrações, de eflúvios: — e eu, contemplando as violetas cândidas que o afago outonal abriu e que parecem recortadas num rôxo e macio veludo de sêda que ao aroma aliasse a leveza das aragens, absorvo-me em lentas e demoradas cogitações que uma sensibilidade aguda desperta no meu ser. Penso, sobretudo, por uma singular associação de idéas, na Beleza e na influência poderosa que exerce sôbre as criaturas conscientes, exaltando-as de tal fórma que, para falarem dela, procuram os termos, as expressões, o verbo elevado, a eloqüência que os homens apenas empregam quando falam de Deus.

A êste singular influxo nem mesmo Platão — o primeiro pagão que pensou, no dizer de Carlyle — escapou. Compondo *Phedra* e o *Banquete*, pôs na bôca de Sócrates uma linguagem incomparável de ritmo, de som, de profundidade, de elegância, sempre que o filósofo helénico dissertava sôbre essa Beleza que é «uma finalidade sem fim», na afirmação de Emmanuel Kant e que, todavia, representa a mais fecunda das energias e o mais alto enlêvo dos espíritos sensíveis, resplandecendo nas

coisas que participam da sua essência ou que ela vivamente penetra. Considerada em si, na intimidade e na subtileza da inteligência, dir-se-ia irreal, abstracta, intangível, uma imprecisa, vaga radiação do ideal através das fórmas, apenas vislumbrada pela perspicácia das *élites* artísticas. Não há, no entanto, uma ligeira hora, um fugidio minuto na vida do universo em que ela se não manifeste, intervindo na maior parte dos actos humanos, falando às mentalidades e às emoções, realizando a verdade pela sciência ou o belo pela sensibilidade. Tam vélha como o ser culto, é na opinião de Spencer e de muitos psicólogos argutos, o termo duma longa evolução, quando concebe e executa as obras de arte definitivas.

Na realidade, a Beleza tem uma influência visível ou invisível em tudo. Quando se mostra sumptuosamente, no esplendor do brilho que imprime sempre às suas imagens, espalha à volta de si a perturbação, a sedução, as admirações entusiásticas, os deslumbramentos. Se se encarna nos corpos femininos adolescentes e passa pomposamente, entre setins, rendas, fulgurações de jóias, deixando um rastro luminoso, as multidões seguem-na numa fascinação porque as mulheres predestinadas para a revelarem inspiram aos vivos a modelação mara-

vilhosa das futuras gerações, dos povos generosos e das raças livres que povoarão o globo e que serão já, plàsticamente, mais perfeitos do que a humanidade actual.

Plàsticamente e até moralmente, porque a idéa do belo, embora seja mais psicológica do que metafísica, é inseparável da idéa do bem.

A Beleza corresponde, de-certo, a uma necessidade colectiva das sociedades civilizadas, porque sem ela as doutrinas idealistas nunca teriam sido expressas e formuladas em linhas sintéticas, bastando as interpretações mecânicas para a compreensão do mundo.

Foi a Beleza que, curvando-se outrora ao ouvido das errantes populações da Ásia, lhes ensinou, em palavras eternas, as divinas estrofes dos hinos védicos; foi ela que inspirou aos crentes de todos os séculos as religiões e lhes revelou as divindades!

Essa Beleza andou sempre íntimamente ligada ao homem, quando êle, com Homero, gravava, em tabuínhas enceradas, os versos de ouro da *Odisseia;* compunha a *Teogonia* com Hesíodo; o teatro grego, com Éschylo, Sofocles, Aristófanes; as *Geórgicas* e as *Bucólicas* com Vergílio; *De natura rerum*, com Lucrécio; a *História dos Césares*, com Tácito!

Misteriosa e omnipotente, talhou nos mármores nitentes, a cinzel, a *Vénus de Milo*, a *Vitória da Sa-*

motrácia que, no alto duma escadaria do Louvre, bate as asas esplêndidas ao vento, as estatuárias de Fídias e de Praxiteles, os frisos do Partenon, as esculturas de Miguel Angelo. E também cinzelou, nos Paros transparentes, as linhas mais harmoniosas e nobres da antiguidade clássica.

Ela guiou a mão dos pintores que, com Fra Angélico e Botticeli, fixaram nas côres puras as Virgens por êles visionadas, em momentos de ascensão mística; que, com Rembrandt, imprimiram às máscaras humanas, por efeito do claro-escuro, um dominante poder expressivo; que, com Rafael, iniciaram uma Renascença; que, com Rubens, historiaram nas telas os príncipes faustosos; e que, com Leonardo de Vinci, perpetuaram nos lábios das Giocondas os sorrisos irónicos ou enigmáticos.

Se fazia confidências a Petrarca, a Beleza criava um lirismo inteiramente inédito para ser coroado com solenidade, de rosas virginais e orvalhadas, por um Anjou, no Capitólio de Roma; se dialogava, em instantes alciónicos, com Beethoven, escrevia a *Nona Sinfonia* ou a *Appassionata*...

Ela é tudo, efectivamente. O seu império terrestre, objectivo ou subjectivo, é duma extensão indeterminada. Quem diz Beleza — na expressão flagrante de alguém que não ignora as afirmações que ficam — diz ordem, equilíbrio, proporção, (tôda

a Grécia antiga!) e diz também vida, liberdade, enlêvo, magnanimidade, ternura, amor!

Nada mais desinteressado, certamente, do que sentimento da Beleza que, tendendo a comunicar-se, favorece por isso mesmo a expansibilidade dos afectos, das simpatias nascentes, da sociabilidade, aproximando os indivíduos por afinidades espirituais.

Não se notarão, neste sentimento admirável que apenas nos transmite emoções de ordem estética, os mais dúbios egoísmos. As sensações por êle determinadas em nós não se confundem com nenhumas outras.

Schopenhauer classificou a arte como sendo a única flor da existência: — e a arte é, afinal, uma conseqüência da Beleza ou, pelo menos, do esfôrço que o ser pensante empregou, através das idades, para a conseguir, fixando-a em realizações concretas, transformando a sua aspiração indefinida numa realidade tangível. Porque essa arte, ao contrário do que muitos julgam, não tem a verdade por fim exclusivo — tem-na por condição. O que ela visiona, de preferência, é precisamente a Beleza, em que extasia os olhos deslumbrados de claridade.

Não há, talvez, na vida, emotividade mais excelsa e mais nobremente criadora do que a da Beleza, que em nós provoca as mais variadas atitudes e os mais extraordinários estados de alma,

porque, em logar de apresentar ao nosso raciocínio fórmulas sêcas e abstractas, apresenta à nossa vista plásticas reais, côres, linhas.

É, incontestàvelmente, por esta particularidade que ela deve considerar-se como um dos principais elementos educadores, na incessante marcha das sociedades para os cimos iluminados, para um sonho de perfeição nunca atingido.

Se a noção da Beleza jazesse, perpètuamente, adormecida, se nela não tivesse havido, num momento essencial, uma aparição esplendorosa, o homem contemporâneo seria ainda o bicho solitário e feroz que se acoutava nas anfractuosidades das rochas, e não teria elevado nas atmosferas translúcidas as flechas das catedrais góticas; não teria cinzelado no ouro da linguagem a poesia que deu uma voz apaixonada e evocadora ao lirismo e uma eloqüência formidável às Epopeias.

Se fôsse insensível a essa Beleza miraculosa, o homem, sobretudo, não teria feito da mulher o ser de graça, de encanto, de delicadeza que êla é hoje, fruindo um intenso culto pela sua doçura, pela sua gentileza, pelos seus dons de abnegação e de sacrifício.

Ah! mas agora reparo em que, a propósito de algumas meigas violetas que incensam, com a sua fragrância, o meu gabinete de trabalho, me entreguei a bem estranhas divagações. É tempo de parar!...

Por estâncias de cura e de repouso

Com o verão, começa em Portugal o doce, o animado tempo das vilegiaturas, morrem as últimas rosas e principiam a cantar ao desafio, por canaviais e sebes, à beira de água, os roussinóis românticos que amam a placidez das noites êrmas e de luar. Ficar nas cidades quando o calor aperta e transforma a atmosfera numa fornalha irrespirável, seria uma vergonha social. As pessoas duma certa roda elegante — o mundo está ainda cheio de desigualdades e de preconceitos! — prefeririam tôdas as calamidades à tristeza de não poderem ir passar os meses quentes às praias, às termas, às estâncias de cura onde as andorinhas galantes se dão *rendez-vous!* Em julho e agosto, sobretudo, as ruidosas aglomerações de populaça onde o homem

contemporâneo teima em juntar-se, na ambição de conquistar mais fàcilmente os meios de levar uma existência desafogada, são inabitáveis. O sol, ardendo no céu em altas labaredas, faz delas braseiros: — e os que se costumaram a viver com certo confôrto lembram-se, então, de que para além das fileiras de casarias amuralhando ruas estreitas e limitando a linha do horizonte, há as extensas pradarias verdes, os bosques de boas sombras deixando caír das ramarias a fresquidão e o cheiro das seivas, as várzeas, as fartas terras de cultivo, as lezírias onde pastam manadas, os areais alvejando à luz, as rochas titânicas das costas, batidas incessantemente pelas ondas do mar saltando aos ares em lençóis líquidos franjados de espuma, as risonhas aldeias onde existem caldas que já tinham fama de milagrosas no tempo distante do romano astuto e dominador, as pacíficas quintas do Minho ou do Douro onde vão amadurecendo as frutas e onde os cachos de uvas já alouram ou ennegrecem, os recantos de idílio onde a serenidade é imperturbável e que por isso são admiráveis para as lentas convalescenças do corpo e do espírito.

Perturbados por estas recordações inefáveis, os felizes não se conteem. Entram em casa, mandam arranjar apressadamente as malas, metem alguns livros e algumas caixas de charutos no seu saco de viagem, fazem um saque ou contráem um emprés-

timo — porque a vida são dois dias! — e ala para os suaves repousos do Buçaco, floresta austera e religiosa plantada por frades que devem estar no céu, certamente, e que à fé cristã aliavam o amor pela natureza, Deus lhes perdôe êste sentimento pagão; para a Sintra encantadora que *lord* Byron cantou em versos de ouro, chamando-lhe Éden Terreal, antes de ter sido rudemente espancado por uns bêbedos, em Lisboa; para os dois Estoris donde se vêem passar, deslizando sôbre um mar tam azul como o que às vezes encontravam certos heróis de Homero, pequeninas barcas de latina branca e cheia de vento aberta à brisa; para o Bom Jesus do Monte, vasta serrania coberta de árvores frondosas e onde manam da rocha dura veios duma linfa fría e limpidíssima; para tôda a parte, enfim, onde seja possível deparar um repouso inefável e retemperar, reconstituir a saúde comprometida. Porque no estio, tanto as classes médias como as classes elevadas são, no meu país, extremamente doentes. Todos os seus representantes sofrem do fígado, dos rins, do coração, dos intestinos, da pele, do estômago, de anemia, de fraqueza, da garganta, dos pulmões!...

O que providencialmente nos vale é que a terra luzitana é, como nenhuma outra, rica em águas medicinais, tendo-as para tôdas as enfermidades. O Gerez, por exemplo, seria capaz de recompor a fi-

gadeira ao mesmo Prometeu, amarrado à célebre penedia do Cáucaso e devorado contínuamente pelos abutres. Ora, nenhum dos meus compatriotas padece mais do fígado — víscera importantíssima — do que aquela figura mitológica que inspirou a Éschylo versos maravilhosos, modelados e cinzelados no ouro duma palavra eterna. Como não hão de êles, pois, organizar romarias incessantes a essas termas incomparáveis!...

Nil novi sub sole!... Com efeito, todos os anos por esta época, quando assisto à debandada para os logares de recreio e de convalescença, evoco sempre o subtil cidadão da Roma augusta que conheceu, evidentemente, as três ou quatro verdades imortais. O romano, que tam destramente manejou um gládio com que dominou o mundo, não ignorou as virtudes terapêuticas das águas minerais, jorrando, cristalinas e enérgicas, do flanco da terra. As *élites* da vastíssima Rèpública, governada pela espada dos generais vitoriosos ou pelo punhal dos tiranos e onde a eloqüência humana, mais do que com Atenas, atingiu as alturas iluminadas, consagraram às termas todos os seus solícitos cuidados. Não havia cidade ou povoação importante em que, ao lado do circo, se não erguesse o edifício dos banhos.

Era até nas termas, por sinal, que se confinava quási tôda a vida mundana e social. Viam-se lá as famosas bibliotecas com os trabalhos manuscritos de poetas, historiadores e filósofos; os estabelecimentos luxuosos onde se exibiam as mais recentes criações da moda; os amplos quadriláteros mosaicados a pequeninos cubos de barro coloridos, onde se reüniam as personalidades que viviam pela inteligência e pelo espírito, enquanto os fios luminosos das claras linfas cantavam entre flores, correndo para dentro de taças de alabastro. As termas romanas eram a continuação duma rua vedada às plebes desgraçadas e onde ùnicamente passeavam as entidades ilustres pelo sangue, pelo nascimento, pelo génio, pelo prestígio cívico, pela coragem épica, pelo dinheiro, pela pompa. A existência dêstes sêres representativos decorria quási inteiramente nesses logares com ciúme reservados para os eleitos do Destino.

A humanidade actual, muito mais enfermiça do que a do tempo de Nero, de Heliogábalo, de Tibério, de Augusto, de Júlio César, não deixa de recorrer também às caldas que neste momento são, em tôda a Europa, sítios de pompa, de opulência, de esplendores teatrais — porque as mulheres, especialmente, não dispensam as magnificências do adorno e do vestuário em tôda a parte para onde forem...

Há, todavia, uma diferença entre as termas romanas e as da nossa época. O elegante da Roma vitoriosa que iluminou o orbe com o esplendoroso fulgor dos seus triunfos não se resignaria nunca a freqüentar uns banhos — mesmo essenciais à sua saúde — em logarejos rústicos onde não houvesse a comodidade que um grande centro de população oferece, o movimento, a graça, a finura de convívio: — e, aqui em Portugal, estamos ainda muito longe dêsses requintes.

As nossas termas, célebres na culta Europa, são tôdas em aldeolas onde os pintores de-certo encontrarão admiráveis e inéditos «motivos» para as suas télas; onde a frauta dalgum Pan invisível module músicas originais; onde as abelhas que fabricam o doce mel inspirariam páginas notáveis a Teócrito e composições dum lirismo puro a Vergílio, mas onde o conde de Orsay — ou qualquer outro iniciado da mesma estirpe — não residiria duas horas sem bocejar tremendamente. O que faltará, afinal, a êstes deleitosos logares com uma bucólica adorável em cada vergel, em cada campo de milheiral onde as levadas de rega reluzem ao sol como jóias, em cada pousío em que os rebanhos tosam as relvas sob a vara de zagalas cândidas e mais belas do que as de Rodrigues Lôbo? Para os que não gostam da paisagem nem dispensam a tagarelice dos Clubes, as discussões das *brasseries*, as intrigas

da política, as leituras dos jornais e das revistas do estrangeiro, os alfaiates do bom tom, os barbeiros excelsos que discutem Spinosa ou Bandarra, Einstein ou a Rèpública Social — sem a menor contemplação pela integridade da cara do freguês — às caldas nacionais falta a cidade. O romano teria encanado estas águas curativas e dum verde sombrio — como se nelas tivessem sido dissolvidas esmeraldas, para o banho dalguma Cleopatra — até às populosas urbes e ali se banharia nelas, para sarar dos seus achaques e para recuperar a beleza da pele e a elasticidade corpórea. Porque o romano era, no fim de contas, um citadino. E talvez que nisto esteja a razão da grandeza excepcional por êle atingida!...

Os portugueses do meu tempo, contudo, se são latinos, não devem ser tomados como cidadãos duma Roma sempre por êles repelida, até com as armas, desde Viriato. Tendo nascido numa nação agrícola, sentem uma simpatia profunda por estas estâncias salubres, aninhadas entre pinheirais de ramagens verde-negras ou árvores seculares de tronco musgoso e cheio de nós. E na verdade, eu — que sou melancólico por temperamento, que tenho a fóbia das multidões e que amo a solidão, como S. Bruno, acho-as deliciosas. Se fôsse possível

eliminar-lhes algumas coisas que as prejudicam, seriam mesmo sublimes!

Essas coisas são os pianos dos hoteis, tocados por *virtuosi* que Paderewsky de-certo condenaria à morte se os ouvisse — e as moscas. Sim, amigos! As moscas! Estas alimárias, mais atrozes do que as serpentes que se enroscavam no coração da Lacoonte, teriam mudado os destinos humanos, se Nero, Calígula, Denis de Siracusa, todos os tiranos, enfim, as tivessem conhecido ou por elas houvessem sido torturados durante duas horas. Picada por tais feras, Roma bradaria com exaltação:

— Cristãos às moscas!

Petrónio, levado ao suicídio pelo ódio de Tigelino, não abriria as veias no banho, falando serenamente, até expirar, com os seus admiradores. Nero tê-lo-ia condenado a alimentar enxames dêstes animalejos terríveis, que lhe beberiam todo o sangue!...

E mesmo para uma punição mais clemente do que a morte — embora mais dolorosa — que serviços imensos não prestariam as moscas inexoráveis que são, há vinte dias, as minhas flageladoras temíveis, nestas termas para onde vim com uma fé e um júbilo com que iria para uma fonte de Juvêncio, à procura da mocidade perdida!...

Ah! longe de mim a veleidade de pôr erratas à obra prodigiosa do Criador. Todavia, julgo que há

nela muitas superfluïdades. Ouvindo, ao ascender da lua, os roussinóis cantando pelas sebes versos de Bernardim Ribeiro e os melros assobiando pelas ramagens dos choupos composições geniais de Beethoven e de Schumann, fico-me a pensar para que servirá a mosca que faz a sua cura nas caldas e que é o tormento permanente das mimosas e róseas peles femininas e das carnes tanadas dos homens que tomam banhos de imersão e inalações e pulverisações. Para quê, bom Deus ?

Serão elas uma fórma da cólera divina e exercerão o papel de punidoras de pecados monstruosos ? Cumprem a missão superior de exacerbar o sofrimento das criaturas, para que, purificadas pela dôr, entrem no Reino da glória celeste ? Sorri-me esta última hipótese ! E sorri-me porque, se ela vier a transformar-se numa realidade concreta, então subirei à doçura suprema das regiões elíseas, tantos são os padecimentos a que tenho sido submetido pelas moscas, nas termas do meu país.

Oh ! mas agora, já entrevejo uma nesga de azul translúcido. Antes das toutinegras emigrarem, partirei eu também para a beira de água, vendo chegar as rôlas amorosas que fogem da cidade, para banhar o corpo de Afrodites nas ondas frias e tónicas do oceano, que restituem a energia e a fôrça aos organismos extenuados. Já elas, neste instante, se reúnem, arrulhando ; e não tardam a

levantar vôo pousando por todo êste litoral da Pátria portuguesa fulgindo de areias de ouro que rebrilham ao sol e semeado de sossegadas aldeias ou cidadezinhas tôdas brancas e adormecendo ao embalo do mar, com bandos de garças reais ou de alciones que o mar enfeitiçasse. E estas rôlas aliciantes surgirão com o mesmo esplendor de indumentária que as suas irmãs em Eva exibiram nas termas — reluzentes de pedrarias ofuscantes como Poppeas ou Cornélias, outrora, nas vias de Roma. Porque, sem êsse esplendor e sem os seus livros de versos e os seus cadernos de música, é que elas não sáem da casa na cidade — essa cidade a que ninguém que se preze voltará antes de outubro e do caír das fôlhas amarelas e mortas na poeira dos caminhos e quando já um pintor precursor do outono começar a tocar os céus e os panoramas com as suas tintas douradas...

A tristeza de envelhecer e a fé

Tam desolada e triste é a vèlhice para as almas delicadas que já, no nosso tempo de cóleras, de combates e de abnegações, sentem a necessidade de consolá-la alguns dos povos mais cultos do globo. O desgôsto dos que envelheceram e que foram, todavia, portadores dum verbo excelso, duma arte inédita, duma sciência profética ou dum ideal de elevada beleza, mais se exacerbará nos séculos de civilização requintada como o que atravessamos e em que os gozos mais intensos são essencialmente materialistas.

Na sua dolorosa decadência, os vélhos representam o passado e fazem a sua derradeira jornada, descendo a encosta da montanha simbólica donde outrora contemplaram o vasto mundo, ex-

tasiando os olhos cândidos no esplendor da luz. Como não podem acompanhar a mocidade vitoriosa na sua marcha para o futuro, cantando para os astros os seus hinos de alegria e confiança, relembram com saüdade infinita os dias extintos em que eram moços também!...

É precisamente com uma profunda pena de tudo quanto foram deixando pela terra fóra, atrás dos seus passos, que os homens, devorados pela febre sensualista, temem a hora presaga da decrepitude — que a Roma de Cícero venerou e que Atenas cobriu das perfumadas rosas helénicas, amadas dos Deuses. Viris, enérgicos, afirmando-se mais pela vida física do que pela vida mental ou espiritual, êsses homens foram os Adões que povoaram um maravilhoso Éden Terreal em que as próprias serpentes tentadoras constituiam um dos maiores encantos. Nas varonis manhãs de sua primavera, julgaram-se os senhores omnipotentes dum universo que para êles apenas tinha deliciosas surprêsas como, para os cavaleiros da Távola Redonda, os misteriosos jardins do rei Artur que Tennyson evocou, na voz de ouro dum lirismo incomparável. Era para êstes predestinados que os lábios femininos aliciantemente sorriam e que as abelhas quiméricas, mais diligentes do que as do Himeto, fabricavam o louro mel da felicidade, zumbindo noite e dia em fantásticos roseirais de

sonho. Êles teriam tudo em que pusessem seu sentido : — corôa de potentado, espada invencível e mais fulgente e heróica do que a de Titurel ! Todos os prazeres que a esfera terrestre pode ofertar amadureceriam como belos, saborosos e dourados frutos ao alcance das suas mãos. Para qualquer ponto que dirigissem seus passos, eram sempre acompanhados pela imagem tangível da Graça, ainda tôda resplandecente por ter cruzado, no seu alacre vôo, as sagradas regiões da claridade ! . . .

Oh ! mas, um dia, a vèlhice apareceu e tudo se transfigurou imediatamente. Os aventureiros da Ilusão, entrados de súbito na realidade amarga, foram expulsos do seu Paraíso imaginário como Adão depois do pecado. A partir dessa hora sombria sentaram-se, soluçando, à espera da Morte. E, contudo, à sua volta, a natureza rejuvenescia e ondulavam ao sol criador as messes da abundância...

Foi, de-certo, para suavizar esta dor imensa — em que se abisma a oração dos que a idade faz tropeçar na beira dos sepulcros — que se fundou em Paris, a urbe esplêndida que é um lúcido resumo da civilização actual, uma generosa e original Associação, composta de personalidades que decidiram consagrar-se com sinceridade aos vélhos, tornando menos melancólica a sua solidão e menos desagasalhado o seu inverno.

Que processo empregarão para isso ?

Naturalmente, pelo convívio íntimo, farão rir em redor dos que envelheceram uma jovialidade amável e permanente. Os doces vèlhinhos de olhar ingénuo e inocente como crianças, rostos de santos ou de heróis de pele enrugada como pergaminhos seculares, fala-sós de singulares manias que andam à procura da ave sideral da esperança fugida do seu peito e que jàmais encontrarão, hão de ser amimados por mãos inefáveis que conhecem o segrêdo dos afagos que tocam o sentimento. Haverá para êles as gulodices que tanto a senectude como a puerícia adoram, os livros de estampas, os museus e as bibliotecas especiais, os jogos, as representações dramáticas talvez semelhantes àquelas que George Sand oferecia outrora aos seus netos e em que os actores eram bonecos movidos por arames, mas que a-pesar-disso conheciam Shakespeare e os grandes poetas...

Isto é, incontestàvelmente, muito simpático e denuncía uma subtil finura de sentimento na humanidade de hoje. Será sempre divina e digna de bênção a piedade que fizer reviver um minuto de enlêvo na emoção dos que, cumprida a missão para que nasceram, começam desde logo à busca da fria pedra em que terão de pousar a cabeça para morrer, no meio dos egoísmos e da indiferença dos que vão para as alvoradas vindouras, entoando os seus cânticos de saüdação e de amor...

Mas, haverá possibilidade de consolar o ser consciente que a vèlhice forçou a renunciar aos esplendores terrestres a que êle se agarra, com desespêro, diante da iminência de perdê-los? Creio bem que não.

Não existem consolações humanas capazes de secar lágrimas saüdosas em olhos que contìnuamente fitavam, num deslumbramento, os espectáculos exteriores da vida, mesmo através de angústias, de padecimentos, de iniqüidades, de perversidades, de injustiças. Para que isso acontecesse, seria preciso que os vencidos tivessem aprendido a resignação pelas suas atitudes espiritualistas, em face dos problemas eternos e do aniquilamento, alumiados pela radiação duma crença que nunca experimentasse crepúsculos ou esmorecimentos.

O facto que me serve de tema emocional para esta página surge, no entanto, ante o meu entendimento, como sendo a conseqüência dum intenso remorso e o início duma purificação. Na realidade, a inexorável dor contemporánea deriva da ausência da fé religiosa — ausência que esterilizou os espiritos e que, julgando libertar, pela revelação duma verdade sciêntifica, apenas tornou mais dura e tirânica a escravidão e mais pesada a cruz que o

homem carrega, arquejando, para o seu calvário. Os filósofos racionalistas entregaram-se, durante inquietos e longos anos, ao trabalho estranho de eliminar o Deus do Catolicismo que prometia às criaturas uma outra vida para além da actual, num mundo astral e de maravilha, onde constantemente brilhava um sol áureo e rutilante e onde o sofrimento era desconhecido, vicejando perenemente no vermelho cravo das bôcas um riso angélico. Escalando as alturas luminosas, mais feliz do que os Filhos da Terra varejados pela maça de Hércules, o racionalismo gritou cá para baixo que o céu estava completamente deserto e que Deus não passava duma ficção engenhosa, para que os poderosos mais fàcilmente dominassem as multidões de escravos. A partir dêste funesto instante, a miséria do homem intensificou-se mais. Com êsse Deus vago, invisível, hipotético, negado pelo materialismo com tenacidade, o nosso semelhante tinha a certeza da imortalidade da vida. Quando se afundasse nos fúnebres covais, não tardaria a ressuscitar numa pátria celeste, florida de constelações radiosas e que ficava para lá das nuvens de púrpura e ouro em que antigamente viajavam as Divindades do Paganismo, nas remotas éras em que Anacreonte calçava de coturnos de beijos os rosados e pequeninos pés das filhas da Grécia, que faziam peregrinações religiosas a Eleusis e aos

templos em que Vénus sorria aos fieis, de cima do seu altar. Sob a proteção do Deus todo poderoso do Catolicismo, os vivos nunca morriam. Adormeciam um momento, na terra transitória, para logo despertar na glória eterna. Por isso mesmo, a Morte, em vez de ser temida, foi desejada com ansiedade...

Hoje, o que era confiança e serenidade transformou-se em dúvida e terror.

A sciência afirma que se morre definitivamente e que não há ressurreições nos túmulos.

Tendo demolido tudo, os filósofos e scientistas pouco ou nada edificaram sôbre as ruínas. Portanto, quando a rês pensante da actualidade — como diria Eça de Queiroz — vê aproximar-se a vèlhice, vindo lembrar-lhe sarcàsticamente que a scentelha vital não tardará a apagar-se no seu cérebro, delira de pavor e o seu mal é inconsolável. Isolada ao seu canto, desvairada, de mau humor, assistirá com inveja às descuidadas e primaveris romarias da mocidade, desfilando, de braços enlaçados, para o porvir, entoando os seus louvores ao amor, à fortuna e deixando pelo caminho que trilham um sulco resplandecente e um idílico murmúrio dos beijos que se trocam. Para os que envelheceram e ainda olham, suspirando, tudo o que passou, só havia um consolador único: — aquele que remoçou o Doutor Fausto, dando-lhe a ado-

ração da Gretchen de fulvas tranças que na sua roca de cristal fiava raios de luar.

Qual seria a vèlhice — a não ser a dos santos — que por um dom idêntico, não cedesse, também, a alma em troca ?...

A «Garden Party»

De tôdas as diversões mundanas de verão, as que mais interessam o meu espírito e impressionam a minha sensibilidade artística são as *garden parties*, pelo que nelas há de cativante, de primaveril, de colorido, de requintado, de encantador. Nada mais belo e mais atraente, com efeito, do que êsses ranchos ágeis e inquietos de adolescentes, de perfil fino de medalhão antigo recortando-se nítidamente no puro disco da luminosidade virginal, e do que essas mulheres namoradas, palrando, chalrando como aves novas, valsando e sorrindo nas maravilhosas scenografias dos jardins, que de abril à última semana de setembro, em Portugal, são deliciosos sítios de repouso, de ternura e de enlêvo, com seus arvoredos cobertos de folhagens sempre

lustrosas, suas alamedas com clareiras em que dorme a luz dourada, seus lagos em que marulham linfas cristalinas e suas fontes ocultas em que o jôrro scintilante da água contínuamente canta não sei que saüdades, que poemas líricos ou que divinas lendas pagãs.

Existe uma aliança íntima da mocidade da natureza e da mocidade feminina. Entre flores e entre perfumes, um lindo rosto ganhará mais graça e mais beleza, adquirirá um maior poder de sedução, porque a poesia envolvente, reflectindo-se nas almas, fará desabrochar os infinitos sonhos de ventura, de glória, de triunfo, produzindo uma alegria interior que se espelhará nas frontes cândidas.

Depois, nas festas ao ar livre, há uma leveza, uma vivacidade e uma desenvoltura que não se encontram nas salas, no meio de convenções, de solenidades cerimoniosas, de pesadas atmosferas artificiais, em que cada palavra, cada gesto, são determinados por um rígido protocolo. Começa logo pela *toilette*. Os salões exigem os vestidos de longas caudas, os veludos altivos, os penteados em que a arte esgota a sua fantasia para enquadrar na moldura dos cabelos certas cabecinhas ideais, os decotes, as jóias que resplandecem e acariciam com línguas de lume as epidermes delicadas. Tôda a espontaneidade, rudemente comprimida neste ambiente de pompa estudada, desfalece ou morre.

As mais irrespeitosas audácias, sob o olhar observador de uma sociedade exteriormente austera, encolhem-se de susto, no receio das ridículas quebras de linha, da picada dolorosa das ironias, dos sarcasmos contundentes, dos murmúrios de reprovação. Um mal estar permanente não deixa expandir completamente as personalidades, sendo os momentos que passam maculados de mentira — uma deplorável mentira que envenena moralmente e em que cada individualidade tem de representar, nem sempre com talento, para se mostrar por um aspecto psicológico diferente do que é. A verdade põe a sua máscara, justamente como a tragédia grega, para esconder-se.

Na *garden party*, pelo contrário, essa verdade exibe-se em pleno esplendor, sem disfarces, sem sentidos ocultos, sem preocupações que a atormentem ou a conturbem. Os setins, as sêdas, as sumptuosidades, são substituidos pelas musselinas, pelas gazas vaporosas, pelas cambraias, pelas rosas, pelas rendas, pelos leques, por alguma discreta pedra preciosa fulgindo na carnação dourada dum colo de modelação impecável ou nos dedos esguios, longos, afusados e magros duma branca mão aristocrática:—e esta simplicidade, de gôsto tam subtil, predispõe bem os contempladores e os visionários incorrigíveis da perfeição.

A jovialidade vôa irrequieta no remígio das suas

asas ligeiras, formam-se grupos, conversa-se, ri-se, com absoluta naturalidade. Notas maravilhosas de luz, de céu azul, de aromas, de ritmo, de elegância, surpreendem de instante a instante os temperamentos sensíveis. As damas que viveram o seu tempo docemente e que ainda se não resignam sem consternação às tristezas do envelhecer, conservam-se um pouco afastadas dos folgares dos que vão para o futuro com a esperança e a ilusão no sentimento — e recordam saüdosamente uma juventude efémera que tam de-pressa feneceu e que já vai muito longe na curva duma estrada de claridade que os olhos mal alcançam, embora M.me de Girardin tivesse afirmado, numa página célebre, que a mulher encontrára, finalmente, uma fonte de Juvêncio para dar frescura à sua face e tingir os seus lábios duma tinta escarlate.

Ah! quantas delas — e êste acto é bem humano! — imitariam o exemplo do Fausto germânico, para regressarem à florescência incomparável dos vinte anos! E quantas invejarão com ciúme as próprias filhas!

Por vezes, quando o som dum violino maravilhoso sóbe na limpidez do ar,—porque a *garden party* precisa de sol fulgurando no alto—animam-se danças e a valsa, aérea, harmoniosa, alada, duma ligeireza de sílfide, coleia-se, ondula por entre troncos musgosos, por entre ramarias verdejantes, por entre

floridos canteiros, descrevendo caprichosas volutas, espiralando-se, voando na inefável brandura da aragem perfumada, até caír de fadiga e de contentamento sôbre um acolhedor banco de cortiça, quando a música expira como uma canção de amor que finda.

E que doces romanticismos! Nas sombras afagadoras conjuga-se suavemente o verbo *To flirt;* pelos regaços moles vão tombando lentamente as florações dos madrigais; ressoam gargalhadas francas e tilintantes como um cristal que se parte; agitam-se nervosamente os leques, que são, na frase justa dum poeta galante, a melhor arma de defesa do « Eterno Feminino » — esses leques a que os bizarros pintores japoneses Hokusai e Outamar inspiraram a decoração com suas paisagens estranhas, e que tanto encobrem uma comoção como uma zombaria ou um desprêzo. A amplitude dos jardins enche-se de alarido, de sussurro, de gritinhos abafados. Através dos tufos de folhagem surgem e desaparecem repentinamente brancuras de vestes que a brisa impregna de fragrâncias, de hálitos de corolas virgínias; há, por cada recanto, originais motivos de aquarela, temas para composições de Watteau, Fragonnard, Chardrin... Lawrence ou Greuze encontrariam nestes festivais, que fazem o encanto do mundanismo da nossa época, os modelos maravilhosos para as suas télas.

Que magnificência, a destas *kermesses* de beleza! A claridade que baixa das alturas celestes como um afago, esculpe admiràvelmente os bustos, imprime nitidez às formas, idealiza-as! Há fugidios toques de luz nas nucas onde se enrola a massa dos cabelos presos por pregos de tartaruga com incrustações brilhantes, nos ombros de ave, nos lóbulos côr de rosa das orelhas em que fulguram os fogos surdos das pérolas de íris oriental. Essa luz é a grande, a milagrosa reveladora da formosura e por isso mesmo tanto a amaram os gregos!

A mim, que sou um contemplativo, os jardins, durante os meses do seu triunfo, emudecem-me. À sua roda tudo se pacifica, a solitude torna-se mais profunda, enquanto a minha vida psíquica se intensifica.

Dir-se-ia que me entra na alma o frio especial de que fala Gœthe — frio que gela as palavras nos lábios, que se transmite à voz, — e que apenas a imaginação pulsa e trabalha contínuamente. Mas eu sou um melancólico, adoro a serenidade, o silêncio, o isolamento — e a *garden party* é uma festa esplêndida para as juventudes que vêem o mundo com olhos de êxtase, e não para aqueles que vão descendo a encosta da colina sagrada, voltando-se sobressaltadamente para trás.

Apraz-me confessar que não sei de scenário mais concordante com a exibição da gracilidade

das mulheres, as vitoriosas tentadoras que os homens seguem submissamente, do que êsses jardins de encantamento, resplandecendo o exalando-se em eflúvios perturbantes sob o banho fluido e rutilante do sol que os pincela de ouro, lhes insufla uma alma, quási uma consciência, quási uma virtude de sentir e de compreender. No vagaroso desfilar das idades e das civilizações, tiveram sempre uma influência decisiva no amor. Era neles que Helena e Semele esperavam Júpiter, o Pai dos Deuses, nas noites luarentas ou nas auroras gloriosas. Semiramis tecia a teia feliz dos seus sonhos entre as flores. Romeu, quando ia às românticas entrevistas com Julieta, a solitária amante das luas de Verona, ficava horas esquecidas no jardim da bem-amada, a ouvir os roussinóis cantar nas sebes em flor. Ainda hoje não perderam o seu mágico dom — e a *garden party* é, conjuntamente, um divertimento e um culto a Éros — mas um Éros que traz rabona em vez de asas, que calça botas de polimento e luvas de camurça branca, que manda fazer as suas roupas a discípulos do Pool, que usa monóculo, que, em vez de carcaz e de setas, maneja *badines* de castão de ouro e que aspira à felicidade — com uma noiva rica.

Julgam, porém, que a *garden party* é uma criação recente? Ah! não! A antiguidade clássica, que possuiu um subtilíssimo senso artístico e que soube amar a mulher com uma intensidade e uma constância que as amargas realidades da existência foram gastando e enfraquecendo, inventou êsse recreio muito antes da Inglaterra ter composto os vocábulos com que o designou. Já Plínio, o moço, alude, em páginas sonoras e lapidares às festas deslumbrantes nos jardins com que Tarqüínio, Lúculo, César e Pompeu surpreenderam a Roma vencedora. A essas festas, que a história imortalizou para que à nossa época chegasse a sua imagem verdadeira e um pouco da sua fulguração, concorriam tôdas as patrícias de esplendorosa beleza que faziam a iluminura galante da Via Ápia, e todos os moços nos anos viris da toga e das honrarias. Scintilantes das pedrarias mordendo as púrpuras e as sêdas com os seus brilhos, as romanas espalhavam-se pelos parques como um bando de Graças, seguidas pelos apaixonados que as veneravam como a ídolos vivos — e ídolos tirânicos, impondo a sua vontade, as suas fantasias, os seus desejos, aos crentes prosternados; curvavam-se sôbre as piscinas, onde nadavam peixes de escamas reluzentes como diamantes, como topázios ou como corais; colhiam nos vergéis braçadas de flores or-

valhadas; dançavam ao som dos crótalos de buxo e depois, extenuadas, passeavam pelos arruamentos, recitando versos de Horácio, de Vergílio, de Catulo, ou pousavam nos triclínios, comendo bolos de mel e bebendo o aromático vinho leve que amadurecia nas fecundas terras de Canópia e que escravos dóceis conduziam em ânforas helénicas.

Que esplendor não teriam atingido estas celebrações ofuscantes nessa faustosa Roma que então dominava o globo e que do cimo das suas colinas fitava os povos subjugados, no orgulho da sua riqueza e da sua fôrça prodigiosa! Naturalmente, as *garden parties* de hoje nada mais representam do que uma imitação, bem pálida e mesquinha, daquelas a que se refere Plínio.

Mais tarde, durante todo o século XV, nos derradeiros anos da Idade Média, os sumptuosos Médicis, em França, renovaram, com opulência e luxo, essas distracções, convidando para elas tôda uma aristocracia altiva, que era uma pura floração humana.

No século XVIII, Maria Antonieta, uma beleza austríaca loura que lembra os Sèvres e os Saxes do mais elegante galbo, continuou os mesmos festivais, juntando-lhes atractivos inéditos. Em Versailles, no Petit Trianon, as duquezinhas e as princesas do séquito real embarcavam para Cithera, nos lagos de mansas e transparentes águas, sob os

sicómoros, ao som das frautas e dos arrabis tangidos por pastores deitados nas relvas húmidas — pastores que eram poetas e que morriam a cantar, como aqueles roussinóis amorosos de que fala Bernardim Ribeiro. Em certos dias, a raínha e as suas damas fabricavam manteiga nas granjas, faziam queijos nas queijarias ou apascentavam cordeiros alvos nas pradarias do seu idílico retiro — já quando explosões subterrâneas anunciavam a Revolução próxima, trovejando na eloqüência de Mirabeau ou ameaçando no verbo inflamado de Robespierre, e já quando se afiava o cutelo da guilhotina que havia de decepar dum só golpe a mais gentil cabeça de soberana que olhos humanos ainda viram.

Passados os furores revolucionários, que encharcaram a França de sangue, nascido e morto o primeiro império, Napoleão III ressuscitou, em Saint-Cloud e em Versailles, as poéticas festas em que fulgia a graciosidade dominadora e irresistível da imperatriz, essa Eugénia de Montijo que há meio século a guerra franco-prussiana atirou com fragor abaixo dum trono e que arrastou pela Europa uma vèlhice venerável, porque a desgraça a purificou, a ungiu e a espiritualizou, podendo assistir ainda, antes de morrer, à derrota da Alemanha que vencera em Sédan...

Eis, em traços apressados, alguns episódios da história da *garden party*, modernamente posta em

moda pela gente do bom tom, a gente representante duma sociedade que vai talvez findar dramàticamente, no vortilhão do conflito universal, catástrofe que reorganizará o mundo culto em bases desconhecidas, mas de-certo amassadas com heroísmo e sangue nos campos de batalha.

Dos jardins das realezas que ainda subsistem, neste crepúsculo elegíaco em que todos os privilégios se afundam, a *garden party* deslizou para os jardins da fidalguia, para os parques das embaixadas e das burguesias, generalizando-se; e são raros os dias dos estios ensoalhados e fulgentes de luz em que ela não oferece aos que vivem no tumulto dos folguedos e dos divertimentos, as suas horas deleitosas, de repouso, de gentileza, de comoção e de amor, no meio de árvores verdes, de cantigas errantes de fontes, de veludosas sombras, de aprazíveis convívios, de romances líricos que começam ou que acabam entre alegrias ou despeitos.

Até fins do outono, a *garden party*, adorável frivolidade da nossa civilização, é a soberania das elegâncias de Tanagra!...

Como os vélhos e as crianças vêem o mundo

Caem-me, inesperadamente, sob os olhos, por esta límpida e bela manhã de inverno em que tôda a terra está cheia de luz, algumas considerações filosóficas, inspiradas por uma dôr secreta ou por uma oculta amargura, que eu de-certo não deixarei passar sem ligeiros comentários, tanto mais que o esplendor matutino, a radiação da claridade, a alegria e a graça espalhadas na paisagem pelo bom sol de Deus transmudam o meu vago pessimismo, nesta hora inefável, num doce optimismo. O autor do livro que me dará o tema original para esta página afirma que são os homens que entenebrecem a existência, matando nela a felicidade, e lamenta que êles não vejam sempre o mundo pelos olhos cândidos, virginais da infância. Há nestas

palavras, com efeito, alguma verdade. Também eu creio que o ser pensante é o maior inimigo de si próprio e que por suas mãos arranja a cruz que o esmaga através do caminho da vida, que é o seu rude Calvário. Desviou-se, inconsideradamente, das luminosas veredas floridas que conduzem ao simbólico Palácio da Ventura, movido pela ambição, pelas aspirações impuras da riqueza, do gôzo, da preponderância social, minado pelo ódio, pela inveja, pela sêde insaciável do prazer, afastando-se, por isso, das idílicas regiões da Terra da Promissão, onde encontraria, com a pacificação e o repouso, a serenidade espiritual, o amor, a concórdia. E é em vão que o Cristianismo, há centenares de anos, procura orientá-lo, para que êle, novamente, reencontre os trilhos perdidos, iniciando com segurança a sua reveladora jornada para o futuro.

O que resta saber é se êsse desvio derivou duma falta humana ou se resulta duma fatalidade e de leis ignoradas contra as quais nada podemos. Eu creio que as criaturas conscientes nada mais são do que simples joguetes dum Destino misterioso, não conseguindo libertar-se nunca da sua condenação. Como as fôlhas das árvores sôbre as movediças águas dum rio, vão para onde a corrente as leva. Não se impõem: — obedecem dòcilmente. Não manifestam uma vontade: — são governadas

por um poder superior ao seu, dirigidas por uma energia oculta.

De-certo que as crianças que abrem, pela primeira vez, o olhar angélico à luz do céu, hão de ver as coisas que as rodeiam por um modo bem diverso daqueles que vão no fim da sua caminhada áspera e que começaram a descer a encosta da acidentada montanha a que tinham ascendido confiadamente nas alvoradas vitoriosas da mocidade em flor.

O que para a puerícia é côr, encanto, luminosidade, triunfo, torna-se, para os adultos, em tristeza, ângustia, desalento. A vista purificada dos pequeninos não conhece as sombras, os crepúsculos, as meias-tintas, a dormente espiritualidade dos ocasos, em que tôdas as nuanças desfalecem. Para essa vista tudo é resplandecente, maravilhoso, assim como para as almas na sua aurora profética tudo é bondade, poesia, formosura, esplendidez! Aquele que num dia de iniciação, com aves do Paraíso cantando pelos arvoredos e fontes cristalinas correndo nos vergéis perfumados, principia aventureiramente a sua viagem para o porvir, entoando a plenos pulmões uma canção namorada à dita de viver, vai deixando atrás de si as suas ilusões, as suas confianças, as quimeras apenas entrevistas em devaneios. Ainda sobe, psalmeando sempre um hino de reconhecimento, a ladeira da serrania onde as frontes scismadoras dos Deuses

sorriem com suavidade aos mortais: mas, no dramático instante em que desce dos cimos rutilantes, logo no seu coração morre, como uma balada de amor que finda, o puro fulgor da crença que o transfigurava.

Foi êle culpado desta mudança aflitiva? Certamente que não! O seu maior, o seu mais veemente desejo seria o da imortalidade — não a imortalidade do espírito ou do sentimento, mas a da carne, a da personalidade, a do corpo, porque sòmente esta o satisfaz e tranquiliza nos pavores de aniquilamento que continuamente se erguem ante sua imaginação exaltada. Inùtilmente se insurgirá contra tal declínio: inùtilmente pretenderá deter a sua quéda vertiginosa, agarrando-se com desespêro a tôdas as fórmas inanimadas que encontre. Irá descendo sempre, impelido por uma fôrça sobrenatural, empurrado para a frente por braços mais vigorosos do que os seus, embora invisíveis: — e, na descida que só parará nas paragens solitárias e sombrias do não-ser, a escuridão aumentará de momento para momento até se fechar de todo. Ora, compreende-se que o indivíduo submetido a esta tortura implacável não contemple a natureza ambiente com os olhos alegres da juventude em que o translúcido azul sidéreo ainda se reflecte maravilhosamente!

A criança tem, com efeito, uma psicologia —

porque existe uma meninice da alma: mas, tal psicologia é absolutamente oposta à da vèlhice. Na puerícia, o espírito está por evolucionar. Os começos, as incertezas, as hesitações da inteligência infantil, quási instintiva, as suas idéas, as suas tendências, os seus hábitos, a sua visão rudimentar, tam singelas em relação às nossas, estabelecem uma diversidade evidente. Há mesmo uma diferença essencial, no dizer subtil de Mallet, entre as faculdades morais dos pequeninos e as dos adultos, não ùnicamente pelo que respeita ao desenvolvimento, que é muito menor, mas ainda pelo que respeita à fórma, que é outra.

Como se quere, portanto, que as idades por florir, e as que já floriram e frutificaram, vejam os espectáculos envolventes por um prisma idêntico? Será inteiramente impossível. Para que isso acontecesse, seria necessário que as criancinhas—anjos louros que constituem o encanto indizível dos lares, florações divinas consagrando as adorações terrestres -- nascessem já vélhas, fazendo a sua solene entrada na existência amparadas a muletas! Ah! não! Essas criancinhas representam as épocas vindouras, serão as legiões batalhadoras e gloriosas de àmanhã, trazem o lábio vermelho cheio de segredos que apenas revelarão mais tarde! O que para nós é já scepticismo, para elas é a verdade! O que, para os que vergam sob a carga violenta dos

anos, é o padecimento, a desilusão, a crueldade, a maldade, o rancor, a fúria concentrada, o terror, a sordidez, é para elas o viço, a frescura, a magnanimidade, a fé, a veneração sem mácula, a gracilidade, o riso alvorecente!

Os nossos olhos vêem tudo negro: — os olhos delas vêem tudo côr de rosa. Nós negamos com obstinação, com teimosia irredutível; elas afirmam com sinceridade, com júbilo. À beira do túmulo a que chegamos, numa peregrinação lúgubre, a voz sonora e terrível dos ventos sacode e arranca as derradeiras florações e recita um cantochão mais pavoroso do que o *Dies iræ* dos Dominicanos; junto do berço em que a infância dorme velam as divindades propícias; flutua a música dos ninhos em abril; zumbem as douradas abelhas fabricando, nas colmeias de maio, o doce mel dos alados sonhos. No nosso coração, o lume vivo das paixões queimou as flores das mais belas e nobres emoções; o coração das crianças é ainda um jardim que espera ansiosamente a sua primavera romântica, para se cobrir de florescências. As nossas orações são, por vezes, um grito lancinante: as preces infantis são sempre um murmúrio de esperança e de infinita inocência. Na nossa bôca, as palavras uivam, rugem, choram, são acusações e queixumes ou são blasfêmias; na bôca da puerícia, essas palavras são sempre estrofes olímpicas dum poema que há

de completar-se mais tarde, sorriem, sussurram como beijos, louvam, amam, acariciam, consolam ! O que para nós é a noite eterna que baixa apressadamente, é para os que ainda não viveram uma fina madrugada que se levanta como uma hóstia de luz subindo no espaço. Nós já não cremos em nada : as crianças não sabem negar. Para elas tudo é verdadeiro. Na nossa via dolorosa e lacrimosa, a todo o momento encontramos espinhos em que os pés se rasgam, sangrando : — na sua via-eliseal elas sòmente deparam corolas que se exalam em aroma. O que à nossa razão aparece como o fim de tudo, surge à emotividade delas como um princípio.

Como podíamos, pois, olhar o que nos cerca com os olhos dos que não se costumaram, no seu descuido matinal, a afirmar-se demoradamente, pretendendo violar mistérios, mergulhar com avidez na essência das coisas ? Distanciamo-nos enormemente dos que, saíndo, balbuciantes, dos seus bercinhos leves como nuvens, deram os primeiros passos, auxiliados pelos amorosos braços maternos — e aprendemos a ver com uma subtileza e um dom de análise desconhecidos dos que ficaram muito longe. Para que êles sejam iniciados, é preciso que façam a mesma jornada ! . . .

E antes nunca a fizessem, afinal! Pudessem êles, milagrosamente, não ultrapassar jàmais os limitados espaços em que a infância os confinou, porque seriam mais felizes.

Ser para sempre ingénuo, simples, pueril; trazer florindo nos lábios virgíneos, que o veneno da mentira não crestou, o botão dos beijos; não ter ambições; ser indiferente aos amargos conflitos do bem e do mal; rir contínuamente; não chorar nunca; afirmar com a convicção íntima e inabalável dos que ignoram as negativas; antepor as certezas às dúvidas, sem nos curvarmos sôbre as almas como quem se curva sôbre um abismo — que sorte entre tôdas ditosa!

Mas, poderá o homem, por única determinação sua, prolongar indefinidamente a infância que é a quadra mais venturosa e bela da sua existência? Dependerá de si parar o curso da idade — como o personagem bíblico que mandou parar o sol — e fugir à vèlhice? Não! E daqui provém todo o seu infortúnio e a melancolia da sua transitória passagem pelo globo, que não conduz a um estado imortal mas à mudez glacial da sepultura. Avançando em anos, a rês pensante modifica-se constantemente. Não é só a degradação física que perturba as linhas harmoniosas do seu corpo e tolda a irradiação da sua beleza. Os sentimentos da inti-

midade moral e a potência do intelecto também se conturbam nêle. Está nitidamente verificado que tôda a criatura humana é variável nas diversas épocas da sua vida. A inconsciência da infância é, mais tarde, sagacidade, perspicácia mental, engenho. A confiança da adolescência é, na vèlhice, tormento pessimista. À generosidade da juventude sucede o egoísmo dos adultos.

Para conhecer perfeitamente o nosso semelhante é indispensável estudá-lo com minúcia em tôdas as suas idades e na actividade intelectual ou material que, através delas, o caracterizou . . .

Não! Os que começam a vida não teem do mundo a mesma visão que os que dela estão próximos a saír pela porta fúnebre que abre para os tremedais de que se não volta. Para uns — os que abrem, num deslumbramento, os olhos à luz — essa vida é um maravilhoso encanto em que a dor não tem raízes, em que sòmente haverá doçura, abnegação, esplendor. No dourado fulgor da claridade, amadurecerão as messes ondulantes, perfumar-se hão as frutas pelos pomares, sonharão purezas os ninhos nas sebes, uma inquieta Musa virgiliana pulsará, noite e dia, as vibrantes cordas da sua lira, haverá abundância, fartura, pão para tôdas as fomes, agasalho para tôda a nudez, consolação para tôdas as lágrimas! Essa vida, tal como a vêem as crianças, será semelhável a uma árvore

frondosa em que brilhem pomos de ouro oferecendo-se a quem os quiser colher. O Destino dispõe que êstes celestes iludidos, antes do sofrimento inevitável, tenham o seu minuto de enlêvo...

Para outros, porém — para os que já viveram, a existência é um castigo, uma expiação, um tormento de que só o coval redime. E porquê, porquê? A que se deve um tam flagrante antagonismo entre a juvenilidade e a vèlhice? Que idéa tremenda separa as crianças de hoje dos homens que ainda ontem eram moços? A idéa da morte! É ela a funesta geradora da infelicidade contemporânea, desde que a fé esplendorosa e redentora morreu nos espíritos, batida pelas tempestuosas rajadas da filosofia racionalista. Na hora pavorosa em que se convenceu de que morria para sempre e de que na sepultura não haveria ressurreições, o homem abismou-se, de fronte pálida e meditativa, numa concentração penosa em que a sua alma se enche de desgôsto e o seu rosto se cobre de vincos e rugas. É o momento da estilização intelectual em que se olha para trás, para o que se abandonou, com uma saüdade imensa; é a hora crepuscular a presaga que já outrora inspirou a Miguel Angelo Buonaroti, o genial escultor de *Moisés*, estas palavras profundas e inolvidáveis: — *Non nasce pensiero in me che non porti sculpita la morte!* É o minuto assustador em que se recordam, tremendo, os versículos

do *Livro de Job: — O tempo do homem sôbre a terra é limitado, e os seus dias são como os do jornaleiro.* Como hão de os que assim pensam considerar o mundo como o considera a infância que ainda não pensou? Os vélhos encontram-se mais próximos do mistério da vida — e por isso a temem; as crianças estão mais em contacto com essa vida, e por isso lhe sorriem e confiam nela. O cristal brilhante ou embaciado por onde uns e outros a miram, nunca será igual...

Crepúsculo das pérolas

Nada mais belo, certamente, do que um dêsses colos femininos, altos e de maravilhoso contôrno, emoldurado por um fio de pérolas ardendo em fogos surdos e de puro íris oriental. Esta jóia tam delicada condiz finamente com as epidermes setinosas e de grão dourado que sempre, em todos os tempos e em todos os povos civilizados, com tanta intensidade aliciaram os olhos dos homens, seus eternos admiradores. Nas festas das sumptuosas côrtes, nos saraus aristocráticos, nos bailes, nos teatros, nas salas de concêrto em que a Eva moderna costuma exibir-se na suprema floração da sua beleza, do seu encanto e da sua mocidade e no esplendor do seu luxo, nada contribuirá mais para imprimir relevo à sedução que dela irradia do

que êsses colares maravilhosos que dir-se-iam feitos de lágrimas puras e cristalizadas, e em que brilham suavemente pequeninas chamas que acariciam com suas línguas de lume as macias carnações.

Desde a remota antiguidade que as mulheres se adornam com as pérolas cubiçadas e que veem iluminando bem docemente tôda a sua história lírica. Já as faustosas princesas que se sentavam, nos fulgurantes tronos de ouro, ao lado do poderoso Ramsés — que fazia tremer de pavor os homens só com um estalo do seu chicote e que exercia um império absoluto sôbre os mais bravos povos da terra — se enfeitavam com elas, pondo-as no lóbulo côr de rosa das orelhas, semeando-as, como gotas congeladas de orvalho, pelos cabelos, picando com a sua iriação o farto e brando seio de rôlas amorosas. Cleopatra, nos opulentos banquetes que oferecia a Marco António — que então embalava no seu quente regaço, como uma criança sem vontade e submetia completamente ao seu capricho, no delírio das noites voluptuosas e febris — bebia-as dissolvidas em vinagre, por taças resplandecentes. Com elas se ornamentavam as Deusas erguidas sôbre os altares em que se ofertavam, entre flores votivas e perfumadas, às venerações dos sêres inconstantes e adormecendo sob o sussurro dos bosques de loureirais e cedros donde desciam, arrulhando, os ranchos de pombas alvas.

As atenienses dos grandes séculos de triunfo que faziam a iluminura galante da esplêndida cidade na doçura das tardes e traziam beijos florindo na bôca vermelha, ornavam o pescoço com pérolas; e em Roma, nas horas augustas em que as patrícias, com os seios redondos e erectos arfando sob o *peplum*, passeavam nas vias latinas que poetizavam com o seu enlêvo de Musas inspiradoras de poetas ou de heróis, as mulheres mostravam também êsse mimo que parece amassado em luar e numa ténue poeira de estrêlas!...

Nos Anais do amor ou do fausto, as pérolas teem um logar supremo, exaltando-as em estrofes sonoras e incomparáveis, gravadas a buril sôbre ouro rutilante, os bardos imortais, consagrando-lhes páginas imperecíveis os maiores espíritos da Humanidade. Elas fulgiram, certamente, na auréola das santas, no manto ou no diadema da imagem da Virgem Maria, bondosa Mãe das criaturas, nas corôas das raínhas, das imperatrizes e das mais poderosas donas: — mas andam também ligadas íntimamente a perversidades, a ciladas, a tentações, a crimes! Foi com as pérolas, por exemplo, que Mefistófeles, soltando a sua ácida gargalhada, alucinou a ingenuïdade da inocente e loura Margarida que, numa vélha cidade gótica da Alemanha, fiava ilusões e devaneios na sua roca. No coração virginal da Gretchen — que o veneno das

paixões impuras ainda não tinha contaminado — soube Satan despertar a ambição e a vaidade, com essas jóias nascidas do sofrimento e que tanta dor, tanta miséria, tanta perdição teem espalhado na terra.

Ah! o que elas dizem às almas femininas ainda fulgentes do puro beijo da candura e da castidade, scintilando em escrínios de camurça ou de veludo azul nas preciosas montras das joalharias! A serpente simbólica de que fala a Bíblia e que, enroscando-se, por uma das primeiras e gloriosas alvoradas da Criação, numa árvore do Paraíso, tentou Adão, não possuía, certamente, a eloqüência e o poder sedutor destas pérolas expostas nas *vitrines* aos olhares ardentes das mulheres que passam na radiação da formosura. Elas tudo lhes prometem, desde a adoração constante dos homens ao domínio sôbre as outras mulheres pelo destaque intenso que imprimirão à sua elegância e à harmonia do seu corpo. E tanto essas criaturas — algumas apenas saídas dos românticos jardins da adolescência — entendem a sua singular linguagem de sortilégio, que procuram conseguir as invejadas pérolas, muitas vezes com os maiores sacrifícios, os mais crueis padecimentos ou as mais humilhantes vergonhas. Quando as conseguem, julgam-se redimidas e lavadas de tôdas as manchas numa água lustral que tudo purifica...

Porque será que o ser consciente sempre considerou a pérola um ornamento do mais alto valor desde tempos inemoriais? Naturalmente, mais pelo seu elevado preço do que pela sua raridade. Ela custa, sem dúvida, ásperas torturas e não pode vender-se barata.

Para que uma andorinha da Moda duplique, com as pérolas, a atracção da sua gentileza, que rudes, penosos trabalhos e que perigos, para as pescar, no misterioso fundo dos mares! Legiões de condenados a todos os martírios extenuam-se nessas lidas ásperas, arriscando muitas vezes a vida. E ainda depois de ser trazida para fóra das amargas águas marinhas, a ostra doente que produz as cativantes jóias, a que longas e demoradas operações não é submetida a pérola, para que brilhe e ofusque sôbre a mimosa carne feminina, como uma lágrima purificada que tivesse caído das pálpebras da estrêla matutina!

Ah! mas quando ela, montada em platina ou ouro, morde os colos das garças reais que iluminam esplendorosamente os cerimoniais principescos e reinam nos salões, exercendo uma incontestada soberania, com que ar de orgulho e de triunfo é saüdada! Expondo-a sôbre os seios—em que cantariam versos de Anacreonte as cigarras que outrora, nos idílios gregos, pousavam nos ombros

de Chloé—as Evas do mundanismo sorriem de vaidade satisfeita, de sonhos realizados: e, desfilando no ritmo, na cadência dos seus passos de Dianas, deixam atrás de si um sulco fulgurante.

Nestes momentos únicos, sentem-se dominadoras omnipotentes. A sua graça, avultando mais na clara zona em que elas se movem, apodera-se violentamente de tôdas as admirações; a sua riqueza vence tôdas as rivalidades e ofusca definitivamente as perfeições humildes que nunca chegam a impressionar vivamente, por falta de scenários pomposos. É certamente por isto que muitas mulheres do grande mundo querem com mais sinceridade, mais exaltação e mais ardor às pérolas do que ao Deus que veneram de joelhos, pelas ermas e sombrias naves dos templos, para que entrem, depois da morte corpórea, nas paragens lendárias da glória celeste. Para as terem na sua posse, nem mesmo diante do pecado recuarão, embora mais tarde sejam forçadas a sublimar-se com renúncias, penitências e orações. As que jàmais vingam alcançá-las, essas odiarão cruelmente as suas irmãs mais felizes e nunca lhes perdoarão a supremacia dum instante vitorioso, — ainda que êste ódio não apazigue a sua mágoa e não adoce a sua tristeza interior . . .

No entanto, que rejubilem ! Está, talvez, próximo o dia merencóreo em que essa jóia verdadei-

ramente real, pela brancura láctea, pelo tom rosado ou pelo negro luzente, entre, como os Deuses antigos das religiões que deixaram de interessar a rês pensante, no seu crepúsculo definitivo. Até hoje, a pérola resistiu triunfalmente à cólera, à raiva, ao ciúme dos que pretendiam desalojá-la do seu sólio prodigioso. As imitações perfeitas apenas contribuiram para mais a valorizar, sem darem o menor contentamento a quem as utilizava e antes exacerbando os despeitos. As mistificações Bera caíram ruidosamente, no meio dos sarcasmos e das zombarias, e as pérolas verdadeiras ficaram brilhando gloriosamente e desenhando legendas de paixão ou rimas de ternura nos pescoços femininos que a Bíblia, na sua linguagem imagética, sempre comparou a tôrres: e as outras mistificações que em seguida vieram, não tiveram mais êxito!...

Mas, no globo transitório em que vivemos, nada é perpétuo e tudo é efémero também — terra, céu, divindades, homens, emoções, sentimentos, plásticas impecáveis, grandezas, génio! A luta contra a pérola jàmais afrouxou, através de tôdas as vicissitudes. A éra que atravessamos não é propícia a tiranias de qualquer espécie; e essa pérola tam ansiosamente amada pelas que a não tinham estava sendo dum intolerável despotismo para as

mulheres pobres, errando por melancólicas regiões que não são bem os quiméricos jardins do rei Artur. Foi por isto — quem sabe? — que Satan, que tantas vezes tem combatido pela liberdade e pelo direito, revelou a um súbdito do Mikado a maneira infalível de multiplicar as pérolas, descobrindo-lhe igualmente o segrêdo de cultivá-las como quem cultiva flores ou plantas raras. Bastava, para isso, introduzir um corpo estranho na concha das ostras perlíferas e imediatamente se activaria a produção dessas jóias irresistíveis. Por êste processo, a pérola tornar-se-ia de tal fórma vulgar que o seu custo logo diminuïria sensívelmente!... E foi um terror entre os joalheiros das tumultuosas capitais da Europa!

Não tardou, porém, que a encantadora jóia obtivesse mais uma notável vitória, quando um químico insigne surgiu em sua defesa, com um meio seguro de distinguir as pérolas verdadeiras das artificiais. Então, a confiança e o júbilo voltaram, em revoadas, às fabulosas joalharias de Londres, de Paris, de Roma, de Madrid, de Amsterdam, de Bruxelas, de Berlim, e os doridos prantos de tristura secaram nos olhos pensativos do Eterno Feminino. Mais uma vez se provava irrefutàvelmente que o scetro da pérola não obtida por artifícios mas produzida pela sórdida ostra que se arrasta na lama do fundo revôlto do oceano seria inven-

cível, zombando de tôdas as hostilidades. E com que esplendideza essas pérolas começaram então a brilhar na carnação das tentadoras, sob a fulguração das luas eléctricas das Óperas, dos teatros, das récitas de gala, dos salões de baile, constelando os decotes mais audaciosos! Parecia que flamejava nelas um oriente novo e que nunca a sua beleza fôra mais absorvente...

O inimigo que elas tinham, porém, no império do Sol Nascente, onde a luz da primavera estréla de flores húmidas os pessegueiros e as cerejeiras, era teimoso. A derrota experimentada mais lhe exacerbou a tenacidade — e eis que está em vésperas de vencer uma batalha há tantos anos travada. Com efeito, êsse homem singular — que vai fazer chorar lancinantemente mulheres maravilhosas pelo espírito e pela formosura — aparece agora com uma admirável pérola artificial que a química até hoje não tem conseguido diferençar das naturais. Como a obteve? O japonês demoníaco não o diz: — mas supõe-se que êle chegou a contagiar as ostras da doença que produz a pérola, não carecendo, portanto, de introduzir na concha do paciente e desditoso molusco — que quando não dá jóias é comido com sumo de limão e pimenta nos *restaurants* do bom tom — pequenos fragmentos de madrepérola. A substância das verdadeiras e das que o não são é, pois, a mesma. Como separá-

-las ? A sciência talvez não tenha poder para isso e, neste caso, a pérola vai descer os degraus do trono esplendoroso em que até hoje tem reinado....

Mais uma vaidade que morre e uma ilusão que finda, oh ! Julietas que actualmente já não esperais os Romeus às varandas batidas pela lua, como outrora em Itália, enquanto os roussinóis gorjeavam. A pérola perde o seu carácter de raridade e com isso perderá também o culto quási religioso do sexo frágil que se voltará para outros ídolos. Nestes dias de combates e de exegeses, o homem pouco mais faz do que demolir tudo o que teve prestígio e exerceu um predomínio, sejam realezas ou pedras preciosas. Para quê ? Para acabar com as superioridades e estabelecer, por fim, a igualdade enfadonha, monótona e banal ?...

Os homens, na opinião das mulheres

A encantadora manhã dominical que eu passei, recentemente, numa praia de banhos e de que ainda conservo recordações !

O tempo estava delicioso. Sob o céu anilado e sob a carícia da luz, o mar calmo dormia, embalando-se com o musical murmúrio das suas águas. Não havia uma ondulação mais viva, o lento espreguiçar duma vaga. Da vasta superfície líquida dir-se-ia, a distância, irradiar uma claridade deslumbrante. Todo o horizonte que servia de fundo à imensa téla marítima se tocava suavemente de vagas tintas côr de rosa. Adejava uma aragem ligeira e fresca que tornava inefável o meu repouso. No alto, o sol era uma grande flor de ouro flutuando nos espaços livres : — e em baixo, sôbre o areal que

fulgia e rebrilhava na pacificação matutina, alvejavam as barracas de lona, dispostas em fileiras, em arruamentos, e que me davam a impressão dum acampamento árabe. De momento a momento, palrando, sorrindo, deslizavam ranchos de raparigas — algumas duma beleza e duma brancura que me fazia evocar as mais finas porcelanas de Saxe ou delicados Sèvres — que iam banhar-se, de braços nus, de pernas nuas até à altura de joelho, de graciosos colos também nus e duma impecável modelação de linhas e de contornos. A brisa marinha, impregnada de odores fortes de iodo e de sargaços, arripiava-lhes a pele setinosa, sem um vinco, sem uma ruga, inteiramente lisa e dum aveludado de certos abrunhos maduros: — e eu, esquecendo sôbre um banco em que me sentara o livro de Heine que levara de casa, para meu convívio íntimo, sonhava com Afrodite, com Vénus saíndo da sua concha nacarada, tôda pintalgada dos beijos da espuma nívea, com as lendárias figuras da mitologia pagã, ou recordava alguns admiráveis aquarelistas ingleses, não sei porque associação de idéas e de sensações...

Como nos poemas líricos do maior poeta belga, morto durante a guerra, parecia-me, nessas horas de enlêvo que iam correndo, que também no oceano era domingo — um domingo festivo, glorioso, triunfante. Quantá serenidade e que idílica e pura

graça! As ondas, para não perturbarem a infinita paz em que a terra se recolhia, adormeciam; e nem sequer os tritões, escondidos nas suas grutas de coral, tocavam búsios para despertar as sereias, ocultas pelos jardins encantados, à espera dos navegadores aventureiros, como outrora, na Ilha dos Amores, onde a lira épica de Camões as surpreendeu!

De quando em quando, surgia ao longe alguma latina cheia de vento, sob o vôo alvo das gaivotas, e logo eu ficava a meditar na alegria e no prazer das viagens para outras cidades, outros países, outros continentes: mas bem de-pressa um riso mais cristalino, ressoando perto de mim, me chamava à realidade e interrompia o meu saboroso scismar. Reparava, então, no que à minha volta ocorria e que interessava a minha sensibilidade artística. Sob amplos toldos donde descia uma sombra afagadora e rôxa, formavam-se grupos de mulheres, umas já mães, tendo no regaço bebés de cabelos louros e anelados, como pequeninos Jesus, e outras que ainda traziam a abrir, reveladoramente, no coração, o lírio etéreo das ilusões e da esperança.

Bandos de crianças, chalrando como aves, rolavam-se nas dunas fulvas, numa gritaria jovial. Adolescentes, aos pares, fugiam para a beira da água, de braço dado e extasiando-se não sei em que quimeras sempre falazes à nossa ânsia e que nem

sequer Alfredo de Musset conseguiu encontrar, por mais que procurasse o reflexo dos seus olhos verdes. Imóvel sôbre as rochas, uma inglesa nova, vestida de fustão branco e que dir-se-ia um retrato pintado por Lawrence, lia um volume de versos — talvez Keats, talvez Tennyson: e êste episódio sentimental sugeriu ao meu espírito o bom e amado rei de Thule, que certa noite, reünindo os seus irmãos de armas a uma Távola Redonda, atirou às ondas a taça preciosa que a doce raínha lhe havia dado, antes de morrer, para que sempre por ela bebesse!...

Nenhum rumor mais violento sobressaltava a tranqüilidade infinita que brandamente caía sôbre a natureza. Uma suave quebreira invadia-me a tal ponto que eu, tentando reencetar a minha leitura de Henri Heine, tive de fechar o livro, porque o não compreendia, de-certo pelo facto da minha imaginação andar muito afastada, nesse instante, da comédia ou dos dramas da vida...

Tive, porém, uma compensação que me satisfez e desanuviou os meus cuidados. A dois passos de mim, numa gentil roda feminina, começou a falar-se dos homens — não para os louvar, porque as mulheres nunca reconhecem a superioridade daqueles que consideram os seus tiranos, mas para

os denegrir. Apurei o ouvido, não porque me quisesse arvorar em arauto e em defensor do meu irmão em Cristo, mas para saber o juízo que as damas formam àcêrca dos que elas julgam os seus déspotas e que, afinal, são os seus escravos submissos, os eternos sacrificados aos seus caprichos.

Discutia-se um romance francês dias antes aparecido nas livrarias e que uma das senhoras entusiàsticamente elogiava, pela finura da observação psicológica dalguns dos seus personagens. Nesse romance, estuda-se um tipo masculino singular que, tôdas as vezes que traía os deveres conjugais ou que premeditava traí-los, se mostrava duma dedicação profunda pela espôsa legal, tomando-lhe o rosto entre as mãos, afagando-a e cobrindo-lhe as faces de beijos ardentes. Para o amável crítico de saias que ao meu lado perorava com uma eloqüência e uma verbosidade que causavam a minha admiração, esta particularidade singular era absolutamente exacta e duma arguta notação, e assim o afirmava com convicção e calor, enquanto outras das suas companheiras, certamente inexperientes, protestavam, negando-se a aceitar uma tal aberração que as melindrava no seu pudor. Ela, para as convencer, falava contínuamente, desenvolvendo pontos de vista originais e que me cativavam, partindo da mentalidade, tam pronta, sagaz e subtil das mulheres...

Estava, efectivamente, na verdade. O homem casado que deixou de ser leal à criatura que elegeu para amorável companhia do seu destino, tentado pelas paixões de acaso ou impelido para a deslealdade por exigências da sua sensualidade grosseira e imperiosa, sente a necessidade de mascarar a traição, fingindo a permanência dum amor que morreu na sua alma, e rodeia daí em diante a espôsa de tôdas as delicadezas, de todos os carinhos, de tôdas as atenções.

Esta modalidade psicológica apresentada pelo romancista é inteiramente justa. O que o crítico feminino — que foi o meu enlêvo literário de tôda uma plácida manhã — ignorava era o impulso emocional que forçava a personalidade da novela a proceder dessa maneira, que classificou de pérfida, de hipócrita, doutros nomes incisivos e ásperos, e que revela, no entanto, uma elevada virtude masculina, depondo a favor dos homens e não contra êles. Que leva, com efeito, o marido desleal a redobrar de meiguice para com a mulher legítima, sempre que outras adorações impuras o seduzem ? A piedade, como asseveraram as damas que tinham lido o romance em discussão ? De fórma alguma ! A piedade, neste caso, seria uma injúria, um escárnio, um insulto, uma vileza — e nunca o homem que atraiçoou a espôsa foi mais sincero, mais nobre, mais verdadeiro do que no

minuto em que regressa à doçura das vêlhas afeições, depois do seu pecado. Nesse instante comovedor e intenso, todos os egoísmos, mesmo o da carne e do gôzo, se fundem e desaparecem nêle. As confissões que saírem da sua bôca são purificadas; no seu sentir não haverá impurezas, cristalizações venenosas; nas suas palavras não existirá a mentira; nos seus afagos não se ocultará a ironia. Tudo nêle será elevação moral, grandeza emotiva.

Que fôrça misteriosa o moverá, então? O arrependimento? Também não! Os que pecam por esta fórma, jàmais se arrependem.

Que será, pois? É um sentimento complexo que os psicólogos por enquanto não definiram claramente e que é feito de remorso e de tristeza, de contentamento e de mágoa, de bondade e de veneração. Voltando do êrro momentâneo à verdade, uma aurora espiritual ascende dentro do seu peito, sublima-o de tudo quanto nêle é terrestre, animal, inferior, subtiliza-o, impele-o, numa ascensão maravilhosa, para o que fôr luminoso, digno, enternecedor. Dentro de si, renasce um outro sêr mais belo, a sua individualidade desdobra-se, a sua sensibilidade intensifica-se, e experimenta a necessidade de ser bom, de ser terno com aqueles que melindrou não por maldade mas por uma imperfeição do seu temperamento.

No seu pecado, de resto, não entrou a alma, que

é de essência celeste, mas a voluptuosidade carnal, em que só intervêm a matéria!...

As julgadoras implacáveis do homem erram magnificamente quando supõem que êle, olvidando os seus deveres de marido, aliciado por outras tentações, pretende, pela ternura de que envolve a espôsa enganada, em seguida à culpa, justificar-se dos seus actos condenáveis ou captar uma confiança indispensável para continuar pecando, sem responsabilidades e sem alarmes de consciência. Nesse movimento apaixonado que tantas irritações excita no sentimento feminino, encontram-se elementos nobilitantes que denunciam dons excelsos. Há nêle generosidades, canduras, timidez, o reconhecimento da própria inferioridade e da superioridade daquela que se conserva isenta de máculas. Tal movimento não visa a complacências; solicita um perdão para desvios não confessados senão perante a intimidade do que delinqüiu. É claro que me refiro aos homens com requintes de emoção e de cultura, e não aos insensíveis, cínicos ou incultos, porque êsses não vivem: — vegetam como uma planta ou uma árvore, e são incapazes de sentir os mais subtis aspectos da existência!...

Em tôrno dêste ponto a que faço superficiais comentários e que, no entanto, constituïria o tema,

o motivo inspirador para um grosso tômo de psicologia, travou-se uma calorosa controvérsia que durou muitas horas. As donas que tam teimosamente se enfureciam contra o sexo barbado e que, de quando em quando, me lançavam olhares sardónicos, como se eu fôsse um prevaricador e, portanto, um passa-culpas indigno de me associar à sua crítica, só queriam ver, na questão que se debatia, aquilo que as lisonjeasse e não o que contribuisse para proveito dos seus adversários — que são, afinal de contas, os seus cantores, os seus artistas, os seus poetas, os seus filósofos, os seus educadores, os seus pintores, os seus estatuários, os seus glorificadores exaltados! Muitas delas, insurgindo-se contra o casamento, que denominavam de uma das maiores imposturas humanas, prometiam solenemente que ficariam solteiras, redimindo-se de tiranias odiosas de que apenas resulta dôr, desilusão, humilhação, amargura!

Pouco a pouco, a conversa derivou da literatura para o sarcasmo — e não houve sátira, zombaria, vilipêndio que não fôssem arremessados, como setas, aos desditosos homens que ninguém defendia. Estas cólerazinhas que faziam còrar duma ponta de sangue mais vermelho rostos angélicos de tentadoras, divertiam-me, talvez por pressentir que não havia a menor sinceridade nelas. E, enquanto relembrava o cruel Schopenhauer que disse

das mulheres o que Mafoma não disse do toucinho e que nem por isso deixou de ser profundamente querido das flores que com tanta rudeza maltratava, ia pensando nisto: — quantas dessas acusadoras inclementes suspirariam pelo dia em que pudessem ser traídas pelos maridos — porque isto lhes daria a vitoriosa certeza do casamento, ansiedade, aspiração suprema de tôdas as raparigas de dezoito, de vinte anos! . . .

Um derradeiro epíteto contra os esposos, uma última diatribe contra o sexo masculino e, depois, como o sol escaldava e eram horas do almôço, começou a debandada das andorinhas galantes, nos seus vaporosos vestidos de sêda, de cambraia, de cassas transparentes, talhados rigorosamente pelo figurino parisiense. Acendi uma cigarrilha, abri novamente o meu Heine, e mergulhei com avidez nas suas páginas, escutando ainda o som de ouro dos rizinhos femininos já distanciados . . .

Que adorável, que deleitosa manhã, para a minha emoção e para a minha inteligência! Naquele momento ditoso, folheando o *Reisebilder* e acariciado pela fresquidão oceânica que me tonificava, eu imaginava-me um dos sêres privilegiados da criação. A hóstia aurífera do sol rutilava no altar azul da atmosfera — catedral de luz abrigando a humanidade inteira — como se Deus celebrasse missa. E eu era um devoto e um assistente da cerimónia

divina, recitando comovidamente a minha prece mística considerando-me também um crente da beleza em que a minha vista repousava. Que me importava a mim, iluminado por uma fé renovadora, que as mulheres formulassem àcêrca dos homens opiniões menos verídicas? De mais reconhecia eu que elas falavam assim, para se ìludirem ou por um despeito que exacerbava a sua perversidade — porque nestes anjos nem tudo é sideral. Se eu, realmente, me doesse no meu orgulho ofendido, poderia responder-lhes com a frase lapidar e duma observação flagrante do psicólogo ilustre que asseverou: — « A mulher apenas se entrega com exaltação, com transporte amoroso, ao homem que engana. » Mas, para quê? Seria repelir uma ironia epidérmica com uma ofensa rude: — e diz um provérbio árabe que nos arcanjos femininos se não bate nem com uma fôlha de rosa. De resto, logo nessa noite eu saboreei o hidromel da minha vingança amável, ao encontrá-las ao luar, nas avenidas da estância balnear, sob as árvores, pelo braço dos namorados — em vez de fugirem dêles como o Diabo da Cruz.

Bom Deus! Quando perderemos nós — amassados naquele impuro barro de que fala o Génesis — o feio costume de maldizer com furor, com desespêro, precisamente aquilo que mais desejamos?...

As vindimas

Aproveitei êstes dias evocadores e sentimentais dos princípios do outono para visitar regiões portuguesas ainda desconhecidas por mim e para assistir a um espectáculo inteiramente novo para os meus olhos e que, no entanto, é admirável de côr, de movimento, de pitoresco. Estou, com efeito, entre serranias, nas terras maravilhosas e fecundas onde amadurece, pelas encostas, êsse *Port-wine* que a Inglaterra considera a primeira bebida do mundo, a que o vélho Horácio consagraria uma ode mais eloqüênte e inspirada do que a que consagrou a Roma e que *lord* Byron — que uma bala cruel matou na guerra da Grécia — cantaria num poema certamente mais belo do que *Child-Harold* ou *Dom João*.

Paragens na verdade estupendas, como esplendor e grandeza de scenário ! Ao meu espírito de homem da planície e da beira-mar, todo êste Douro formidável dá a impressão flagrante duma natureza agitada, violentamente sacudida por dores terríveis que a deformaram, naquelas manhãs primitivas da Criação que se seguiram ao cáos, pouco depois de Deus ter deixado de flutuar sôbre as águas como diz a Bíblia. A crôsta terráquea, ainda mole e maleável como um barro brando, sob a acção duma fôrça titânica, elevou-se até às nuvens em alguns pontos, deprimindo-se noutros e cavando-se em insondáveis abismos de sombra e de horror que a bênção pura da luz diurna mal alumiava de beleza e de graça.

Por cima, muito no alto, desdobrava-se o setim azul dum céu lustroso e sereno em que, à noite, a augusta mão divina acendia o luzeiro das constelações e suspendia, uma a uma, as lâmpadas scintilantes e douradas das estrêlas. A desolação era imensa : — mas, com o desfilar dos séculos, o terreno movediço consolidou-se, petrificou : as serras colossais vestiram-se da cabelugem das ervas rasteiras e dos matos odoríferos desde os píncaros que topetam com as nuvens e por onde erra o vôo aventureiro das águias reais, até à base, onde a mancha bucólica dos arvoredos se esgalha em ramagens frondosas para todos os lados, e os vales fundos co-

briram-se, afofaram-se de verduras que pelas primaveras românticas enfloravam!

A pouco e pouco, a paisagem deserta começou a ser animada pela presença do sêr vivo e consciente: e o quadro, que era horrível, transfigurou-se completamente. A monotonia da solidão desapareceu para sempre. Vivendas rústicas principiaram a alvejar por entre as folhagens, como ranchos de gaivotas que tivessem pousado, fatigadas, por outeiros e abas de montes. Zagais pobrezinhos conduziam matinalmente os rebanhos às pastagens, fazendo silvar os seus sistros como faunos apenas saídos da infância e entrados na adolescência.

A vida pastoril e agrícola intensificou-se lentamente, através das idades. O armento oferecia ao sêr pensante a quente lã com que se tecia o vestuário. Era necessário que o torrão hostil criasse o pão para a bôca: e em breve, bárbaros mas úteis apetrechos de lavoura iniciaram a preparação do húmus para as culturas, remexendo-o incessantemente.

A montanha, porém, era estéril. Da pedra e do barro avermelhado que a constituíam ùnicamente espirrava a custo a urze que a neve definhava ou que a soalheira inclemente de verão tisnava mesmo sem ela dar flor. Nestes sítios que inspirariam a Dante um dos círculos do *Inferno*, e por onde voariam as serpentes aladas que o genial poeta floren-

tino entreviu, na companhia da sombra protectora de Vergílio, sòmente os pontos baixos eram férteis. No inverno, contudo, quando pelas cristas dos montes bravios uivavam as bandadas de lôbos e os pássaros inocentes morriam sôbre o gêlo, o vortilhão das enxurradas jorrava e rugia por tôda a parte, as levadas espumantes e ameaçadoras golfavam de tôdas as gargantas das cordilheiras, arrastando vertiginosamente para os profundos rios as terras agricultadas com as messes ainda tenras e por frutificar, e os povos ficavam na miséria, encolhendo-se, lacrimosos, ao canto das lareiras onde ardia, crepitava a lenha sêca e resinosa.

Então, o homem empreendedor e engenhoso iniciou o cultivo da serra brava que, se no seu ventre granítico, estendido ao sol como o duma ninfa, não alimentava o milheiral ou a seara, poderia alimentar os róridos vergéis, os pomares que pelos estios esbraseados vergassem de aromáticas frutas, a vinha tam antiga como Noé, nosso venerando avô, a oliveira tam amada pelo grego subtil e o astuto romano por seu azeite e mesmo pela nutriente azeitona que já, nos dias remotos, saciou as fomes do sóbrio espartano. Feita esta descoberta considerável, a scenografia tremenda e vulcânica do Douro, certamente uma das mais belas e características províncias portuguesas, transmudou-se numa écloga latina.

Que encanto, efectivamente! Neste momento, os vinhedos — em que os cachos já maduros negrejam como contas de vidro preto ou reluzem à claridade como bôlhas de sol condensado — verdejam ainda pelas montanhas gigantescas, de cima abaixo, em socalcos. Os olivedos de argêntea fôlha estão prometedores e hão de encher lagares do transparente e louro azeite que sugere âmbar líquido. As nogueiras cheias de murmúrio ramalham à aragem adejante — que, de quando em quando, é ciclone, furacão, tempestade regougando como o grosso vozeirão ameaçador de Neptuno increpando o vento e que, em certos instantes, é sussurro harmonioso, melodia, música delicada — balouçando nos ramos flexíveis os rosários das nózes. Soutos de castanheiros que ofertam, pelas horas tórridas, sombras consoladoras, eriçam-se dos ouriços espinhosos em que as castanhas incham, engordam e vão amadurecendo. Das figueiras que um acontecimento célebre na historia das religiões popularizou pendem os doces figos. Bouças de pinheirais frondejam donde aonde, impregnando a brisa que passa de cheiros acres e saüdaveis. Pelos tojais, em que não se crestaram totalmente as florescências amarelas, canta a perdiz. E, a-pesar-do verão ter sido duma secura de praga, de castigo bíblico, não há quebrada, colina de pendor suave,

boqueirão oculto entre ervaçais em que se não ouça a cantilena vergiliana duma fonte perdida, ou duma cristalina bica de água dardejando à luz com um fulgor de jóia. O que a poderosa mão humana, que vence todos os obstáculos, fez dêste terreno, calcinado pelo calor e composto de sedimentos, de estratificações, de rochas pulverisadas! A aridez amarga e triste transformou-se num jardim — suspenso como o de Smiramis e prodigioso de seivas, de vegetação, de decorações incomparáveis. O que foi desolação aflitiva é actualmente uma das mais ricas vistas panorâmicas da pátria portuguesa — uma espécie de Éden Torreal em que sazonam ao bom sol de Deus os frutos de tôda a sorte, desafiando e acirrando a nossa gulodice!

E que bizarra téla singularmente evocadora! Daqui do plácido compartimento em que escrevo estas linhas extasiando contínuamente os olhos nas fórmas e nas côres do vasto panorama que diante de mim se desenrola — avisto eu os cabeços dos montes de vertiginosas alturas onde os romanos tinham outrora as suas crastas e as suas citânias. Se me concentro um instante, ilumina-se na minha imaginação, intensamente, a estranha vida dêsse povo que levou a civilização da Roma vitoriosa aos mais distantes recantos do glôbo e que, com o lampejar das armas triunfantes e a ondulação dos gonfalões, encimados por uma águia,

fazia avançar as suas legiões invencíveis! De-certo que não teriam as suas repousadas e floridas vivendas por estas serranias de abruptos declives as lindas e solenes patrícias que as escravas perfumavam nos banhos tépidos, polindo-lhes as unhas nacarinas, rosando-lhes a pele setinosa com a fricção das toalhas de sêda, penteando-as e prendendo-lhes as tranças com alfinetes de ouro que tinham a fórma de cigarras. Também não viveriam pelas montanhas durienses os capitães famosos e os elegantes educados na escola de Petrónio que seguiam, nas amplas vias, o luminoso rastro dos passos das matronas ou que freqüentavam as termas, comentando os filósofos, discutindo os negócios do império, falando àcêrca das novas conquistas e das naves de ligeira prôa que sulcavam os mares ou das triremes em que Herodíade fazia a travessia dos mares, aligeirando ainda o tempo com a recitação dos versos dos poetas ilustres. No entanto, nas noites escuras, uma vez por outra, as chamas vermelhas das fogueiras ascendiam no espaço e em breve, por tôda a cordilheira extensa, outras fogueiras se irisavam, como jactos auríferos que brotassem do chão duro. Eram as populações dispersas e afastadas umas das outras que comunicavam entre si para anunciarem festa, entêrro, guerra furiosa, perigo iminente! E de dia, por cada povoado humilde, gemia a roda dos oleiros

que fabricavam as olarias ingénuas e grosseiras mas de galbo já artístico e que haviam de sobreviver, rangia ásperamente a pesada mó de cavalo, reduzindo a farinha alva o trigueiro trigo ou o branco milho, e o cinzel do pedreiro abria, nas rudes e duras penhas, a sepultura em que se guardariam os despojos dos mortos ou modelava as estátuas jacentes de córte barbaro que hoje são maravilhas arqueológicas!

Singulares regiões evocativas! Wagner encontraria nelas as scenografias esplendorosas para as suas óperas! Do meu sereno retiro estou eu contemplando, neste momento, a montanha titânica onde Brunhilde adormeceria, rodeada de fogo, esperando que as Valquírias a fôssem libertar. Fecho os olhos, recolho-me à minha intimidade moral e eis que não tardo a vislumbrar a ruidosa cavalgada das virgens guerreiras, soltando gritos selvagens e galgando as pedregosas escarpas. As suas armaduras flamejam, relampejam ao sol. Brunhilde vai acordar e será arrebatada sôbre o dôrso dum dêsses corcéis ágeis como o vento e de crinas revôltas!...

Mais longe, é Walhala. A rocha coroada por uma explosão de luz inclina-se, na atitude de quem escuta, sôbre o rio Douro — agora um ténue fio de

água que a soalheira sedenta bebe — onde os anões da mitologia escandinava e germânica guardam ciümentamente o ouro da maldição que se fôsse roubado pela ambição, corromperia a humanidade, lançando-a em pecado mortal. E surpreende-me o facto de não ver surgir pelas alterosas cumiadas o redentor Titurel, flor de cavaleiros, erguendo para o céu a espada que libertará os seus irmãos escravizados!...

A minha alucinação, no entanto, é transitória. Não estou em terras fabulosas da lendária Germânia, onde desabrocham os miosótis e onde o Diabo ainda oferece serenatas de amor que tentarão as cândidas namoradas, mas no Douro admirável, onde se cria um vinho que é mais saboroso do que o vinho da Rethica que Horácio eternizou na sua musa imortal.

Quo te carmina dicam, Rethica?

Quem cantará também com nobreza êste incomparável vinho do Douro a que a astuta e forte Inglaterra chama *Port-wine* e que se bebe em cálices de cristal, solenemente, com a comoção de quem celebra um culto? Dir-se-ia feito de açúcar e de rubins fundidos, brilhando à claridade ofuscantemente! O seu aroma conserva-se na bôca durante muito tempo, como se fôsse composto com tôdas

as fragrâncias da natureza! Como é que neste torrão pedregoso e pulverulento corre, circula, pulsa a seiva miraculosa que transmite tanta alma, tanta doçura, tanto olor a êstes frutos paradisíacos!...

E actualmente, dos primeiros clarões matinais ao descer do crepúsculo vespertino, vai em todo o Douro um extraordinário movimento. Por adegas e armazens, innumeráveis e diligentes tanoeiros batem o vasilhame e lavam toneis mais bojudos do que o de Heidelberg, que tem na história literária uma grande celebridade. Limpam-se lagares, arejam-se vivendas! Paira no ar límpido um perturbante eflúvio de mostos. Desengaçadeiras e prensas arquejam constantemente. E por vinhedos infindáveis andam ranchos de homens e mulheres, numa cantiga pegada. Iniciaram-se, com efeito, as vindimas que são dos nossos mais característicos trabalhos agrícolas. É uma verdadeira azáfama. Rapariguinhas de cintura breve e perna ao léu cortam, com navalhas afiadas, os longos cachos de uvas com que enchem os cabazes enfiados no braço. Em seguida, êstes cabazes são despejados em fundos cêstos quadrangulares que os homens, de braços estriados de rijos e elásticos músculos e de potentes arcabouços, carregam às costas, conduzindo-os para os lagares onde maquinismos aperfeiçoados os trituram com rapidez assombrosa.

O líquido rôxo escorre para dentro de tanques

de pedra, com a película das uvas fendida. Terminada esta operação e quando os tanques transbordam, rapazes munidos de pás e ansinhos batem durante horas seguidas os mostos e os bagaços, para que o vinho se enriqueça com tôdas as substâncias contidas na casca. E imediatamente, antes da fermentação, é o vinho envazilhado, misturando-se-lhe aguardente puríssima para que não perca a doçura que o valoriza excepcionalmente...

Ah! eu não sei se êste processo de tratar o maravilhoso vinho do Pôrto é uma conquista dos tempos modernos ou se já o romano que por aqui viveu o conhecia. É provável que sim, porque o cidadão da gloriosa Roma foi um requintado sibarita. O que, porém, sei perfeitamente é que não há *Falernos*, nem *Rhenos*, nem *Johannisbergs*, nem *Tockays* que possam comparar-se vantajosamente com esta bebida esplêndida que os cardeais da Itália do Renascimento teriam preferido ao *Lacrima Christi* para os seus banquetes — em que sempre caía envenenado um rival que se odiava — e que os próprios deuses do Paganismo — *gourmets* exigentes — anteporiam ao néctar ou à ambrosia. E, contudo, com que simplicidade é feito pelas raparigas e pelos rapazes da minha nacionalidade, ao som do *Vira meu bem* ou da *Caninha Verde!* Oh! terra bemdita de Portugal, onde se cria tal maravilha!

As danças e as dançarinas

A Europa actualmente dança com alarido, com desespêro, com frenesi, como se fôsse repentinamente atacada por uma singular doença que, à agitação constante, aliasse a ansiedade de ritmos novos. Em Londres, em Paris, em Berlim, em Madrid, em Roma, em tôdas as grandes capitais do Ocidente onde se aglomeram tumultuosamente as vastas e inquietas multidões humanas, tôdas as noites se enchem os teatros e os *music-halls* de pessoas ruidosas que mais do que nunca desejam ver deslizar sôbre os fofos tapetes, cobrindo os largos tablados, essas vagas, vaporosas mulheres maravilhosamente belas e que deixam adivinhar, através dos transparentes sendais ou das sêdas ténues com que se vestem, a correcção

admirável das plásticas que dir-se-iam talhadas, por cinzeis gregos, na brancura imaculada dos Paros preciosos. Desde que Isadora Duncan um dia surgiu nos palcos, coroada de grinaldas de rosas e o peito arredondando-se sob o *peplum,* dançando como as adolescentes da Grécia de outrora ao som dos crotalos ou das frautas, a coreografia transformou-se radicalmente, tanto na sua expressão artística como nas suas atitudes exteriores. A pouco e pouco, perdeu tudo quanto nela havia de impulsivo, de bárbaro, de espontâneo, de grosseiro, para se tornar mais delicada, mais aérea, mais subtil. Já não pretendia aliciar ùnicamente os olhos pela pureza das linhas, pelo encanto musical das curvas, pela harmonia corpórea. Eram mais altas as suas aspirações, visando a interpretar os mesmos sentimentos da intimidade moral, a plasticizar as próprias emoções mais indecisas.

Como a pintura e como a estatuária, a dança foi, no lento deslizar das idades e das civilizações, uma realização estética em que, como na escultura, havia essencialmente volume e luz. As bailarinas eram, primeiro que tudo, estátuas animadas que impressionavam directamente a nossa vista pela perfeição formal que exibiam no banho fulvo da claridade — essa claridade que as valorizava excepcionalmente, imprimindo-lhes maior relêvo, mais graça, mais encanto, por uma noção justa da

euritmia e da côr, pelo equilíbrio, pela perfeição dos contornos. Nesses dias que já lá vão tam longe, a dança exprimia, quando muito, os júbilos íntimos, as alegrias interiores, as jovialidades da alma — e nunca os nebulosos estados de espírito que jàmais podem revelar-se por figurações materiais e permanentes. Isadora Duncan, porém, depois de longos e pacientes estudos psicológicos, pretendeu ir mais além destes estreitos limites: e vestindo a túnica helénica, calçando os pés de ligeiras sandálias — como uma Imortal pagã que o Cristianismo tivesse deixado viver à sombra dos arvoredos em flor da Iónia e da Ilíria, escutando ao caír dos ocasos religiosos o canto das sereias de Homero — surdiu diante da Europa deslumbrada bailando sôbre as verdes relvas dos parques como uma sacerdotiza de Eleusis e procurando evocar, na ondulação dos seus passos e numa esbelteza corporal que parecia copiada das ânforas e das Tanagras encontradas nas escavações arqueológicas, o idílio dos Deuses pelas alvoradas côr de ouro e côr de rosa, os delírios de Phryné sob as estrêlas, as serenas discussões dos filósofos do classicismo que antigamente, à sombra dos frisos do Partenon, se entregavam a transcendentes controvérsias, enquanto as pombas sagradas arrulhavam nos bosques, enquanto Vénus sorria aos homens amorosos de cima do seu altar e entre nuvens de óleos aromáticos ar-

dendo em lampadários de prata, e enquanto a tarde docemente baixava, espalhando as sombras do crepúsculo sôbre as pradarias de narcisos e de violetas.

A dança de Isadora era nova, havia nela êsse ineditismo que sempre tentou os sêres indiscretos e curiosos — e a Europa aplaudiu-a calorosamente embora não acreditasse, no seu amável scepticismo, que uma linda mulher, dançando, pudesse transformar numa realidade tangível tudo o que era fugidío, irreal, impreciso — fantasia divina, ou mesmo canto homérico, ode anacreôntica, trecho da *Theogonia*, de Hesíodo, página da *Rèpública*, de Platão. Os devotos de Isadora Duncan, porém, afirmavam que ela ressuscitava, nos seus estranhos bailados, tôda a Hélade nos seus ritos e nas suas celebrações profanas, como se algum dia tivessem adormecido no regaço de Xantipa, houvessem assistido às cerimónias em que se bebia o hidromel por cálices em fórma da flor do lótus e em que as liras dos rapsodos, enramadas de mirto, cantavam as façanhas guerreiras dos semi-deuses, ou ouvissem a doce Safo recitar, para os astros, as suas líricas, entre os efebos de loura penugem no lábio!

De Isadora Duncan até hoje, a evolução coreográfica acelerou-se. As bailarinas cada vez se adelgaçaram mais, despindo-se quási inteiramente e

inspirando-se nas alegorias dos vasos gregos, que foram uma origem inspiradora. Subtilizaram-se, são silfos e mulheres ao mesmo tempo, teem a ligeireza das aragens perfumadas, a suavidade dos aromas, a gracilidade das fadas-flores que, ao luar, se exalam das corolas e se evaporam nos espaços luminosos. Dançando, descrevem volutas aéreas que apenas se fixam um momento na retina e que imediatamente se esgarçam, se dissolvem, desaparecem como uma espiral de fumo que se torce ao vento e se dissipa, sem que dela nada mais fique do que uma recordação inefável embalando, adormecendo os sentidos. E agora, enquanto Isadora Duncan, nas ruas de Atenas, organiza os vêlhos cerimoniais da Hélade, em honra de Venizelos, indo bailar sob os balcões do seu palácio, aclamada vivamente pelas turbas, como Salomé outrora bailou diante do Tetrarca — naquela noite de vinho e de orgia em que a cabeça de S. João Baptista rolou num prato de ouro, decepada pelo alfange dum escravo — outras dançarinas empolgam a atenção sobreexcitada da Europa com as suas criações extraordinárias, em que à imaginação delirante se junta uma pontinha de febre. E cada uma destas dançarinas, como a teutónica Lill Dagavar, por exemplo, quere ser a representante dos seus povos, nos domínios coreográficos modernos — desde a espanhola, que com dois cravos nos cabelos e repicando as casta-

nholas nos dedos nervosos nos mostra nos tablados, à luz eléctrica, um Aragão violento ou uma Sevilha romantizada por onde erram ainda os sonhos de amor da raça moirisca, à italiana que nos oferece uma imagem da Itália faíscante de mármores por onde outrora passearam, nas elegantes vias latinas, as patrícias cobertas do fulgor das pedrarias, à dinamarquesa pulando ao som das sagas escandinavas ou acordando os aédos mortos dos seus túmulos para que êles, por instantes, nos afaguem os ouvidos com seus cantos evocadores, à húngara dançando as czardas do seu país, ao gemer dos violinos dos *tziganes,* à polaca desvairada pelo contentamento da reconstituïção duma Pátria que a guerra fez ressurgir do sangue que uma outra guerra tinha derramado e em que a Polónia de João Sobiesky se afogara, à bávara que a catástrofe europeia mergulhou nas tristezas da escravidão, á russa que nas suas pantomimas reflecte o drama em que o império dos tzares se abismou, e à alemã, que mesmo no abatimento e na decadência ainda estremece de orgulho e que deseja dotar a Germânia com uma dança nacional — tam nacional como a filosofia de Kant, de Fitche, de Hegel, e como o militarismo de Ludendorff e de Hindenburgo ! Por tôda a parte, a Europa baila numa alucinação, talvez para se aturdir, depois da hecatombe que a fez oscilar e que a afundou em dôr e em lágrimas. As bailarinas,

de corpos esculturais, os bustos cobertos com tecidos leves como brisas que não escondem, pela sua tenuïdade, nenhum traço de formosura ou nenhuma beleza recatada, as pernas nuas, como jaspes sem mácula e duma impecável modelação, os pés nus e tam alvos que dir-se-iam lírios correndo sôbre as alfombras, entusiasmam os milhares de espectadores que as seguem com o olhar coruscando de brilhos e o coração pulsando apressadamente, numa perturbação sensual!

Tôdas as noites, em Berlim, em Londres, em Paris, êstes espectaculos excitam febrilmente as populações esquecidas das outras afirmações artísticas, para só sentirem o que essas mulheres bizarras lhes sugerem, nos seus bailes em que elas umas vezes são borboletas, irisando as asas em todos os coloridos do Arco da Aliança e voando de flor para flor, com a rosa virginal dum sorriso que tenta na anémona vermelha dos lábios e uma languidez mussulmânica nos olhos, outras vezes são aves, estatuetas que se movem, líricas ou trágicas, comunicando-nos pelo jôgo fisionómico tôdas as suas singularidades psíquicas no amor, no terror, na satisfação, na ansiedade, na melancolia, na sedução, na serenidade, na violência, na fúria, na angústia, na ilusão, na desesperança. A graça feminina fez triunfar tirânicamente a dança, transmudando numa espécie de religião o que através dos séculos

não foi mais do que uma curiosidade. E que inesgotável fonte de inspirações para escultores e para pintores! Sòmente julgo que as dançarinas vão um pouco mais longe do que legítimamente se lhes pode permitir...

Com efeito, essas encantadoras criaturas que teem a vitória no nimbo ofuscante de beleza que as diadema e as espiritualiza, vão de audácia em audácia e sempre por entre aclamações veementes. Actualmente, dançam tudo: — músicas de óperas, poemas, estatuárias, estílos arquitectónicos. Há as que bailam as composições de Korsakoff, os versos de Moréas no *Après-midi d'un Faune*, a catedral de Colónia, um poema sinfónico de Beethoven! Isadora Duncan dançou o Partenon, os amores de Calipso na ilha Ogygea, a *Odisseia*, os raptos de Júpiter, as aladas viagens de Mercúrio, o mensageiro do Pai dos Deuses que, no Olimpo, velava pela Regra e pela Ordem.

Mais tarde, uma outra bailarina dançou as *Geórgicas* e as *Bucólicas*, de Vergílio: — e agora, justos céus, tenho sôbre a minha mesa de trabalho uma revista como *compte-rendu* duma faustuosa noite, em que uma celebridade coreográfica pôs em passos de dança — a *Nona Sinfonia*, maravilha musical que eleva a Humanidade às constelações e que é feita

sôbre a ode à alegria de Schiller! Até onde chegarão essas sedutoras que transmudam em ritmos e em movimentos harmoniosos — uma verdadeira melodia de linhas e de fórmas! — todo o sentido e todos os matizes da vida? Não sei! Mas não me espantará que, àmanhã, uma bailarina mais ousada dance a *Divina Comédia*, de Dante, os hinos védicos, o teatro de Éschylo, os vélhos monumentos góticos, com suas flechas que a mão transitória do homem elevou para o Deus eterno da sua fé, a *Appassionata*, de Beethoven, os oratórios de Bach, os *lieder* de Schumann e de Schubert, o *D. João*, de Mozart! E direi mesmo que a esta fúria prodigiosa da perna que se agita e se atira ao ar, não escapará nem a Bíblia nem o *Dies iræ*, dos sombrios Dominicanos. E sempre quero ver como elas bailam esta passagem: — « No princípio era o cáos e o espírito de Deus flutuava sôbre as águas... E disse Deus: — Faça-se a luz! E a luz foi feita...» Ou ainda esta outra:

Dies iræ, dies illa
Solvet seculum in favilla...

Não julguem que faço *blagues*, para obter contrastes propícios aos efeitos do riso. Não! A minha seriedade, nesta hora em que vou reduzindo a distância que me separa da sepultura, segundo o *Ecclesiastes*, é absoluta. Sabem o que há dias se

dançou num *music-hall* de Paris, onde as andorinhas do mundanismo apareceram com *toilettes* de vinte mil francos cada uma — um nevoeiro de gaze de sêda picado das estrêlas fulgurantes das pedras finas e lapidadas? Pois, dançou-se — a *Marcha Fúnebre*, de Chopin, tocada em cadência de tango! Não é original? E não é macabro? Pares enlaçados, durante alguns momentos de folia coreográfica, enquanto as garrafas de *champagne* estalavam com fragor e um vinho que dir-se-ia feito de sol espumava nas taças de cristal, dançaram desvairadamente, trocando beijos e confissões de impuros desejos em que latejam carnes voluptuosas, uma composição destinada aos cerimoniais austeros e solenes da morte e que evoca aos espíritos requintados e às almas sensíveis tristes préstitos marchando para os cemitérios, covais que se fecham sôbre cadáveres hirtos e gelados em que se apagou a scentelha vital, cantochões de sacerdotes, amarguras!

Êste episódio, contudo, a-pesar-de lúgubre, caracteriza-se por um fundo exacto de verdade e deu-me a definição clara do que seja o gôzo mundano na Europa actual. Êsse gôzo, que durante séculos foi inconsiderado, despreocupado, magnífico e tinha a noção da perpetuïdade, entrevê hoje o seu fim próximo — e celebra os seus próprios funerais, embora, durante as liturgias, a irrequieta abelha do riso não deixe de zumbir e os beijos constante

mente arrulhem na sombra. Ora, para funerais, só se admite a música fúnebre fazendo pular os tangos que adquirem, assim, uma feição de dança mortuária!

Agora, só me resta saber se nas cosmópolis contemporâneas, que são infernos de prazer e de sofrimento, braseiros de ambição e de miséria, vulcões de crime e de perdição, resumos brilhantes de civilizações que não tardam a entrar na agonia, as bailarinas dançam, qualquer dia, o *Requiem*, de Mozart! Então, será perfeito.

Disse Saint Victor que os bailados teem a sua origem nas escravidões, nos jugos, opressões, tiranias—e assim é, efectivamente. Esta fórma de arte, que no Ocidente está sendo amada e admirada como nunca, evoca-me as adolescentes dos serralhos dançando, entre aromas de sândalo e rosa, para alegrarem os olhos do senhor e para distraír os seus tédios, os gineceus, os prostíbulos, Laïs e Bianca Capelo. O que eu através dela não consigo visionar, por mais que me concentre e por mais destras que sejam as bailarinas, e intensa a sua mímica, são as criações do génio de Beethoven, dos grandes músicos, dos grandes poetas, dos grandes estatuários! A beleza por êles concebida e realizada não pode de modo algum revelar-se por gestos, por movimentos, ou corporizar-se por exteriorizações plásticas. Esta aspiração será sempre vã e irrealizável...

As violetas

Que vitoriosa surprêsa, a que experimentei esta manhã, ainda luminosa de sol, mas tocada já pela névoa de uma tristeza outonal! Passeava no meu jardim, soprando o lento fumo de uma cigarrilha Laferme, à preguiçosa aragem que passava sob o azul, quando um perfume suave, vindo não sei de que ponto, denunciou a deliciosa e gentil presença próxima de violetas em flor. Esta revelação foi de um inefável encanto para a minha alma saüdosa de beleza, tanto mais que é por estas finas alvoradas dos fins de setembro que as andorinhas emigram aos ranchos, deixando através dos espaços doura-dos a melancolia evocadora das asas que partem, em revoadas, para outros países de quietação e de ternura, para outras regiões floridas e distantes.

Violetas tam cedo! Seria uma ilusão dos meus sentidos, uma alucinação do meu desejo? Elas tinham morrido líricamente em maio, exalando o espírito e a graça em aroma, fugindo das impurezas terrestres para ascenderem ao céu, num raio imaterial de luar, como pequeninos corações virginais sem culpa! Tinha-as visto pela última vez, êste ano, nas mãos magras e scintilantes de anéis de uma linda mulher, perfil florentino que me deu a impressão de ser desenhado por um Boticceli moderno, perfeito corpo movendo-se em ritmos musicais, de uma elevação quási aérea e sempre admiràvelmente poética, figura melodiosamente animada. No seu rosto inolvidável, e que sempre se iluminará na minha memória pela formosura que o espiritualizava, brilhavam serenamente uns olhos que ainda ignoravam as lágrimas de fogo das paixões e que eram profundos como duas estrêlas românticas. Oh! e o que nessas mãos floridas de violetas havia de estranho, de cativante, de sugestivo! Eram delicadas, finas, deviam afagar as faces amadas como veludos macios, em nada se pareciam com as das raparigas novas de que fala o requintado Barbey d'Aurévilly, metade rosas e metade cordeiros, e que teem mãos sem idéas, tôdas vegetais ou tôdas animais. Nas da minha bela Desconhecida, resplandecentes de pedras preciosas, havia não sei quê de intelectual, de histórico, revelando estirpes

altivas, aristocracias solenes — e dir-se-iam modeladas na fragrância subtil de um lírio branco por um genial escultor de santas de catedrais!

Quando ela se afastou de minha contemplação estática e muda, levando as derradeiras violetas da primavera que enflorava, cheguei a pensar supersticiosamente que nunca mais tornaria a ter diante do olhar dorido essas cândidas flores das sombras húmidas e frescas que bafejavam, com seu hálito, os ninhos rasteiros das toutinegras. Mas, afinal, iludira-me — e com que alegria eu confesso o meu engano! A anilada manhã de hoje foi para mim uma anunciação e uma profecia. Correndo o jardim, que desabrochava ao fulgor diurno, a dois passos do mar que me recordava epopeias, fui-as procurando, guiado pelo olor perturbante que subia da espessura das folhagens onde os roussinóis já não cantavam como outrora em Verona, perto do balcão de Julieta, ou como no Vale de Santarém, à beira da janela de Joaninha. E já tinha renunciado às minhas pesquizas, sentindo uma desolação idêntica à do mineiro que sái das entranhas da terra sem ter encontrado o fabuloso filão de ouro que a sua ambição cubiçava, quando, de repente, a minha vista foi atraída, fascinada, pelo enlêvo de uma subtil nota roxa manchando idílicamente um tufo de fôlhas de um verde-esmeralda a que uma acácia, polvilhada de uma ténue poeira loura, oferecia

discreta penumbra. Curvei-me, sobressaltado — e não foi mais jubilosa, certamente, a exclamação das antigas marinhagens aventureiras quando, depois de ásperos e dolorosos meses de rota sôbre os oceanos, deparavam terra. Eram, efectivamente, as violetas reflorindo silenciosamente na veludosa carícia da sombra, escondendo-se tímidamente, ousando apenas mirar a transparência celeste com a pálpebra de ouro do fundo das suas corolas.

Oh! o amável, o sedutor encontro que tanta poesia e tanto contentamento comunicou às minhas horas! Logo, como num milagre, revivi a Desconhecida de mãos angélicas que fôra a visão sobrenatural de um maravilhoso dia de maio e que por diante de mim deslizou na euritmia da sua marcha ligeira e leve, caminhando no melódico movimento, na ondulação flutuante dos versos incomparáveis de Gabriel d'Annúnzio ou de Dante Gabriel Rossetti! O sombrio e oculto recanto, em que estas violetas vicejavam sentimentalmente, rescendia todo como o retábulo da Virgem Maria em domingos de festa:—e, durante muito tempo, como num deslumbramento, eu estive espiando a meia luz, entre as ramagens, na dúvida de que os silvanos namorados ou as dríades irónicas me quisessem mistificar, trazendo dos bosques solitários e misteriosos que só as divindades do paganismo conhecem e onde as primaveras são eternas, aquelas

flores a que a minha ternura se não fatigava de prestar o seu amoroso e purificado culto . . .

Tenho-as aqui, na minha frente, sôbre a banca de trabalho, como uma inspiradora Musa — e, para que a sua vida seja mais longa e o seu encanto mais duradouro, conservo-as numa pequena jarra de cristal, de elegante fórma, cheia de água translúcida. São uma pura sêda lilás, e a mim mesmo pregunto qual foi a paleta divina onde se amassaram tintas que nem Cláudio Loreno, nem Carpáccio, nem Tintoreto, nem os geniais coloristas flamengos, conheceram. Olhando-as, observando-as na sua doçura infinita, na sua beleza indizível, chego a convencer-me de que não existem materialidades nestas flores que representam, talvez, as aspirações supremas para a luz, de tudo quanto na natureza há de virgíneo, de imaculado, de inocência, de candura. Tinha razão — quem sabe? — aquele poeta louco, mas com momentos de transcendente lucidez, quando dizia que Deus fazia as violetas com os olhos das virgens adolescentes que morriam sùbitamente no primeiro alvorescente instante do amor. Porque, mesmo nos seus caules flexíveis, que se dobram ao mais débil sôpro das brisas, notam-se linhas plásticas, harmoniosas curvas que parecem copiadas das humanas fórmas femininas.

E aqui estou eu a pensar se as adoráveis mulheres que as liras geniais cantaram e que se finaram brandamente ao descer das tardes sonhadoras, escolheram as violetas para a sua ressurreição, volvendo ao mundo visível em aromas e em modelações puríssimas!

É possível que algumas destas florações hoje colhidas sejam resíduos de Desdémona, de Miranda, de Ofélia, e ainda se recordem de Shakespeare. É também possível que sejam renascimentos de Laura ou de Beatriz e ainda não esquecessem, na sua transformação encantadora, os sonetos de Petrarca ou os tercetos de Dante — os tercetos que disseram os desfalecimentos, as quimeras e as tristezas da adoração de Paulo e Francesca e a ansiedade do primeiro beijo que trocaram!...

E porque não hão de ser reaparições miraculosas das ingénuas raparigas desaparecidas que, durante uma vida efémera e material, dançaram nos eirados, ao som da cantiga das violas e das guitarras, alando-se para as estrêlas? Ah! eu observo-as com um estremecimento bem íntimo, perseguindo-me a suspeita de que de noite, nos instantes em que tudo dorme e quando a solitude é imperturbável, elas, no ermo das salas, entre os mármores nitentes, os bronzes de arte e os mobiliários de luxo, entre as rendas, os setins, as talhas douradas e os espêssos reposteiros, saltam àgilmente das flo-

reiras, fugindo sôbre os tapêtes fofos, e vão espreitar o sono dos anjos que dormem nos berços ou escutar o arrulhar abafado das câmaras nupciais em que os noivos se refugiam com as miragens do seu coração — miragens transitórias e que os iludidos, a-pesar-disso, consideram imortais como a verdade! Nesses minutos de curiosidade ou de um folgar que acordam reminiscências de uma existência anterior, é provável que as hastes se entrelacem em abraços, que se casem as colorações, que as corporizações minúsculas se avolumem e que, na escuridão propícia, se esbocem figurações radiantes e vagas, sorriam frontes alvas e cochichem baixinho lânguidos murmúrios! Então, as florecências a que os vivos não ligam um sentido justo, colhendo-as apenas para um gôzo fugaz da sua alma ou para satisfazerem o seu volúvel capricho, envolver-se hão em diálogos intermináveis, conversando de coisas passadas: — de ideais que se malograram, de sonhos que se dissolveram ràpidamente, de desejos indefinidos que nunca deixaram de mentir, de fantasias que se dissiparam em fumo, de enternecimentos findos.

Possuissem as violetas o dom superior da palavra, pudessem elas revelar tudo quanto sabem — e o globo teria uma outra história lírica, eliseal, evocativa, em que se narrassem os noivados das sepulturas, as alquimias da transformação da matéria, o hino das seivas correndo nos troncos e nas folha-

gens, a oração e o misticismo dos perfumes evolvendo-se nas florações, para incensarem as claridades e beijarem as aragens! Mas não podem, porque apenas sentem, sem que da sua sensibilidade os conscientes consigam surpreender nas suas fórmas tudo o que é elevado, sideral e esplêndido, e que, por isso mesmo, se prende ainda à superioridade da vida expressa pelo amor, pela emotividade, pela piedade, pela pureza! Possuíssemos nós a faculdade de compreendê-las, de interpretar, pelos seus matizes, as virtudes da sua essência, de perscrutar, pelo enlêvo que comunicam, as idealidades a que aspiram, de entender o que se oculta na sua mudez permanente: — e eu vos afirmo que os actuais processos artísticos seriam completamente modificados, sofrendo uma funda renovação! Porque não julguem que as flores são coisas inanimadas em que não pulsam ânsias, não latejam vontades, não se aurorizam inteligências. Não! Melhor do que os sêres de mais vibrátil sentimento, dispõem elas da qualidade de compreender e de realizar a beleza: — e a beleza é a única religião da existência...

Ah! para que remotas, irreais paragens arrastam a minha imaginação as violetas que esta manhã apanhei no meu jardim e que, na minha frente, se esquecem a perfumar, como turíbulos de um templo

pagão, a minha modesta livraria! Se pouso a pena e me concentro na sua contemplação, julgo por vezes, nos delíquios do fulgor diurno, que elas são donas aristocráticas vindas de cidades feitas de astros, numa viagem azulada, ainda tôdas orvalhadas das nuvens húmidas, ainda tôdas rescendentes do éter dos espaços, para me fazerem as confidências da graça e explicarem-me o idealismo das asas boémias para as constelações. E tenho tentações, a custo dominadas, de recitar-lhes as líricas dos grandes poetas, de dizer-lhes o enleio dos namorados naqueles doces momentos em que o coração lhes bateu mais apressadamente no peito, os seios virginais arfaram e as pálpebras se cerraram, para que os olhos não vissem rubores que eram uma confissão! E lembro-me se elas não gostarão dos lentos saraus em que se dançam *menuettes* e *gavottes* ao som de um vélho cravo, quando a lua, como uma flor de neve, boiar nas profundidades do céu, espelhando-se nos vitrais dos salões góticos, ou se não as comoveria uma serenata, dada por um mágico violino de sortilégio, tocando as baladas escandinavas ou as músicas que gemem espalhadas no vento, que sussurram nas ramarias, que soluçam nas fontes, que suspiram nos vergêis — e que nem sequer o génio de Beethoven ou a subtileza de Debussy tiveram o poder de fixar em sonoras páginas!

Mas que? Que lhes ofertaria eu que elas igno-

rassem ? Quantas noites gloriosas e luarentas elas terão assistido, pelas concavidades dos jardins solitários, aos concertos das pucelas, tangendo alaúdes, teorbas, arrabis feitos de pistilos de azáleas brancas, ou às farândolas de nixes e de wilis, valsando nas vaporosidades do luar ! E quantas madrugadas côr de rosa e ouro, ao nascer do sol, os elfos, os duendes, os gnomos, lhes terão lido, na vitória, na ascensão da luz, os seus poemas, em que os versos são cinzelados, burilados em brilhantes, em rubis, em pérolas, em ópalas, em ametistas, em topázios !

Costumadas à adoração dos génios da natureza, ao convívio das divindades suas companheiras, que terá de novo e de inédito para elas a fantasia de um pobre mortal como eu !

Limito-me, por isso, a amá-las com sinceridade e fervor e a receber delas os eflúvios e a radiosa beleza serena que me mergulha em pacificação e que exerce sôbre os meus nervos doentes uma influência benéfica ! Que para mim suba, numa nêvoa de aroma, tudo o que nelas haja de puro e de perfeito, para que eu me torne melhor. Que elas me ensinem a encantar também, já que tanto me encantam. E que me perdoem, sobretudo, o egoísmo com que as cortei, reclamando-as só para mim, para o regalo dos meus olhos !

De resto, eu não colhi estas flores, da côr do

manto que eu vi à Virgem, numa festividade recente — manto em que as estrêlas de ouro scintilavam — ùnicamente pelo prazer pecaminoso de destruir vidas tranqüilas! Foi por pensar, talvez erradamente, que ao ar livre as suas mimosas carnações tivessem frio, desde que os rosados fulgores da tarde se apagassem e a treva nocturna caísse do céu como um crepe funerário. As violetas são tam delicadas, tam frâgeis! Apenas uma imperceptível gota de seiva — que é o seu sangue — as alimenta na sua magreza de tísicas. De maneira que uma aragem mais viva pode fazer mal a tanta gentileza que veiu ao mundo para viver aninhada entre rendas, na limpidez das taças, sôbre contadores espano-árabes, sôbre porcelanas de Saxe e de Limoges, sôbre pianos onde esmoreceu a voz que em certos momentos canta Bach, Liszt, Mozart, Schumanan, Schubert, Saint-Saëns, Palestrina, Cimarosa, Mendelsohn, sôbre as mesas de mármore em que as duquesas pousam as *boás* de plumas, de regresso dos bailes, ou os diademas de pedrarias com que voltam das cerimónias nupciais! Estarão melhor junto dos meus poetas e dos meus artistas preferidos, aromatizando-os com a sua respiração rescendente, do que debaixo de uma acácia orgulhosa, já coberta dos cachos de ouro da sua floração, que lhes roubava o sol, por inveja, e lhes mascarava a beleza, por ciúme!

As violetas! Com a sua visitação inesperada, trazem-me uma notícia: — a do outono próximo, em que a paisagem, sob os céus desmaiados, entristece. E é, de-certo, por isso que há lutos nas suas pétalas. Mas eu sou um elegíaco e amo docemente a tristeza...

A música e a alma feminina

Nenhuma outra Arte como a música transmitirá emoções mais profundas aos organismos sensíveis e iluminará de mais pura claridade as arborescências do sonho encantado que as almas trazem dentro de si. Em certos momentos e em especiais estados psíquicos, ao sentí-la com intensidade, dir-se-ia que se definem nítidamente, que se condensam em plásticas admiráveis, tôdas as nossas aspirações supremas, tôdas as nossas ascensões espirituais.

A música possúi, com efeito, um verbo sonoro e divino com o colorido, o ritmo, o poder evocativo, os matizes, a eloqüência capazes de comunicarem as impressões mais subtis — tanto as que derivam dos ambientes exteriores, das coisas tan-

gíveis, como as da intimidade moral. Com êste verbo, que é de luz, modelará ela em ténues brumas ou em luar, as imagens vaporosas e fugidias que sòmente a finura da sensibilidade apercebe, e exprimirá idéas, pensamentos, sensações que parecem flutuar em regiões extra-terrestres e obscuras, inacessíveis à inteligência.

Ainda hoje tive ensejo de retificar esta verdade, ao ouvir a *Sonata Patética*, do grande Beethoven, que se imortalizou, pelo génio, na consciência dos vivos. Essa nobre página musical exerce nos meus nervos uma influência prodigiosa: — e, contudo, nunca eu a tinha compreendido na sua oculta significação. Idealizava-a na fantasia. Recompunha na imaginação exaltada uma atmosfera de inefável doçura em que brandamente deslizassem, em harmoniosas cadências, as criações visionadas pelo autor excelso da *Nona Sinfonia*, em horas alciónicas de saüdade ou paixão transfiguradora. Julgava-a um hino glorioso à alegria de viver, escutando as pulsações dum enternecido coração de mulher em que desabrochasse uma angélica flor amorosa...

Por mais duma vez, meditando nela, tive diante dos olhos o scenário que eu supunha haver inspirado Beethoven: — um salão adormecido em silêncio e mergulhado em suaves penumbras crepusculares em que os mobiliários eram preciosos

pela linha artística e os veludos e as alcatifas amorteciam todo o ruído. Os mármores brancos, sôbre os plintos decorativos, alvejavam ainda na luminosidade expirante do ocaso, que afrouxava gradualmente; as rosas perfumadas desfolhavam-se em jarras de cristal com a tristeza duma ternura que morre.

A um canto, sentada num sofá, com as mãos esquecidas no regaço de sêda, o olhar meditativo, uma inexprimível melancolia na fronte, uma adolescente de maravilhosa beleza enlevava-se nas confissões de Beethoven — enquanto, fóra, se acendia no céu o pálio crepitante das estrêlas, lampadários de ouro que Deus ia suspendendo, um a um, nas vertiginosas alturas para onde se elevam, há tantos séculos, as purificadas orações dos crentes: e uma pacificação ditosa embalava a natureza inteira!...

Acabo de verificar, porém, que esta interpretação era absolutamente errada. A *Sonata Patética*, que venho de ouvir ao findar dum poente religioso e já com a lua subindo e boiando na concha celeste como um globo eléctrico, não é uma confidência de amor, mas uma lamentação magoada, um doloroso queixume em que existe mais sofrimento, mais angústia do que contentamento e gôzo íntimo. De quando em quando, a asa invisível

duma leve ironia, sem nada de venenoso, palpita nela, entre as lágrimas que se irisam como brilhantes lapidados a um derradeiro lampejo diurno. Em logar de expandir, na *Sonata Patética*, a sua ventura por um sumo bem alcançado, Beethoven carpe-se, chora, acusa a criatura desdenhosa ou cruel que o esqueceu, para correr talvez, num desvairamento, para a chama impura que a abrasará . . .

Como foi que ela surgiu, repentinamente, por um tam diverso aspecto, à minha emotividade ? De-certo por eu, num fugaz instante, haver encontrado um estado de alma semelhante ao de Beethoven, quando a compôs. Na realidade, tinha passado o meu dia a ler a tempestuosa novela dos amores de Balzac e de M.me Hanska, escrita pela mágica pena de Spoelberch de Lovenjaul, um arguto perscrutador do coração humano. Nos primeiros tempos, desde que a « Estrangeira » se revela a Balzac, o idílio não tem um sobressalto, nada o perturba ou o toca de sombrias tintas. M.me Hanska, uma romântica ardente, percorre faustuosamente as sumptuosas capitais da Europa em companhia do marido, um vélho nobre da Polónia, deslumbrando-se em todos os esplendores da opulência e da elegância aristocrática. Balzac, alucinado, sem dinheiro, vai atrás dela, numa loucura, só para trocar com a deusa, que incessantemente lhe foge, um bilhete furtivo, ao descer da diligência, ou um beijo

mais furtivo ainda, na escuridão propícia dum corredor de hotel. Nestes rápidos minutos, dourados de céu e de espiritualidade, M.me Hanska só aspira a ser definitivamente livre, para se consagrar ao homem superior que escreveu *Eugénie Grandet* e *Cousine Bette* e que o mundo da Arte aclamava como um dos seus príncipes.

A liberdade chega, finalmente, e é então que o romanticismo de M.me Hanska se exacerba, transformando a apaixonada entusiástica num sêr absurdo, com atormentadas e incompreensíveis crises de virtude feroz, com inexplicáveis caprichos que a levavam a chamar apressadamente o amante para logo o repelir com amargo sarcasmo, desejando-o, numa hora, com febre, odiando-o com rancor na hora seguinte! Durante nove anos, a existência de Balzac, que a duquesa de Castries, a mais doce das apaixonadas, elevára até ela, foi um inferno em que tôdas as suas energias morais e mentais se consumiam lentamente. Em Paris, devorado pela ansiedade da produção, surpreendia-o um grito implorativo vindo de muito longe, e êle imediatamente interrompia o livro genial, dirigindo-se a S. Petersburgo numa ilusão feliz que não tardaria a dissipar-se. Junto de M.me Hanska, esperava-o mais uma zombaria, mais um desengano, mais um escárnio fulgurante, que o obrigavam a fugir, perseguido pelas setas sibilantes e cortantes

do desdém. E esta tortura inenarrável apenas findou quando Balzac, exausto, irritado, cansado de sofrer sucessivas humilhações, se decidiu a romper com tal despotismo. Então, M.me Hanska, impondo-lhe um último sacrifício, casou com êle — para que a sua tirania, e não o seu amor, se prolongasse...

As mulheres, delicados sêres de abnegação, são assim cruéis quando se sabem profundamente veneradas e quando estão seguras do seu imperioso domínio sôbre os adoradores!

Ora, é justamente a psicologia destas amorosas, verdugos e redentoras, que Beethoven exprime na *Sonata Patética*. A desconhecida que foi a inspiradora dessa maravilhosa página, adivinha-se com lucidez no desenho das frases musicais que começam vitoriosamente, num cântico de saüdação à graça do amor alvorescente, sagrada floração de dois corações, e que termina com prantos acusadores, arrependimentos, queixas balbuciadas, súplicas inúteis, desesperos murmurados, doridas resignações.

Ah! os músicos como Beethoven, são os poetas, os sacerdotes dessa Arte perfeita que nunca se banaliza na trivialidade das fórmas palpáveis, que é irreal, astral e reveladora como nenhuma outra, e são também os mais perspicazes analistas da alma feminina, caprichosa, inconstante, volúvel, com de-

dicações que a divinizam e perversidades que a maculam, querendo agora o que logo aborrecem, absorvendo-se em idealismos que serão calcados com ira ao transmudarem-se em realidades concretas—essa alma enigmática, esfíngica, frívola e sublime, de lirismos, de purezas e de perversidades implacáveis! E para isto dispõe a música duma voz omnipotente como potência de expressão, porque ela é a Arte sem par, justamente por não poder dizer todos os seus segredos—na afirmação flagrante de Óscar Wilde.

Nenhum psicólogo, para mim, definiu ainda a mulher como Beethoven na *Sonata Patética* e na *Appassionata* — e numa linguagem em que há sòmente som, euritmia, vago, mistério, uma linguagem que se não materializa em palavras duradouras e que, no entanto, fala eloqüêntemente ao nosso sentimento. E é por isso que eu considero como semideuses entre os homens os compositores da estirpe do autor da *Nona Sinfonia*, que é a obra mais soberanamente bela de tôdas as idades e de tôdas as civilizações e que põe o ser pensante e transitório em comunicação directa com o infinito eterno!

Balada da neve

A neve cái!... A neve cái por êstes frios e luminosos dias do outono expirante, ligeira como um hálito que o ar gelasse, pura como uma pulverisação de estrêlas! Cái em flocos alvíssimos e cresta todos os mimos de sêda e tôdas as jóias de côr e aroma das derradeiras flores, aspira os perfumes, amortalha a terra num sudário deslumbrante em que, sob o azul translúcido e a um mais vivo e fulvo raio de sol, se acendem, se iluminam misteriosos arcos-íris. Quando as primeiras sombras nocturnas descem, as almas sensíveis ouvirão nítidamente o leve ruído que ela faz na serenidade da atmosfera — um ruído harmonioso, inefável, melódico, semelhante ao duma voz encantada que fôsse dizendo amorosamente certas páginas líri-

cas e perturbantemente emotivas de Chopin, inspiradas ainda pelo doce, inefável idílio com George Sand, ou vagos ritmos delicados de Debussy. A sua alvura, quando a lua ascende nos espaços, floresce as brandas aragens adejantes, estréla as ramarias sem folhagens, transforma o ambiente nos jardins suspensos de Semiramis — jardins de sortilégio — e chego às vezes a pensar se está próxima a hora romântica em que Helena virá esperar ao seu terraço, no esplendor de tantas florações, o Pai dos Deuses, descendo do Olimpo em chuva de ouro ou em rosicler de estrêlas, para vir raptá-la! Sôbre o húmus negro que adormece no seu profundo sono invernal, essa neve resplandecente é uma purificação.

Ao raiar da alva, quando o místico lírio da luz desabrocha, o esplendor nitente da geada leva-me a evocar, no louro e fluido banho da luminosidade, uma paisagem preciosa de Whistler, ou relembra-me o enlêvo poético e simbólico daquela sagrada e reveladora manhã em que Parsifal, errando na solidão da campina tôda nevada, de volta de Caerleon, onde o rei Artur e a raínha Ginevera tinham a sua côrte, num castelo à beira do mar, deparou, sôbre a superfície gelada, as gotas de sangue da pomba que um abutre devorou, colhendo-a no vôo, e que lhe trouxeram à recordação as faces rosadas de Brancaflor, que mais tarde havia de en-

contrar, trémula de ansiedade e de ternura, nas sumptuosidades do castelo do Bom-Repouso!...

Estas finas alvoradas de inverno teem para os temperamentos sensíveis a sua beleza e a sua espiritualidade. E quantas adoráveis coisas evocam! Contemplando a incessante quéda da neve — poeira refulgente baixada, numa nuvem diáfana, do regaço das constelações — já eu vou idealizando comovidamente as veneráveis festas do Natal, que reünirão as famílias cristãs, numa certa noite amorável, à mesa da ceia, junto da mesma árvore reverdecida e coberta de florescências esplêndidas, de cubiçados frutos que as mãos pequeninas das crianças — ainda não maculadas, e que apenas sabem erguer-se, no gesto angélico e cândido que foi o inspirador da ogiva gótica — hão de apanhar entre gritos de alegria e risadas cristalinas. Porque a neve, tam cruel, tam impiedosa para os corpos nus dos deserdados — é a boa mensageira, a grácil anunciadora dêsse Natal que não tarda a bater à nossa porta e que vem fazendo a sua milagrosa jornada para o nosso lar. Não o conhecem? Na minha infância, o Natal era um vélho, todo curvado e trôpego, de grandes barbas encanecidas, amparando-se a um nodoso bordão e com um feixe de lenha às costas — de-certo destinado às lareiras desagasalhadas. Foi assim, justamente, que eu me costumei a vê-lo nas estampas ingénuas, nas

gravuras em madeira com que se ornamentavam as capas dos livros infantis — e a sua imagem ainda se não apagou na minha memória e na minha retina em que perpètuamente se conservam as fundas impressões da juventude. Bastou que a geada começasse a manchar de branco a verdura das regiões peninsulares — como um canteiro de açucenas que se esfolhasse, como a plumagem dum cisne nevando as límpidas águas do lago onde morresse — para que essa alegoria encantadora e sugestiva ressuscitasse na minha imaginação...

A neve cái, imaculada como um véu nupcial, purificada como um frontal de altar, casta como o pão eucarístico — e quanta dôr e quanta graça ela espalha por tôda a parte! Cái mansamente, como uma bênção, sem um murmúrio, sem fadiga, embranquecendo tudo aquilo em que o seu beijo toca — coval sombrio, mácula de lôdo, verminas, gangrenas. Sôbre as sepulturas dos citaredos mortos andam, durante os silêncios da treva, teorias de fadas, a um chôro fugidio de harpas ocultas, derramando regaçadas de flores que dir-se-iam talhadas na carne dos Carraras ou nas lucilações do luar. E são também essas fadas, aparições quási imateriais, que fazem já pelos vergéis do sonho a colheita esplendorosa das gentis surprêsas que as

criancinhas esperam numa ansiedade. Neste momento, êsses anjos louros, pensando no Natal, escolhem os sapatinhos microscópicos — que não caberiam nos pés da Cendrillon ou da Gata Borralheira — para deixarem sob as chaminés, depois de nelas se extinguir o fogo. Ao bater da meia-noite, no bronze das altas tôrres, duendes, génios benéficos, nixes, wilis, surgirão, num brando remígio de asas, voando pelos telhados, pelas agulhas das catedrais, pelos campanários, entrarão em bandos nas vivendas pacificadas, cochichando, sorrindo, convertendo cada sapato da infância confiante num verdadeiro tesouro! As fadas bemfazejas veem dos roseirais sidéreos, atravessaram a feéria dos astros, os palácios fantásticos das nuvens, os paraísos estelares, encontrando riquezas que os mortais ignoram, e que elas decidiram ofertar à meninice, na noite redentora em que a Cristandade celebra o aniversário do nascimento de Jesus, o maior amigo dos que sofrem e dos que amam, num humilde e triste curral de Belém. E nunca se esquecem da sua promissora visita aos predestinados da sorte, aos que nascem em perfumados leitos e são embalados, por aias vigilantes e atentas, em berços de setim, de tules vaporosos, de frágeis e raras rendas.

Apenas se não lembram dos pobrezinhos que principiam a padecer dos males irremediáveis da

vida desde o instante fatal em que abrem os olhos à claridade do mundo e quando ainda nem sequer atravessaram os pragais da existência. No entanto, a culpa não é das fadas mas dêsses pobrezinhos que não teem calçado ! Onde haviam de pousar as suas oferendas as generosas amigas da inocência ? Sôbre as alvas roupas da cama ? Mas os pequeninos desgraçados dormem nas palhas ! É por isso, certamente, que elas procuram, de preferência, as habitações opulentas, onde há mobiliários principescos fazendo a decoração dos salões, mármores cinzelados, bronzes de arte, jarras com rosas exalando capitosas fragrâncias, fofos tapetes amortecendo, abafando o som dos passos deslizando nas alfombras, tálamos aninhados entre docéis de veludo e cortinados duma ligeireza de brisas — fugindo dos tugúrios em que a miséria uiva constantemente e o vento entôa os seus lúgubres cantochões. Não é por maldade que assim procedem, bem o sei ! As fadas são, por índole, por essência, aristocráticas — e se amam as crianças, tanto as felizes como as infelizes, pela porção de alma e de céu que existe na sua formosura e na sua virgínea gracilidade, mais amam as opulências, as scenografias, o luxo majestático, as pompas estridentes. Contudo, se correm apressadamente para os borzeguins setinosos com as suas ofertas, uma vez por outra também param enternecidamente diante dos grosseiros ta-

mancos que servem de agasalho aos pés rugosos e calejados, deixando lá, a arder, a scintilar, deliciosas ninharias que valem, para um espírito infantil, mais do que as gemas em que a luz se irisa, mais do que as preciosidades que excitam as cubiças dos adultos. E creio até — embora o não saiba com absoluta certeza — que, em face dêsses tamancos, algumas delas, as que trouxeram no coração, a vicejar, uma bonina de amor, hão de sentir os olhos humedecidos por uma lágrima de comoção, água lustral, orvalho de sentimento aurorizando-se de celestes purezas! . . .

Cái a neve, como uma unção, sôbre a terra dura! Em certas madrugadas nítidas dir-se-ia que a flor das estrêlas tôda a noite — uma noite de noivados — peneirou as suas pétalas sôbre o globo, enquanto os elfos, os silvanos, as ninfas valsavam, em volutas aéreas, ao som duma evocativa música de Mozart ou dum *Nocturno* de Field. E, ao passo que a neve cái sôbre as choupanas, as florestas, as várzeas, os tetos de colmo, os charcos, as avenidas citadinas, os artistas dizem: — « Que maravilha! Onde estará o pincel que se molhe em tintas de tanta brancura, para pintar as paisagens invernosas? » E as andorinhas do mundanismo, aconchegadas nas suas peles de zibelina ou de raposa azul, murmuram, en-

levadas: — « Que incomparáveis instantes de prazer vamos passar, patinando nos gelos, pelo braço daqueles com quem tecemos horas de luar e ouro, nos amáveis devaneios do *flirt!* » E os esfomeados, na sua dolorosa, amargurada nudez, gemem: — « Que frio! A agulha penetrante da neve trespassa-nos até aos ossos. Tiritamos! E não temos lume em casa nem roupa no leito! Para que havia Deus de mandar aos transidos os invernos aflitivos? Antes o sol ardente, fogueira secular fulgindo em labaredas, que é sempre misericordioso para a pobreza e tam afável para os que nada possuem!» Mas a geada, sem escutar estas antagónicas lamentações, tomba incessantemente, transmudando-se numa livida mortalha, acumulando-se nos sítios de sombra, no píncaro das serras, na crôsta terrestre, pendendo dos ramos dos arvoredos em estalactites que faúlham na luminosidade, refulgindo em tôdas as facetas dos seus cristais.

E como ela é propícia às elegâncias femininas! Agora, pelas praças públicas, pelas amplas perspectivas das cidades, pelas salas de teatro e de concêrto, pelas *soirées*, pelos chás das cinco horas, é um desfilar magnificente de mulheres soberanamente lindas. Nunca assisti a um certámen de tantas belezas animadas. Parecem estátuas duma impecável modelação das fórmas, de linhas, de curvas musicais, avançando em passos ritmados, ondulan-

tes e nervosos, entre o rugir das sêdas! As cabeças, em que há vibrantes toques de luz, emergem das martas e das lontras lustrosas, como corolas de flores estranhas. Na palidez marmórea das frontes, em que a gélida aragem fez desmaiar as rosas do rosto, fulguram olhos dardejantes e dum negro líquido — olhos que aliciam, olhos que concitam às torturas da paixão, olhos que activam a angústia do ciúme, como aqueles de que fala Shakespeare, ou que pacificam e enternecem, como os da Virgem Maria, a piedosa Mãe dos homens! E isto me induz a supôr que a estação hiemal é o mais imprevisto de todos os artistas decoradores.

Efectivamente, com que originalidade ela faz a iluminura incomparável dos asfaltos, por estas friorentas e lúcidas tardes desfalecidas, morrendo a uma claridade dourada! As legiões melancólicas da miséria — que são uma brutal e desgostante mascarra no scenário urbano de inverno — foram varridas completamente das amplidões exteriores. A máscara agonizante dos famélicos e dos doentes já se não depara, terrível como um protesto, ao ar livre. Os destroçados refugiaram-se nas suas tocas — ai! dêles! — para não perturbarem os venturosos na sua diária romaria mundana. E a cidade, em que se amassam, se fundem, se amalgamam, se aglutinam tantos ódios, tantos rancores, tantas aspirações, tantas ambições, tantos idealismos, tan-

ta candidez e tanto crime, logo floriu das graças duma outra humanidade esculturalmente bela, exibindo uma opulência em pedrarias que custam fortunas, em *toilettes* que exigiriam à Moda, à Fantasia e à Arte longas e penosas meditações! . . .

A neve cái sem descanso. É uma flor alva que se desfolha em flócos, que se esfia em ténues pastas de algodão que me sugerem os bizarros bailados russos serpenteando nos palcos a uma sonata patética de violinos de mistério.

Quantas aves sem abrigo e quantos esfarrapados sem calor, Senhor do céu! De quando em quando, vendo-a colorir de branco a floração das mimosas, que adivinham a primavera próxima, lembra-me um cântico lírico composto por Lecomte de Lisle: outras vezes, porém, se ela cobre a terra como um lençol mortuário, lembra-me o *De Profundis!* . . .

Rostand

Durante quatro anos e meio de guerra e de catástrofes, a Agência Havas todos os dias fazia circular no mundo inteiro, pelos fios telegráficos ou pela telegrafia sem fios — tam rápida como o pensamento — verdadeiras tragédias condensadas em algumas apressadas linhas. Pois bem! Poucas vezes me comoveu tam profundamente como ao anunciar-me em rápidas palavras a morte de Edmond Rostand, um simples poeta. E porque? Porque para o meu espírito e para a minha inteligência, os grandes, os imortais heróis, na história da Alma, não são os generais vitoriosos, os exércitos que, triunfando nos braseiros das batalhas, mudam a face das cousas estabelecidas, imprimem novo rumo aos destinos dos povos e das nacionalidades, dão

um curso diverso aos acontecimentos políticos e sociais. Para mim, os heróis de que falo e que merecem o culto fervoroso dos corações sensíveis são apenas os criadores de beleza, que é a mais pura flor da emoção humana. Ora, Edmond Rostand foi, com efeito, um dêsses criadores admiráveis, oferecendo à Poesia e ao Teatro da França moderna algumas das suas páginas mais nobres, mais eloqüentes e de mais relumbrante brilho.

Dentro de certos limites, o autor insigne do *Cyrano de Bergerac*, a mais forte e a mais célebre das suas obras, foi um alto representante do seu país e da aristocrática estirpe estética a que pertenceu. Pela profundidade das idéas, pela viva originalidade do pensamento, pela grandeza das concepções filosóficas ? Não, certamente. Rostand era um lírico subtil e um artista mais inclinado às exterioridades, às scenografias, à pintura dos meios envolventes, à côr, ao som, ao ritmo, à realização das impecáveis linhas plásticas, do que à perscrutação das intimidades morais, dos singulares estados emotivos...

Ah! mas como pintor, como scenógrafo, como modelador e cinzelador dos belos mármores em que se esgotam tôdas as invenções e tôdas as modalidades da fórma, esse poeta que nascera em Marselha, sob um céu perpètuamente azul e fulgente do ouro do sol, sob uma atmosfera quente,

vibrante e luminosa, não tinha quem, actualmente, se lhe pudesse comparar. A sua imaginação era ardente, inquieta e audaz a sua fantasia, rica de coloridos, de tintas, de *nuances*, a sua paleta de bardo meridional que sabia comunicar às suas estrofes sonoras, ondulantes e nervosas, um pouco do fogo, da paixão, dos generosos e impulsivos entusiasmos da raça. A par disto, dispunha dum fino bom gôsto, do senso arguto da proporção, da medida — denunciando elevados dons de herdeiro dos gregos — da sobriedade, da justeza, da expressão flagrante. Manejando com destreza um vocabulário opulento de tons e de euritmias, translúcido como um cristal, os seus poemas ou as suas peças teatrais caracterizavam-se não pelo exotismo das roupagens pesadas, caíndo em convencionais pregas hieráticas, mas pela claridade, pela simplicidade, pela leveza e pela transparência; impunham-se pelo equilíbrio, pela harmonia, pela unidade, que nunca se conturbava nelas, pela música, pelas orquestrações de rimas desfilando numa pompa, voando e zumbindo a um raio de luz como enxames de abelhas de ouro.

Se, em vez de cantar com exaltação os doces lirismos, o amor, o heroísmo, os eternos feitos de epopeia, Rostand fôsse um pintor, teria sido um dos maiores decoradores de tôdas as idades e o seu génio havia de perpetuar-se em largas composições mu-

rais à admiração dos dias vindouros. Se tivesse trocado a sua Musa por um cinzel, dar-nos-ia nos Carraras ou nos Paros transparentes alegorias maravilhosas.

Em Rostand, o sentimento plástico ultrapassava todos os outros. Nos seis ou sete volumes que legou às letras francesas, será inútil procurar, através da frescura, da alegria, da vivacidade, do esplendor dos seus versos — que lembram jóias pela radiação, pelo brilho, pela scintilação prodigiosa — as revoltas frementes, as violentas tempestades psíquicas, as vontades apaixonadas e livres tumultuando numa natureza igualmente livre. Também se não encontrarão nesses versos magníficos, facetados, polidos, talhados em arestas de diamantes, as profundas sínteses, as minuciosas análises, os gritos dilacerantes. A arte de Rostand é feita de serenidade, de graça, de ternura. Intervém sempre nela mais a emotividade do que o intelecto. A sua origem inspiradora inexaurível foi a alma e não o cérebro.

Mas, com uma subtileza estranha, o poeta corrigiu contìnuamente, por uma pontinha de ironia vivaz, os excessos da sua sentimentalidade transbordante, deixando a arder uma rosa de luz e de riso vaporoso nas dolorosas cristalizações das lágrimas.

Desde as *Musardises* — colecção de poesias líricas com que apareceu no movimento literário da sua Pátria — até ao *Chantecler*, que foi um dos seus derradeiros trabalhos, Rostand mostrou-se constantemente um plástico superior e um emotivo. O que nos seus volumes desde logo surpreende com intensidade é o joalheiro das imagens, o cinzelador de *trouvailles*, o lapidador que incessantemente procura fórmas expressivas inéditas para transmitir impressões e sugestões vivas por meio duma linguagem desconhecida, resultante da audaciosa combinação e do jôgo dos vocábulos. Foi Rostand que definiu assim o beijo : — um ponto côr de rosa sobre o i do verbo *aimer* : — E isto é perfeito, gentil, gracioso, lembrando não sei porquê as rendas de Bruxelas, as cinzelagens de Cellini, certas aquarelas de Watteau e as télas de Boucher e de Chardrin...

Nos livros de Rostand, as imagens inesperadas, denunciando um temperamento artístico incomparável, parecem bandos de irisadas borboletas esvoaçando, irrequietas, sôbre perfumadas flores, de que se exalam capitosas fragrâncias, que são o hálito virginal das corolas. No entanto, o lírico de estro nobre surge olìmpicamente a cada momento, cantando para as estrêlas as perturbantes aspirações amorosas.

Ficará sendo inolvidável para mim a scena

entre Cyrano de Bergerac e Roxane, que escuta o namorado ao balcão coberto de florações. Debaixo, do jardim, sob o banho suave do luar imensamente branco, Cyrano confessa, à doce mulher que o atrái, que «sente descer» nos ramos dos lilases em flor, a branda tremura dos seus dedos afusados, em que scintilam pedras de anéis. Êste trecho é duma elevação e duma beleza que nunca mais se esquecem e que não teem na poesia francesa da nossa época símiles de comparação. Nem Verlaine, nem Musset ascenderam tam alto. Rostand atingiu ali o ponto culminante da sua personalidade literária. Foi uma hora alciónica, um momento, um minuto, mas tanto bastou para que êle se imortalizasse. Essa passagem de ouro, êsse episódio, constituïrão um luminoso cimo na obra tam vasta de Rostand! . . .

As *Musardises* foram uma estreia, passando levemente sem levantar um clamoroso alarido entre os críticos, a-pesar-de revelarem já uma individualidade notável, não pela sua potência subjectiva mas pela sua potência pictural. Não tardou, contudo, que as honras e a celebridade chegassem a Rostand, com os *Romanescos*, que foram a sua primeira peça de teatro — e que teem uma interessante história. O poeta, ainda estudante, compusera uma comédia em verso que êle mesmo considerava fútil, mas que leu a um amigo, actor da *Comédie*. Êsse actor, encantado, apresentou-o a Claretie, re-

petindo Rostand a leitura. O ilustre escritor director da *Comédie* ouviu-o com atenção, dizendo-lhe finalmente:

— Não será com êsse trabalho que se apresentará aos freqüentadores desta casa. Convido-o, no entanto, a escrever um outro, e êsse será representado.

Rostand, comovido e com a ave da esperança gorjeando dentro do peito, encerrou-se em casa com tôda a sua mocidade e as suas fecundas qualidades de realização, e escreveu então os *Romanescos*, que o consagraram definitivamente.

Que é a peça? Quási nada e, contudo, um relâmpago de talento. Dois namorados, no perturbante alvorôço do seu amor, lembram-se de ressuscitar o drama de Romeu e Julieta — não em Verona mas em Paris e num delicado *decór* do século XVIII, que dir-se-ia esboçado pelo *crayon* mágico de Vigée-Lebrun. A ressureição deslizava não num jardim italiano, povoado de sombras agoureiras, mas junto dum muro que as florescências dos arbustos cobriam duma pompa nupcial. Romeu não subia à varanda da solitária das noites de Verona enquanto os roussinóis cantavam entre as romanzeiras. Na comédia de Rostand, Romeu espera, à luz dos archotes e ao som da música sugestiva dos violinos, o momento propício de raptar Julieta.

Êste quadro galante e tam frívolo na aparência, porque não há palavras com que se possa contar, é uma delícia de arte, sobretudo pela agulha de prata da ironia que nêle resplandece constantemente — uma ironia digna de Rivarol, de Marivaux, de Barbey d'Aurévilly! Com os *Romanescos* conquistou Rostand, para sempre, o seu público, a multidão dos seus admiradores que se lhe mantiveram fiéis, através duma das mais resplandecentes e vitoriosas carreiras artísticas.

Contudo, não foi com os *Romanescos* que Rostand se definiu verdadeiramente, como poeta e como dramaturgo. Da sua iniciação ao triunfo, há um longo caminho andado.

Aos *Romanescos*, sucederam-se a *Princesse Lointaine* e a *Samaritaine*, em que a evolução do artista se acentua. Nestas duas peças, em que as rimas fulguram como setas áureas, passa já um sôpro da grande arte glorificadora — mas ainda falta alguma virtude essencial. Rostand, deparando, nas mais belas lendas humanas, temas maravilhosos para as evocações da sua Musa e para a exibição das suas faculdades e da sua vibrátil organização de colorista, entrega-se voluptuosamente à sedução que elas exercem sôbre si. O seu talento entra em plena maturação. Até à *Samaritaine* foi, certamente, brilhante, imprevisto, mas a sua originalidade não se afirmava soberanamente. Qual-

quer poeta de menos valor poderia desenvolver o mesmo motivo vulgar, à fôrça de tam copiado, reconstituindo a figura da Samaritana no meio dum quadro bíblico, vendo passar os vélhos de grandes barbas brancas sôbre as túnicas flutuando ao vento e contemplando, deslumbrado, o perfil do Nazareno moço que falava aos homens de bondade, de concórdia e dum mundo melhor. Até à *Samaritaine*, Rostand não foi, na realidade, um criador. Ia sê-lo, porém, com *Cyrano de Bergerac*, a sua obra prima.

O *Cyrano* é a França renovada, conservando intactas as suas tradições e a sua superioridade entre as nacionalidades — a França que sempre desembaïnhou a sua espada coruscante pela honra, pelo direito, pela eqüidade e pela justiça, a França de abnegação e de sacrifício, a França altiva e orgulhosa do seu poderio, a França dotada duma inteligência clarividente através da qual tôdas as idéas obscuras e tôdas as nebulosidades se clarificam, a França que ri, que ama, que chora, que sofre e que se devota, marchando à frente da humanidade, entoando o seu hino de redenção, de glória e de confiança nos séculos futuros. O seu personagem é simbólico. Não representa um indivíduo sòmente: representa um grande povo que tem ferido tôdas as batalhas da fôrça e do espírito, da violência, do amor, da libertação, para ras-

gar aos olhos ansiosos horizontes de liberdade e de luz.

No *Cyrano de Bergerac*, Rostand foi um romântico — um dos maiores dos românticos — modernizando, em todo o caso, o processo estético, sabendo guardar, com um senso muito apurado, as proporções harmónicas, sem se perder na sublimidade transcendente dos seus antecessores, como Hugo e como Alfred de Vigny, por exemplo. Os epigramas, as imagens, os madrigais, as frases inesperadas, fuzilam, faíscam, murmuram, iluminam; mas êste artifício de verbalismo é cortado a cada momento de estremecimentos, de lirismos, de paixões que o humanizam, valorizando-o excepcionalmente. E a França esplêndida, a grande França invencível do *panache*, a França que foi a herdeira da Grécia e que é a fonte inexaurível do rejuvenescimento latino, ressuscita com efeito nessas páginas que, parecendo ter a tenuïdade e a fragilidade das rosas, possuem no entanto a consistência dos bronzes.

A partir do *Cyrano de Bergerac*, começa a decadência de Edmond de Rostand. A peça dramática em que êle assumiu a estatura dum bardo nacional — como lhe chamou Max Nordau, depois de o ter crivado de penetrantes sarcasmos — extenuou-o, esgotou-o. Ainda escreveu o *Aiglon*, pretendendo reviver a França da Epopeia Napoleónica, e em que há scenas vigorosas e magistrais,

como a fala do granadeiro, no campo de batalha de Wagram, acusando os marechais de Napoleão de esquecerem o duque de Reichstadt, ao mesmo tempo que os soldados do imperador, jazendo por terra, levantam a cabeça e bradam, terríveis, destroçados, escorrendo sangue: mas a *Aiglon* já não tem a unidade e a espontaneidade, o entusiasmo e a alma do *Cyrano*. Nêle, Rostand, preocupa-se mais com as exterioridades, com os maneirismos, com os *calembourgs*, do que com a essência do drama, que empalidece. A sua Musa, no *Aiglon*, chegando aos escarpamentos da montanha divina onde sorriem aos homens as frontes scismadoras dos deuses, cái desfalecida. E a decadência do poeta radica-se, por fim, no *Chantecler*, que por largos anos se anunciou como a revelação exacta do verdadeiro Rostand e que, ao ser representado pela primeira vez, foi uma desilusão, sendo o funeral dum grande dramaturgo.

Rostand, que no *Chantecler* levou ao extremo, à falta de inspiração, o preciosismo da sua fórma, compreendeu, finalmente, que estava vencido — e calou-se. Na sua principesca vivenda de Cambo, nos Pirenéus, onde vivia, entre parques, vergéis e jardins, como um faustoso senhor antigo, nunca mais escreveu dramas. Apenas de vez em quando compunha odes à glória da França, que combatia pela humanidade, repelindo do seu sagrado terri-

tório, pelo ferro e pelo fogo, as hordas inimigas. Mas o autor do *Cyrano de Bergerac* podia estar tranqüilo. Fizera a sua jornada luminosa na vida nobilitante da arte, lapidando em estrofes perfeitas uma obra imortal que será amada enquanto se não apagar nas almas o sentimento da beleza.

Ouro! Ouro!...

A Pedra Filosofal, o inquieto sonho dos alquimistas que durante tôda a Idade Média tentaram penetrar até ao fundo no secreto laboratório da Criação para colherem a semente do ouro, deixou de ser uma quimera para se transformar numa luminosa realidade. A civilização actual, que entrou na decadência depois de florir por muitos séculos, ainda faz admiráveis revelações!...

Com efeito, Edison acaba de afirmar a possibilidade de se obter artificialmente êsse tam cubiçado metal que, desde tempos imemoriais, é uma das omnipotências terrestres e enliça os homens numa furiosa luta para que não haverá tréguas enquanto a posse da riqueza constituir uma das mais elevadas aspirações do sêr consciente.

A famosa notícia, lançada de súbito aos clamores da publicidade pelos grandes jornais da Europa, causou profunda comoção. Os olhos dos supersticiosos e dos ingénuos deslumbram-se já com a visão dum Pactolo de águas auríferas correndo e faiscando à claridade e em que tôdas as mãos convulsas, suplicantes, aváras ou generosas mergulhem à vontade. A agitação emotiva que acelera o bater dos corações compreende-se, nas incertezas da hora sombria e de universal crise económica e financeira que os povos atravessam. Com um simples forno, uma retorta e alguns ingredientes por enquanto ignorados mas que Tomás Edison, sorridente e magnânimo, tornará conhecidos, todo o ilota para quem a vida tiver sido amarga arranjará uma inexaurível Califórnia em sua casa, surgindo de repente mais fabulosamente rico do que o lendário Crésus, o antigo príncipe Demidoff ou o arqui-milionário Rockefeller: — e, então, com os bolsos cheios não do vil e sórdido papel-moeda com que os Estados empobrecidos aumentam até ao infinito a sua circulação fiduciária — caminhando para a ruína inevitável — mas das rutilantes libras esterlinas que a conflagração europeia enclausurou nos cofres fortes dos Bancos, o *vá-nu-pieds* de ontem, entrando sùbitamente em regiões de maravilhoso esplendor, poderá conviver, em Paris, com os descendentes dos Rohan e dos Montmoren-

cy; assistirá em Londres às sumptuosas festas das altivas aristocracias; tomará chá, em Nova York, nos faustuosos palácios da Avenida dos Quinhentos Milionários; será tudo quanto lhe apetecer, comprando indiferentemente beijos de mulheres, consciências de estadistas, os favores da Igreja e das realezas, as complacências da justiça, o próprio céu, porque tudo, afinal, é uma questão de preço...

Fazer ouro por processos artificiais! Eis resolvido um dos problemas que mais interessaram a humanidade, através dos tempos. Já nas remotas idades, e tanto no Egipto misterioso como na Grécia em que sempre desabrochou uma flor de beleza, a rês pensante se preocupou com a descoberta da Pedra Filosofal. Zózimo, Synesio, Olymplodoro, Stephanus, curvados sôbre alambiques em que referviam estranhos líquidos, pretendiam alcançar a transmutação dos metais ordinários em ouro ou prata. O célebre livro grego da Química Metálica compunha-se de duas partes principais: — a *Chrysopéa* e a *Argyropéa*.

Os árabes, que foram subtis, entregaram-se ao estudo dêste perturbante assunto que não chegaram a penetrar na sua essência, a-pesar-do vasto saber de Avicena, de Rhazés, de Geber, de Al-Kindi. O ouro oculto no seio das gangas minerais, não se deixava devassar pela avidez dos que desejavam desencantá-lo, para conquistarem todos os

regalos e satisfazerem todos os caprichos das suas ardentes imaginações.

A fama desta descoberta gloriosa — que transmitirá uma vitalidade nova aos erários públicos em vésperas de bancarrôta — estava reservada para Edison, o homem extraordinário que, depois da lâmpada eléctrica, fez falar o negro ferro inerte e levou a palavra humana a milhares de léguas de distância.

* * *

Sinto neste momento a impressão de viver em plenas eras medievais, quando a alquimia tôda poderosa prometia aos seus adeptos a Panaceia para os males do corpo e a felicidade perfeita — essa enganadora miragem! — identificando-os com a alma do mundo e o espírito universal. Num instante de alucinação dos sentidos ou de fantasia mais exaltada, julgo lobrigar, em subterrâneos envolvidos de solidão e penumbra, vélhos de longas barbas, com o rosto protegido por máscaras de vidro, espreitando fornalhas em que ondulam vermelhas chamas, à espera da realização dum milagre: — gotas áureas caíndo em rosário dos distiladores disformes para dentro de recipientes transbordando de água fria. Vã esperança! O milagre nunca se produziu!...

Esta sciência bizarra que não tinha uma raíz

aparente, surdiu no momento da quéda do império romano, desenvolvendo-se, na Idade Média, por meio de símbolos, sem no entanto saír do seu estado de doutrina que se ocultava como se fôsse um crime ou uma heresia e que sofria perseguições — porque era diabólica. Os que a ela se dedicavam absorventemente, devorados pela febre da ambição, escondiam-se sob os nomes das personalidades mais ilustres dessa época, para não arderem nas fogueiras ou não subirem as escadas dos patíbulos. Suspeitos de firmar pactos com o Diabo, que Proclus crivava de sarcasmos ígneos e de quem Wier explicava a substância, encerravam-se nos seus lúgubres retiros para que nada os sobresaltasse na pesquisa dêsse ouro tentador que foi sempre uma das maiores seduções das criaturas sensíveis.

Alberto o Grande, S. Tomás de Aquino, Raimundo Lúlio, Rogério Bacon e Arnaud de Villeneuve — o funesto monge que descobriu a aguardente — escreveram eloqüentes páginas sôbre a alquimia que foi a precursora da química. Durante os séculos XIV e XV, em que já estremecia na Europa o frémito animador da florescência do Renascimento, os alquimistas multiplicaram-se, continuando as suas experiências com uma fé em que não havia névoas. Alguns, como Nicolau Flamel, foram apenas engenhosos charlatães; mas outros, como Basílio Valentim, tinham génio. E todos êles

eram venerados pelas multidões de crentes que uma aspiração febril desvairava.

Ah ! encontrar êsse ouro rutilante, de perdição e de triunfo que, se maculava a pureza das consciências, elevava também os eleitos que dêle dispunham às mais iluminadas alturas, que vitória ! Com êle, poderiam os devotos edificar as magnificentes catedrais góticas de pura linha arquitectónica, que eram cânticos em pedra, para as augustas moradas de Deus ! Com êle, os aventureiros escalariam tronos e apoderar-se-iam da cadeira de S. Pedro, como Alexandre Bórgia. Com êle, dilatariam os príncipes as fronteiras dos seus impérios, arrojando incessantemente aos campos de batalha exércitos invencíveis. E ainda com êsse ouro corruptor — que já os anões da mitologia escandinava e germânica guardavam no fundo dos rios solitários para que lhes não fôsse arrebatado — se comprariam os desfalecimentos dos corpos virginais, a ternura das cortesãs, as púrpuras cardinalícias, as baixelas, os alcáçares, as pompas, os gozos, as honrarias ! Por isso mesmo, os obstinados alquimistas não esmoreciam. Os que iam morrendo sem terem visto a sua ilusão cobrir-se de flor, eram logo substituidos por outros...

No século XVI apareceram ainda Cornelius Agripa e Paracelso, que ao saber aliavam uma candura infantil. A idéa dominadora das incontáveis

riquezas que seria fácil adquirir com o auxílio da transcendente Pedra Filosofal, feria as imaginações: — e o desejo inflexível de deparar essa pedra de sortilégio que transformaria em ouro de ofuscante brilho tudo aquilo em que tocasse, abriu um ilimitado espaço à mentira, pois em tôdas as idades a humanidade acreditou cègamente naquilo que quis com veemência. A Idade Média, porém, findou, sem que a alquimia triunfasse — e os fiéis desta religião, que havia de outorgar-lhe uma supremacia na terra, viram malograr um a um os seus sonhos. Os vivos de hoje são bem mais felizes. O insigne «alquimista» do século xx, Tomás Edison, não os iludirá. Se êle faz, com a maior solenidade, uma afirmação que a imprensa glorifica, não é para faltar a ela!

Bem sei que o nosso semelhante e o nosso irmão dêstes dias proféticos em que ainda se mantém o chapéu alto criado por Jorge Brumell, é muito mais malicioso do que o taciturno mediévico. As sucessivas desilusões fizeram-no desconfiado, scéptico. Para crer plenamente é preciso que veja com nitidez: — e Edison apenas será incondicionalmente venerado pelo contemporâneo astuto quando lhe mostrar a primeira barra de ouro por êle fabricado e os certificados insofismáveis que lhe garantam a autenticidade, não vá repetir-se o que ocorreu em 1872, na Inglaterra. Efectivamente, nesse ano que

já lá vai longe com suas alegrias e suas tristezas, um médico britânico, o dr. Price, também asseverou, como Edison, que transmudaria o mercúrio em ouro e prata. Posto à prova, cumpriu a promessa, operando à vista de muitas pessoas que lhe seguiam com atenção os trabalhos — servindo-se de dois pós de projecção : um vermelho, outro branco.

As aclamações vibrantes ressoaram. Preparava-se a História para eternizar o dr. Price em páginas resplandecentes, quando a descrença começou a minar o pedestal da estátua do clínico inglês. Os descrentes pediram-lhe que reproduzisse a operação, para que nenhuma dúvida subsistisse, ao que êle se recusou com teimosas evasivas. As ovações transformaram-se em sarcasmos, e o dr. Price, que era ùnicamente um destro prestidigitador, alvejado pelas mais cruéis zombarias, envenenou-se. Mas, Edison não terá, por certo, êste lamentável fim. O ouro coruscante, relampejante, magnífico, em breve saírá de seu laboratório em caudal, em torrente que se alastrará não pela América do Norte, que está pletórica, mas pela Europa, completamente exausta e forçada a mandar cunhar — os próprios dentes feitos com esse metal, para pagar as dívidas. E o insigne inventor passará a ser considerado tanto pelas gerações actuais como pelas vindouras um dos altos bemfeitores dos povos em vésperas de falência, com mais direito às gratidões

colectivas do que Parmentier, o digno personagem que introduziu as batatas no continente europeu!

As liras dos bardos cantarão docemente em seu louvor, como cantaram na Hélade, em louvor de Ulisses.

No entanto, um natural temor invade o meu espírito. Não me surpreende o facto de se poder fabricar ouro artificialmente — verdade demonstrada pela sciência antes da revelação de Edison. A química já obteve pedras preciosas autênticas. Cristalizando o carvão, conseguiu diamantes de tam pura água como os das mínas de Kimberley. Depois, fez o rubi, que dir-se-ia a solidificação duma translúcida lágrima de sangue, as safiras, que evocam condensações do azul celeste, as esmeraldas da côr dos olhos das fadas que aparecem nos contos fantásticos de Perrault e de Grimm, as desmaiadas ópalas a que andam prêsas dolorosas fatalidades de amor. Mas, para isto, os químicos tiveram de gastar três ou quatro vezes mais dinheiro do que essas pedras finas custariam mesmo nas esplendentes joalharias da *Regent Street* ou da *Rue de la Paix*, visitadas com religiosa solenidade pelas louras duquesas britânicas ou por essas multi-milionárias americanas, princesas pomposas que as auréolas de pedrarias e as radiantes fotosferas em que os seus perfis de medalhão se recortam, confun-

dem com as das *Mil e uma Noites*. Se assim acontecer com a descoberta de Edison, que tristeza para os sonhadores que já estendiam as mãos trémulas para o velocino moderno, porventura tam lendario como o antigo, o da expedição dos Argonautas!...

Página de história moderna

Passou por Lisboa, errante como o vento, fugidia como as sombras, uma comovente e dolorosa figura de mulher que ainda há poucos anos vivia em sumptuosos alcáçares de mármores nitentes, entre pompas e esplendores de tôda a sorte, sentava-se num dos mais belos e ostentosos tronos europeus, erguia nas magras e principescas mãos, fulgentes de jóias, um scetro dominador, era aclamada nas douradas perspectivas aristocráticas das cidades por multidões que a adoravam pela sua graça de flor humana, pela doçura do seu sorriso e pela suave bondade da sua alma, e que hoje, perdida a corôa nas tormentas de fogo e morticínio da guerra e perdida a pátria em que reinou e de que foi cruelmente banida, acompanha no exílio o

marido despojado dos atributos e das magnificências da realeza e ainda vigiado atentamente pelos adversários. (1) Esta mulher admirável pela resignação, pelo espírito de sacrifício, pela sua conformidade com um destino hostil, é a ex-imperatriz da Áustria e ex-raínha da Hungria, Zita de Bourbon.

A tempestade dum infortúnio que se não fatiga de perseguí-la empurrou-a, primeiro, do paço imperial de Viena para uma vivenda modesta da Rèpública Helvética — onde teve, no entanto, dias de repouso no meio da sua tristeza e da sua saüdade — e depois impeliu-a, num turbilhão desordenado, pelos ares fóra, para a florida terra magiar, para a realização dum sonho que se malogrou, e de lá, sôbre os mares, a bordo dum navio britânico, arremessou-a para a Ilha da Madeira, onde os vencedores, na epopeia da conflagração universal, lhe fixaram residência. A fatalidade transformou esta frágil soberana decaída num joguete dos seus caprichos, trazendo-a numa caminhada incerta por nacionalidades estranhas àquela em que nasceu com uma profunda melancolia no coração sensível e a imagem morta duma beleza que se extinguiu para sempre nos olhos orvalhados de lá-

(1) O ex-imperador Carlos da Áustria morreu na Ilha da Madeira.

grimas. No entanto, ela não deixa de sorrir continuamente — embora nesse sorriso desabrochem as elegíacas flores da mágua!

Há qualquer coisa de heróico nesta excelsa figura feminina que tanto perturba os sentimentos delicados e subtis. Que energia, com efeito, ela tem de desenvolver, esquecendo tôdas as dores e reagindo contra os próprios desalentos, para amparar na sua quéda o ex-imperador Carlos que não teve a menor responsabilidade no conflito de sangue e de pavor em que a Europa se envolveu, que ascendeu ao poder quando o incêndio guerreiro se ateava por todo o Ocidente e avassalava os mares, devorando acervos de vidas e de riquezas, que pretendeu, a todo o transe, conseguir uma paz mesmo separada da paz alemã e que, no entanto, foi arrastado na torrente destruïdora em que se subverteu a orgulhosa e altiva dinastia germânica! Carlos de Habsburgo ficou só, depois da catástrofe para que não concorreu e em que, todavia, expiou os erros dos seus antecessores.

Tudo lhe arrebataram — menos o brando regaço acolhedor da espôsa onde êle muitas vezes terá descansado a cabeça estonteada pelas alucinações da febre.

Ao contacto de mãos angélicas, mãos de afago e de meiguice, os sofrimentos do proscrito hão de apaziguar-se de-certo, porque tôdas as mulheres,

raínhas ou mendigas, felizes ou desventuradas, possuem o segrêdo das palavras consoladoras que são como um fresco bálsamo celeste caíndo sôbre a podridão duma chaga e sarando-a. Essas mulheres são incomparàvelmente mais fortes do que os homens, nas horas irremediáveis do padecimento. Diante de tôda a desdita, a sua debilidade transmuda-se em resistência e as suas dúvidas, em confianças, esperanças, certezas. O riso de infinita suavidade que nunca deixa de florir-lhes no vermelho cravo da bôca é uma afirmação constante ao olhar dos desalentados. É justamente assim que à minha sensibilidade aparece a ilustre princesa banida do Palácio das Lindas Fontes, em Viena de Áustria, onde ela, porventura, sonhou, em auroras de ouro, os enlevos nupciais eternos, os epitalâmios festivos e que um tufão terrível arrancou violentamente ao seu encanto — para fazer dela uma Cordélia moderna embalando nos braços amorosos um perseguido que, como o rei Lear, criado pela imaginação ardente e pelo génio de Shakespeare, também perdeu o trono e a fortuna, não tendo sequer de seu um rochedo árido para se encostar, esperando a libertação da morte!

Zita de Bourbon é filha do duque de Parma e da infanta D. Maria Antónia de Portugal, e neta de

D. Miguel de Bragança, o monarca deposto e foragido que levou para o destêrro, em seguida à convenção de Évora-Monte, todos os seus haveres num pobre baú de lata e que desdenhosamente repeliu, em Londres, a dotação que lhe oferecia o govêrno português do Constitucionalismo, quando, muitas vezes, não tinha dinheiro para pagar o copo de leite do almôço! Nunca a ex-imperatriz da Áustria visitára a nacionalidade em que seu avô reinára. Foi necessário que a desgraça a acossasse implacàvelmente para que ela entrasse, por fim, em território de Portugal e visse essa Lisboa histórica das naus, dos galeões, das caravelas e das *Tagides*, de Camões, por êstes frígidos e luminosos dias do inverno tocados pelo fulgor de ouro dum sol que está fazendo abrir os cachos de junquilhos perfumados e cobrindo os ramos aromáticos das mimosas duma geada de topázios.

Para onde se dirigia ela como um lendário caminheiro da aventura? Na Ilha da Madeira — montanha de verdura e de rosas embalada pelo constante murmúrio do mar — deixou Zita de Bourbon o imperador exilado, embarcando num vapor que a trouxe à Lisboa de que tanto tinha ouvido falar a outros desterrados da sua família. Pouco tempo se demorou na cidade a que o céu azul fórma um docel esplendoroso. Tinha os filhos na Suíça. Não os via desde aquela manhã funesta em que

as vozes fiéis de súbditos dum lealismo inquebrantável a chamaram à Hungria, para que outra vez subisse os degraus dum trono que fôra forçada a abandonar. Um aeroplano, batendo as asas nervosas na limpidez da atmosfera rutilante, viera buscá-la à sua solidão, como uma segura promessa de vitória — e ela partiu confiadamente, em companhia do rei Carlos, que voltara a cingir a espada de comando e a vestir o uniforme de grande gala, chamarrado a ouro. Apenas tivera tempo de despedir-se dos principezinhos com um beijo em que à alegria se mesclavam o calor e a ternura indizível do seu amor materno.

Depois, a ilusão foi efémera. A marcha triunfal para Budapesth, ao som das gloriosas fanfarras e ao tropear sonoro das cavalgadas, era cortada a certa altura, imprevistamente, pelas descargas cerradas de fuzilaria e pelo troar dos canhões inimigos. Os exércitos que a defendiam não tardavam a debandar — porque tôda a luta era inútil. Ainda que o trono de Carlos de Habsburgo fôsse restaurado e ainda que a corôa de Santo Estêvão volvesse a resplandecer na sua fronte, os países formados ou engrandecidos com os destroços colossais da Áustria não tardariam a despedaçá-la, por temerem uma ressurreição do antigo poderio militarista húngaro, abatido em batalhas fulgurantes. O júbilo teve, pois, a duração dum relâmpago na

alma de Zita de Bourbon, prisioneira, com o marido, das tropas do almirante Horty.

Dissipados os fumos da pólvora, pacificada a rebelião, os vencidos começaram, então, a subir o seu Calvário, com a Cruz que os Aliados lhes puseram sôbre os ombros, sendo expulsos da Hungria, atravessando o oceano num navio inglês e desembarcando na Ilha da Madeira, onde para sempre teriam de viver. A quimera em que flamejavam, scintilavam tôdas as claridades, acabava, assim, amargamente! Carlos de Habsburgo e Zita de Bourbon nunca mais envergariam os imaculados e macios arminhos da realeza, nem ergueriam um scetro esplendente ante milhões de vassalos!...

Ao abandonar a Hungria, o ex-soberano chorou, no instante em que na sua coragem houve um crepúsculo. A espôsa, porém, manteve-se com uma serenidade inflexível e varonil a seu lado, comunicando-lhe a vitalidade da sua intrepidez. E jàmais se afastou dêle, confortando-o, ameigando-o, iluminando-lhe a existência com a luz mágica duma fé em que não existem penumbras.

Já no exílio, porém, chegou aos seus ouvidos um gemido, queixumes que a sobressaltaram. Com efeito, um dos seus filhos, igualmente exilados — porque na política internacional, os filhos também pagam as culpas dos pais, como na fábula do lôbo e do cordeiro! — estava doente, precisava de ser

operado. Imediatamente, o papel nobre da espôsa turnou-se secundário perante a missão augusta da mãe, e a ex-imperatriz, obtida autorização dos Aliados — de sentinela perto de Carlos de Habsburgo — seguiu para a Suíça para velar, como um anjo tutelar, o inocente leito onde uma criança delirava na excitação febril . . .

A Sorte tem as suas ironias ásperas! Zita de Bourbon, que ainda há anos, quando imperava na Áustria, se não deslocava duma cidade para a outra, que não fazia mesmo um curto passeio no Pratter — à hora azul em que na poeira das avenidas rodavam as equipagens opulentas tiradas por meklemburgueses de raça e conduzindo as loiras e sorridentes arquiduquesas — sem ser seguida por um pomposo e decorativo séquito de damas da côrte e de oficiais de serviço nas suas vistosas fardas, realizou a viagem da Ilha da Madeira até Lisboa, completamente só. Nem uma aia! Nem um áulico! Nem uma criada! Ninguém!

Esta mulher alta, elegante — duma elegância serpentina — dum andar cheio de ritmo, aristocrática, nascida num berço de ouro, imperatriz dum povo admirável, viajava solitàriamente, desacompanhada, absorvida na sua tristura, abismada no seu silêncio! De manhã, subia ao tombadilho,

por entre as marinhagens ruidosas, sentava-se a um canto, numa cadeira isolada, com um livro nas mãos e recolhia-se numa leitura atenta e longa — quem sabe se evocando os dias extintos de magnificência, quando as suas ordens eram prontamente obedecidas por legiões de servidores e os cortesãos procuravam adivinhar-lhe os desejos mais ínfimos para ràpidamente lhos satisfazerem! E o seu vestuário não tinha o menor requinte. Trajava como qualquer burguezinha humilde, denunciando apenas a muita raça, a costela de ouro das castas reais, no porte, na majestade que o vortilhão fatal da guerra não conseguira apagar na sua personalidade, na gentileza e na finura das suas maneiras.

De pé sobre o vapor que arfava, galgando as distâncias ao arquejar das suas potentes máquinas, a ex-imperatriz Zita era uma individualidade da História da Áustria, que foi um dos maiores impérios da Europa e que é hoje uma ruína, um montão de escombros, sugerindo à minha emoção, pelo drama intenso que a envolve, o arquiduque Rodolfo, com o crânio esmigalhado a tiro numa ceia misteriosa a que assistiu a condessa de Vetsera, sua amante, afogada no mesmo charco de sangue; a imperatriz Isabel, apunhalada na Suíça, à beira do lago de Lucerna, pelo anarquista Luccheni; o imperador Maximiliano, fuzilado em Queretaro, no México, pelas tropas do general Porfírio Diaz; a

imperatriz Carlota, espancando, nos acessos de loucura, com as mãos trémulas, os espectros que vinham rodeá-la; o próprio duque de Reichstadt, rei de Roma e filho de Napoleão I e de Maria Luísa de Áustria, expelindo a vida oscilante nas golfadas de sangue que lhe saíam do peito ansiado — todos êsses príncipes da Casa de Habsburgo, a Casa dos Césares, desfilando como fantasmas trágicos num ocaso de pavores! Assim entrevia eu essa mulher, nobre entre tôdas, que anda fazendo, por entre os espinhos da terra, a romagem da amargura, batida pelo ciclone de tôdas as misérias, ferida pelo aguilhão de tôdas as desventuras! Companheira e consoladora suprema do marido no exílio, enfermeira santíssima dos filhos desterrados, sem pátria, sem refúgio seguro, pobre — tendo sido tam rica! — esquecida — tendo sido tam adulada! — ela vai a passos decididos, de sofrimento em sofrimento, enxugando lágrimas, animando, sorrindo sempre para mascarar o pranto, sem que a dôr a vergue. É uma criação impressionante de Shakespeare — que as penumbras da época actual, tam convulsionada de lutas e de incertezas, ainda tornam maior.

E que dignidade no infortúnio! Se Carlos de Habsburgo e a espôsa abdicassem dos seus direitos ao trono da Hungria, poderiam viver tranqüilamente em qualquer país da Europa, sem que os

ódios se encarniçassem mais sôbre êles. Mas não abdicaram ! Enquanto viverem, serão inflexíveis. Mais vale, para as almas de *élite*, o destêrro com tôdas as suas vicissitudes, do que as transigências que humilham ! E, no entanto, abdicando, como soberanos húngaros bem pouca coisa perderiam — êles que imperaram sôbre cinqüenta milhões de súbditos ! . . .

Os leques

Passei tôda uma luminosa manhã dominical de inverno a admirar uma variada e rara colecção de leques, em que havia alguns exemplares que me pareceram encantadores, preciosas obras de arte, pela originalidade da fórma, pela fantasia, pelo esplendor do colorido e pela finura. E quantas meigas coisas, que movimentados e brilhantes períodos da história, que riquezas, que faustos, que scenários verdadeiramente maravilhosos, pela sua pompa ornamental, me evocaram êsses indispensáveis atributos da beleza feminina!

O leque, certamente, não é contemporâneo, não deve considerar-se como uma feliz invenção da actualidade. Tem uma lenda poética e suave e sempre, através das idades e das civilizações, acompa-

nhou a mulher que, com êle, completa a sua graça e duplica o seu poder de sedução. Um cronista espirituoso como o sr. de Voltaire, o venerável patriarca de Ferney, afirma que já no Paraíso Terreal, na primeira alvorada côr de rosa e ouro da Criação, a nossa remota e imaginosa Mãe Eva, para refrescar-se depois dum longo passeio pelos odoríferos vergeis do Éden, teria feito um leque rudimentar com qualquer fôlha, viçosa e espalmada, que encontrasse à mão — e com êsse leque se abanaria regaladamente, durante as longas horas de calor. E, se o não empregou como uma armadilha de tentação, de aliciação e de diplomacia, contra o nosso bom Pai Adão, foi talvez porque nessa era longínqua e bárbara, em que a Humanidade futura nem sequer dormia ainda no berço o seu inocente sono, se desconheciam completamente as perversidades, as subtilezas, as galantarias em que o Eterno Feminino seria, mais tarde, tam fecundo. As almas incorruptíveis que povoavam o Paraíso, antes do encontro fatal com a Serpente, não sabiam mentir. A mentira é uma conquista posterior . . .

O que é certo é que os leques veem dos tempos imemoriais, posto que o seu triunfo esplendoroso na Europa se iniciasse ùnicamente no século XVII, sendo Catarina de Médicis, em França, um dos seus mais nobres arautos. As misteriosas Índias dos hinos védicos e das religiões que punham o ser con-

sciente em relação directa com os Deuses, o Egipto em que os severos hierogramatas compuseram as crónicas dos reis famosos e em que os primeiros cinzéis dos estatuários talharam nas pedras inertes as esculturas primitivas, a China de Confúcio, de Budha e das fechadas florestas em que se erguiam os templos sintoístas, não os ignoraram. As indianas de bronzeada tez e olhos faíscantes de desejo, as egípcias de setinosa pele lubrificada com óleos aromáticos e de plásticas admiráveis de elegância, de pureza e ritmo, que inspiraram as pinturas dos vasos etruscos e os baixos relevos decorativos, as chinesas de bôca breve, olhos fendidos em amêndoa e penteados estrelados de flores da cerejeira, fizeram os seus leques com fôlhas de palmeira e com penas macias de aves.

Na Grécia, onde os homens aprenderam a pensar com os Imortais, nas serenas tardes em que as Musas, descendo do monte Ida, embalavam a florida terra helénica com a doce música das estrofes olímpicas e Júpiter arrulhava, aos ouvidos das formosas, as apaixonadas canções de amor, adornavam-se com leques de plumas de pavões. Com êles, bafejavam os rostos abrasados dos ósculos febris, diante dos altares a Vénus, e com êles acariciavam as brancas epidermes do colo enquanto os filósofos meditavam, Apolo dava os seus concertos ao ar livre e Praxiteles cinzelava, nos Paros eternos, o

corpo incomparável de Phryné. Safo manejava-os com uma destreza idêntica àquela com que facetava os seus sonoros versos; e creio mesmo que Xantipa teria adormecido no seu quente regaço os pensadores que a amavam e corriam a pedir-lhe beijos e inspirações, movendo nervosamente um leque de plumagens brandas sôbre as cabeças tontas de idéas impuras e de carnais desejos...

Em Roma — nessa magnificente e opulenta Roma dos Césares, que submeteu o mundo ao seu poderio quási omnipotente e ao jugo do seu lampejante gládio — os leques foram um acessório de perturbante, fabuloso luxo. As patrícias que, nos claros e gloriosos dias de sol, faziam a resplandecente iluminura das vias latinas, exibiam alguns que valiam tesouros e que eram cravejados de pedrarias: — e, nos banquetes sumptuosos à Nero ou à Trimalcião, em que o vinho perfumado, que amadurecia nas colinas romanas, se bebia por taças rutilantes, havia sempre escravas de atraente rosto e graciosa voz, cantando e abanando o ar ambiente para que êle mantivesse contìnuamente a sua fresquidão.

Oh! mas não foi êsse leque hoje inteiramente esquecido ou apenas relembrado, uma vez por outra, em fastidiosas páginas históricas e artísticas, que eu recordei, enquanto observava, com um prazer supremo, a colecção que, durante uma plácida

manhã de frio e de luz — tocada por um vago aroma de violetas desabrochando — tive diante da vista. Nem ao menos me detive a aviventar na memória o famoso leque de Henrique III que, no dizer saboroso e fácil de Pierre de l'Etoile, era de velinos e de rendas e que o aparatoso e amoroso monarca abria e fechava com uma gentileza mundana, nem aquele que a raínha Margarida de França ofereceu a Luísa de Lorena e que era todo de nácar transparente e preciosamente trabalhado, tendo custado uma fortuna. Os leques que essa notável colecção me sugeriu intensamente foram os do século XVII, os dos dias vitoriosos! Nessa época — em que já uma nova sociedade se ia elaborando — êles transformaram-se na realeza dos salões, eram o emblema da *coquetterie*, dispuseram, como os diplomatas, duma linguagem difícil e convencional que tôda a mulher célebre pelo domínio da beleza ou pela aristocracia do nascimento, tinha de estudar minuciosamente, antes de entrar nos convívios galantes. Nas alvas mãos das duquesas, mãos magras e de dedos afusados em que rebrilhavam anéis, transmudaram-se num símbolo, e exprimiram ou encobriram com engenho todos os segredos da intimidade moral, todos os sentimentos que era necessário esconder ou desfigurar.

No século XVII, efectivamente, o leque foi, na afirmação dum crítico sagaz, um companheiro, um

confidente, uma esperança, um conselho, uma promessa, uma recusa, uma ameaça, um perdão! Êle assistiu, com uma perspicácia que nunca se traía, às doçuras adoráveis dos amores que principiavam ou dos amores que morriam, com a tristeza duma romântica balada que finda; colaborou nos adultérios, nas intrigas das côrtes, nas argúcias da diplomacia, nos negócios dos Estados; venceu as resistências dos monarcas, amoleceu a frieza dos políticos e dos estadistas, amansou a ferocidade dos guerreiros, vergou a altivez das fidalguias, os orgulhos de casta, as hierarquias que raramente transigem! Ténue como um hálito, frágil como uma asa, débil como a pétala duma rosa, mostrou, no entanto, nos momentos propícios, a fôrça invencível, a energia inquebrantável, a gracilidade, a candura, a malignidade, a inocência, a castidade, a sensualidade, o veneno. Era insubstituível em tudo: — para concertar a paz, para a declaração da guerra, para a ternura, para o humorismo, para a ironia, para o sarcasmo! E foi incontestàvelmente por isso que Júlio Janin, num trecho eloqüente e elevado, como observação, colorido, análise, psicologia, asseverou que a mulher que soubesse servir-se inteligentemente dessa « máquina do Estado » obteria tudo quanto quisesse. Pudessem falar livremente os papéis das chancelarias, as salas em que os diplomatas, que jogam com a sorte das na-

cionalidades, se reünem, nos festivais do mundanismo e onde encontram essas tentadoras que, ùnicamente armadas com um leque, com que se defendem ou com que atacam, são muito mais perigosas do que foram o sr. de Talleyrand, o sr. de Metternich ou o sr. de Bismarck, e conseguem chegar ràpidamente ao seu fim, esclarecendo uma nebulosidade, surpreendendo o que pretende ocultar-se, desvendando uma intenção que se procura envolver em bruma e em silêncio ! Quantas confidências nos seriam reveladas ! Porque o leque, ao serviço de criaturas vulgares e de espíritos feminis estreitos, que vivem absorvidos no culto permanente da sua formosura, elevando-se ou abaixando-se, em movimentos cadenciados e rítmicos, denunciará umas belas mãos que querem ser admiradas, ocultará uns dentes irregulares e uns lábios grossos, afagará a setinosa pele dum seio, mascarará as apressadas e comprometedoras pulsações dum coração que comece a amar com loucura e febre ; mas brandido por M.me de Sévigné, pela duquesa de Chevreuse, por Ninon de Lenclos ou por M.me de Montespan, a quem os reis e os poderosos da terra, com um ósculo ofertavam um trono ou uma dominação clamorosa, exprimirá pensamentos, intuitos, *nuances* de sensibilidade verdadeiramente superiores.

O século XVIII, que trouxe uma prodigiosa renovação artística, estética, mental e política à humanidade, é considerado como o grande século dos leques. Algumas varetas de madeira aromática, de cristal ou de metais nobres, cobertas de sêdas ou de rendas picadas de jóias ou pintadas, constituiram uma arma temerosa ou um sortilégio indecifrável, um ornamento ou um desafio de que o Fatal Feminino se utilizou sempre com êxito, com fortuna invejável, com perícia perfeita. Nos inesgotáveis arsenais do galanteio não há mais rija, flexível, penetrante espada. Palpitando à volta duma fronte angélica ou diabólica de mulher, o leque ou é uma perfídia ou um complemento de beleza. Os olhos profundos que fitam uma fisionomia masculina enquanto êsse mesmo leque esconde uma bôca maliciosa que ri, que zomba, que maldiz, ou uma bôca que treme, que balbucia, que se confessa, teem uma languidez, um enlêvo estranho, uma expressão, uma potência aliciadora só comparáveis às das Fadas-Flores quando, nos jardins de Klingsor, tentavam seduzir Parsifal. E foi para dotar as raínhas dos salões com êsses leques, que uma legião de artistas se entregou com alvorôço à sua cativante factura, aperfeiçoando-os sucessivamente, imprimindo-lhes mais leveza, mais ligeireza, mais vago, maior vaporosidade.

Assim, os leques do fecundo século XVIII — o século da *Enciclopédia*, de Voltaire, de Diderot, de Alembert, o século da Revolução, da quéda dos feudalismos e da proclamação dos Direitos do Homem e do Cidadão — eram decorados com reproduções dos quadros dos grandes mestres, desde Watteau, que no Petit Trianon encontrou os motivos, os temas emocionais do *Embarque* para Citera, até aos de Lancret, de Boucher, de Fragonnard, os representantes, na pintura, dêsse ciclo esplendoroso da galantaria. Êles inspiraram, então, as mais vivas e bizarras paixões. A marquesa de Pompadour, que presidia, pelos dons da sua perfeição radiosa, aos destinos da França e que tinha um soberano perpètuamente ajoelhado aos seus pequeninos pés de deusa, ligou o seu nome, ilustre e histórico, a uma variedade de leques iluminados de Cupidinhos gordos e com còvinhas na ponta do queixo, batendo as asas entre grinaldas de flores e enxames de irrequietas borboletas. Maria Antonieta, a quem a guilhotina cortou a cabeça loura e delicada como uma porcelana de Saxe, adorava-os.

Os leques eram os *bijous* queridos das princesas e das solenes damas das aristocracias que entravam nas doridas melancolias do seu crepúsculo e que ainda cantavam e ofuscavam! A sua história é conjuntamente lírica e resplandecente porque anda estreitamente aliada à história da mulher. A Itália,

copiando-o do mais remoto passado, deu-lhe a gentileza, a espiritualidade, a fragilidade. Da Itália, invadiu a França, levado por Catarina de Médicis, que o enriqueceu e lhe transmitiu, com a popularidade da moda, a majestade e a importância das realezas. Da França, espalhou-se por tôda a Europa e a sua vitória doirou-se de fulgor.

Sem o leque, a mulher da nossa época é incompleta. Acessório de *toilette?* Ornamento? Objecto de elegância e de confôrto? Ninguém encontrará uma definição precisa para êle — definição que satisfaça plenamente as suas donas e que indique, com absoluta clareza, a função enigmática, complexa, que desempenha na vida social requintada da hora presente. Só o Eterno Feminino de Gœthe o compreende e seria capaz de definí-lo com uma realidade flagrante. Porque o não faz? Porque naturalmente se compraz com a dúvida, com a incerteza em que se enredam os homens que procuram estudá-lo, sempre em vão...

E eis as considerações que me ditou a maravilhosa colecção de leques — em rendas, em setins, em papel pintado, em finos tecidos bordados a ouro por ágeis mãos de fadas — que foi há poucos dias, para a minha inteligência e para a minha emotividade, a gostosa preocupação de inolvidáveis momentos.

As crianças e as cidades

Há na minha vida uma tarde longínqua de que que me lembro constantemente com grande saüdade e infinito encanto. Com tanta nitidez e tanta doçura essas inolvidáveis horas extintas se avivam na minha recordação uma vez por outra, que as posso reconstituir, sempre que quiser, nos seus mínimos detalhes, em tôda a graça dos seus scenários, nos seus mais apagados episódios.

Era por um sereno dia de semana, em Munich, a cidade das belas arquitecturas góticas ou românicas, tam cheia de história e resplandecente de brilho artístico. O verão estava no fim; mas no «Príncipe Regente», com seus brancos mármores alvejando entre a folhagem dos arvoredos e os jardins floridos, ainda se cantava o *Ouro do Rheno;* nos

salões de concêrto ainda se tocava Bach, Brahms, Schubert, Mozart, ou a *Nona Sinfonia*, de Beethoven, com os mais admiráveis córos que tenho ouvido, e nos teatros de declamação ainda se representava todo o repertório clássico alemão, com Schiller no primeiro plano. A capital da Baviera, iluminada esplêndidamente por um sol dourado que me fazia evocar, pela sua radiação, o da península ibérica e que coroava de raios flamejantes as estátuas em bronze dos heróis que nas amplas praças erguiam nas mãos uma espada rutilante, adormecia sob a carícia dum céu anilado como o que cobre as águas verdes do mar Tirreno. Por balcões, por varandas, por janelas, por trapeiras humildes, as begónias, os pelargónios e os gerânios enchiam-se de flor e exalavam-se em perfume. O ar ligeiro que circulava, refrescando-se por lagos e rios, rescendia. As pombas, aos ranchos, arrulhavam amorosamente por tôda a parte, como na praça de S. Marcos, em Veneza ; vestiam de asas nervosas e palpitantes as fachadas da catedral, os sumptuosos pórticos das casas de espectáculos, as árvores dos parques. Nas largas e movimentadas perspectivas passavam, constantemente, ruidosos bandos de gente de tôdas as nacionalidades, desde os ingleses de perfil felino, aos americanos de cara rapada e face pálida, aos japoneses de olhos fendidos em amêndoa, aos portugueses e espanhóis de olhar ardente e rosto

moreno, aos russos de emmaranhadas barbas negras. Fazia-se constantemente, na urbe enriquecida em ornamentação pelo rei Luís I e que aparecia numa pompa à minha vista deslumbrada, uma arte intensa. A Vélha e a Nova Pinacotecas, a Gliptoteca, as galerias particulares, exibiam, numa exposição quási permanente, tôdas as escólas de pintura antiga e moderna, em que se notavam as obras primas compradas a pêso de ouro, e as esculturas maravilhosas: o Museu de História abria francamente as portas aos que pretendiam conhecer as colecções preciosas que nêle se guardam ciümentamente, desde o célebre leito do monarca-poeta e amigo de Wagner que se afogou misteriosamente no lago de Starnberg, até às porcelanas, aos cristais raros, às jóias, ao vestuário, aos mobiliários, às armaduras dos guerreiros mediévicos.

A cada momento desfilavam as caravanas dos viajantes joviais — que me levavam a pensar no bom Fritz, com o seu cachimbo na bôca e sorrindo diante da caneca de cerveja loira — que se dirigiam às montanhas, com uma pena de ave no chapéu, grossas meias de lã até ao joelho e sapatos afivelados, entoando, na marcha, as guturais e lindas canções do Tirol.

Ao certâmen do Palácio de Vidro, que era colossal, acorriam artistas de tôdas as nacionalidades. De quando em quando, surgiam nos passeios, afa-

gadas pela claridade duma transparência absoluta, mulheres duma formosura ideal, movendo-se num ambiente de sonho em que havia ritmo, harmonia, luz, aroma! Monges com o hábito de burel amarrado à cinta por cordas ou frades com suas vestes pretas, a cabeça escondida no capuz, passeavam cadenciadamente, sem erguerem a fronte meditativa, a uma réstea luminosa que de-certo não havia nos claustros dos seus conventos. E na translucidez da atmosfera alvejavam os zimbórios, erguiam-se as flechas das tôrres ogivais que dir-se-ia ascenderem até às nuvens, ao alor de fôrças estranhas, rebrilhavam, faíscavam as alegorias de metais fulvos, retiniam os sinos das igrejas convocando os fiéis à prece!...

Por mim, sentia a impressão consoladora e poética de me encontrar em regiões ideais, muito longe da existência presente, com seus dramas e suas banalidades, em paragens extraordinárias e desconhecidas onde tudo me falava da glória dos séculos findos com uma linguagem de enlêvo subtil.

Notava, porém, que se nas avenidas se acotovelavam inquietas multidões e se nas ramarias dos arvoredos os pássaros gorjeavam, numa alegria divina, as suas cantigas idílicas, não havia crianças — e esta ausência da infância, com sua gra-

cilidade virginal e sua celeste inocência, tornava-se, para o meu espírito, duma tristeza penetrante. Enquanto observava tal particularidade, ia julgando que Munich era uma cidade sem futuro na sua população. O burgo citadino que a fantasia bizarra dum soberano decorou de colunas helénicas, parecia-me ùnicamente habitado por criaturas idosas que esperavam com resignação pelo supremo repouso da morte, ou por uma entusiástica mocidade que se entregava com paixão ao amor e que, pelo caminho fóra, não deixava um instante de cantar para os astros. A nota casta e eliseal da puerícia, que representa as auroras vindouras e donde saírão os homens notáveis de àmanhã: — sábios, filósofos, historiadores, sociólogos, estadistas, propagandistas, apóstolos, santos, redentores — essa não se mostrava em parte alguma, nem nos templos, nem nos largos ajardinados, nem nas confeitarias. Interrogava-me, contìnuamente, a mim mesmo. Pois seria possível que na Munich magnificente não houvesse pequeninos — êsses pequeninos ingénuos, sempre com um riso no vermelho cravo dos lábios e uma indizível meiguice nos olhos azúis, que já Jesus Cristo tanto amava e que puxava brandamente para o peito num enternecido abraço, quando os deparava na melancolia da sua libertadora jornada? A verdade é que se não escutavam essas risadas claras e vibrantes que sempre denunciam

os anjos cândidos que são a mais viva esperança dos que vão na curva da estrada do esquecimento e da fuga! Porquê?...

Nas nacionalidades orientadas mais pela inteligência do que pela sensibilidade, os filhos constituem um complicado problema económico de difícil solução. Mais dois ou três sêres num lar de recursos exíguos desequilibrarão o orçamento duma família, exacerbarão a penúria, farão a luta mais amarga e dolorosa aos que angariam o pão à custa dum trabalho extenuante. Mas, raciocinariam assim prática e prosaicamente essas fecundas mulheres bávaras que de minuto a minuto cruzavam comigo pelos passeios públicos, flavas, gordas e rosadas como as que Rubens pintou em télas imortais e que nasceram para que do seu flanco fértil a vida humana jorrasse em ondas permanentes? Não podia ser! Essas mulheres — sobretudo as da classe média e das classes operárias — seriam na Baviera, como em qualquer outra pátria, a base da prosperidade colectiva. Nem um egoísmo, nem uma amedrontadora idéa de responsabilidade, nem uma falha de ensinamentos religiosos esfriariam a ternura nos seus corações, conduzindo-as ao renunciamento, suscitando-lhes no espírito a vontade enérgica de se recusarem ao prolongamento da existência através das idades, à negação do imperioso mandato da continuïdade... Para a emoção

feminina, a maternidade é considerada como a mais pura e nobre das missões terrestres — muito embora essa maternidade obrigue aos maiores sacrifícios, às mais cruéis batalhas, aos mais duros padecimentos. E é por isto mesmo que nós admiramos exaltadamente as mães e nos enternecemos quando encontramos algumas delas, mesmo pobrezinhas e desgraçadas, mesmo cheias de farrapos, com uma criancinha vagindo nos braços !

As adoráveis legiões infantis, floração viçosa que é um renovamento e que se levanta maravilhosamente da vèlhice que se apaga, deviam existir nessa acolhedora e atraente Munich : — mas, em que vergéis encantados se escondiam, como as princesas dos contos de fadas ? Eis o que me intrigava ! . . .

Ora, uma tarde, quando eu regressava da Gliptoteca, meditando na estatuária eterna da Grécia distante, que possuiu como nenhum outro país contemporâneo ou da antiguidade a noção justa da proporção e da medida, entrei por acaso num espaçoso jardim, que verdejava a dois passos do Palácio de Vidro e onde murmuravam, entre musgos, as linfas cristalinas das fontes.

Uma grade de ferro circundava-o, isolando-o do tumulto exterior. Copas frondosas de tílias adoçavam-no de sombras e de amenidades. A aragem que adejava pelas folhagens era olorosa. Nenhum

grito hostil perturbava o silêncio envolvente. Floresciam os miosótis do norte e o resedá pelos canteiros — e, pelos arruamentos areados, erravam damas solitárias que me relembravam as românticas apaixonadas de Gœthe, de-certo à espera de algum Herman ou de algum Werther. Fui andando vagarosamente embalado pelo sentimentalismo destas evocações, até me internar pelas espessuras da ramagem. De repente, parei, surpreendido. Que inesperada, idílica descoberta! Num denso bosque formado por tílias de que o germânico sempre gostou, alongavam-se, numa fileira interminável, inúmeros carrinhos de mão, que sugeriam berços ambulantes, e onde, com efeito, dormiam ou galravam lindos bébés com as faces cheias de còvinhas, os braços às roscas de carne, cabelos que davam a ilusão do oiro esfiado e pele tam fina e setinosa como pétalas de rosa. Ao lado de cada bercinho — que no meu êxtasi eu julguei que serviam de leito a reis de Thule na meninice — mulheres atentas, com grandes aventais brancos e toucas na cabeça, faziam meia, sorrindo e conversando. As agulhas, manejadas destramente, reluziam entre os seus ágeis dedos: — mas, se se ouvia um vagido mais forte, logo essas agulhas se imobilizavam! Por cima, nos ramos que ainda vergavam de florações, as aves entoavam a sua cantiga de saüdação à luz, em louvor do dia bem-

fazejo para a puerícia, para os ninhos e para as flores:—e eu, contemplando a scena que me purificava e mergulhava em beatitude, chegava a imaginar que, como um eleito, um privilegiado, entrara, sem o saber, nos jardins lendários do rei Artur e da raínha Ginevera, onde se reüniam os cavaleiros da Távola Redonda e onde se ocultavam as fadas Viviana e Morgane...

Ah! que feliz, que delicada visão! A ventura guiou, certamente, os meus passos nessa tarde de revelação e de poesia, só para que eu contemplasse uma das mais encantadoras scenas humanas. Aí estavam as crianças de Munich! Eram às dezenas, às centenas, deliciosas figurinhas de Saxe, corpinhos de carnes tenras e feitas das mais perfumadas florescências! As mais novas permaneciam ainda nos berços, papagueando, rindo com as suas boquitas sem dentes, entretendo-se com os *biberons*, cheios dum leite puro e saüdável: as mais crescidas, que já podiam andar, saltavam pelas alamedas, brincavam, corriam, jogavam o arco, numa grulhada de pardais, ou, como bonecas, aninhavam-se sôbre os arrelvados, rolavam-se nas ervas, impregnando do odor das seivas as suas roupas. Mais longe, pelos bancos, sob as grinaldas donde caía uma chuva nevada e aromática de florações, outras cantavam os *lieder* em que Schumann encontraria temas, motivos emocionais, para as suas páginas de músi-

ca! Havia, portanto, em Munich essa infância, êsse futuro que eu por tôda a parte procurava em vão, porque, como se tratava duma coisa de tam elevada importância para a perpetuïdade da vida, a capital reservava um retiro inviolável à sua população vindoura!

As crianças são a razão da nossa própria existência. É nas suas mãos que repousa o destino do porvir. Bem mereciam, portanto, o carinho, o cuidado, o reconhecimento com que Munich as distinguia!...

Quando me retirei para o hotel, ia enlevado. Era como se houvesse sido visitado pelas divindades clementes, benéficas, amorosas:—e já não estranhava o facto de não ver, pelas ruas, as cabecitas louras, as facezinhas rosadas dêsses arcanjos que são a alma, a graça, a jovialidade dos alucinados centros populosos onde a *struggle for life* toma aspectos assustadores.

Ainda hoje—e já lá vão tantos anos!—sempre que percorro uma grande cidade, me choca a ausência dos pequenitos travêssos, que tudo animam com sua presença, que tudo alegram com o seu riso juvenil, andando com o passo incerto dos seus minúsculos pés e deixando atrás de si rastros de fulgor da auréola que envolve as suas cabeças angélicas — porque uma urbe tumultuosa sem a poesia dos pequeninos, não tem o mesmo interêsse

e leva-nos a supor que está irremediàvelmente condenada à morte próxima : — mas, o exemplo de Munich ilumina-se brandamente na minha recordação e logo eu fantasio êsses jardins encantados onde as crianças crescem conjuntamente com as flores, porque entre umas e outras existe uma completa analogia. Elas são o tributo consciente do amor e da maternidade à imortalidade e à vitória humana

Sua Santidade e as mulheres

O Sumo Pontífice que, do isolamento do Vaticano, contempla com olhos marejados de lágrimas puras a vasta, a frenética inquietação que se desenrola no tumultuoso palco do mundo, dirigiu uma veemente alocução à Cristandade, àcêrca da moderna missão da mulher nas sociedades actuaes. O conflito guerreiro que ensangüentou a Europa acelerou uma renovação. Assistimos neste momento, transidos de pavor pela incerteza dos destinos humanos, à ruína do que estava de pé — edifício secular que resistira vitoriosamente a todos os abalos dos furiosos movimentos religiosos e políticos mas que a conflagração aluiu de alto a baixo. Tudo desaba com fragor. O Ocidente que a claridade das civilizações iluminou converte-se num

montão confuso de escombros fumegantes. A hora é pavorosamente dramática e sombria. Às afirmações triunfantes sucedem-se as negações irredutíveis. Em vez de se construir, destrói-se com raiva, com desespêro, com febre. Para quê? Para sôbre o entulho do que foi se fazerem as sagradas e quiméricas sementeiras do que há de ser. As certezas deixaram de exercer uma influência benéfica e fecunda sôbre os espíritos. Tôda a esperança reside actualmente nas dúvidas — porque duvidar é ir além, ultrapassar os estreitos limites marcados à inteligência, progredir. As coisas positivas vão sendo batidas por idealidades e por abstracções que nunca poderão lançar sólidas raízes nas realidades universais.

A Humanidade entra numa fase absolutamente obscura, dá um salto brusco para o desconhecido. A poesia da aventura, que sempre existiu no mistério, atrai-a com um invencível poder de sedução. Tudo se transforma. Perdida a estabilidade, perturbado o equilíbrio, os povos romperam numa correria alucinada sem saberem para onde. Há uma fôrça oculta e fatal que os impele sem repouso — e êles não reagem, não pensam, não raciocinam nas conseqüências funestas ou gloriosas da trágica jornada. Na sua exaltação clamorosa, vão demolindo tudo o que encontram no caminho, vociferando, blasfemando, cantando os seus hinos revolucioná-

rios que ninguém ainda sabe se são de liberdade se de escravidão e de morte. A idéa está em marcha e não haverá energias que consigam detê-la na sua trajéctoria luminosa ou sinistra, porque tem a defendê-la a infinita crença de multidões psicológicas unificadas pela mesma aspiração.

Sente-se que um outro estado social se elabora e que a Europa de àmanhã será bem diversa da Europa de hoje. Esta arrancada violenta para o futuro assume os aspectos pouco tranqüilizadores da vertigem, do paroxismo. A paz desapareceu nas consciências e nas relações dos homens. Nenhumas criações subsistem, nesta tempestade em que vivemos, desde que nos imensos campos de batalha e de carnificina se calaram os trovões da artilharia e a fuzilaria das metralhadoras deixou de crepitar. As turbas afastam-se, uivando de cólera, de tudo quanto outrora lhes ofereceu uma serenidade e um bem-estar relativos, por julgarem que até há pouco eram governadas pelo êrro, pela mentira grosseira. Erguem a fronte altivamente, declaram-se emancipadas de misticismos, de abstracções, de princípios dissolventes, duma moral de convenção, e partem entusiàsticamente ao encontro duma verdade integral que lhes inspirará as nobres realizações.

É por isso mesmo que tanto na Europa como na América as actividades são puramente comba-

tivas. Minas, caminhos de ferro, linhas de navegação, fábricas, estaleiros, oficinas, transmudaram-se em centros desordenados de peleja. Os recontros são permanentes e de dia para dia mais intensos. Os trabalhadores pousaram os instrumentos de produção para pegarem nas espingardas ou nas máquinas carregadas de explosivos. Dum lado, electrizados pela sua fé — que faz de cada combatente um herói — estão os operários, legião inumerável; do outro, minado por um egoismo deliqüescente que o enfraquece, está o capitalismo, ainda detentor de meios de acção que, bem coordenados e manejados, lhe garantiriam uma fácil vitória, se houvesse solidariedade entre as burguesias. Êstes dois exércitos conservam-se um diante do outro, ferindo contínuas escaramuças, e os observadores imparciais constatam que tôdas as vantagens cabem ao proletariado, em virtude da ausência de disciplina e de decisão das classes dominantes pelo dinheiro, pela cultura e pela superioridade mental. Quem vencerá? A pugna definitiva anuncia-se para breve. O operariado organizou-se para a luta, obedecendo passivamente às ordens do sindicato único que é o seu Estado Maior. O patronato, despertando dum nefasto sono, quere agora imitá-lo, confederando-se também e esgrimindo esta arma: — o *lock-out* — com que investe contra a *grève* geral. A defesa é formidável, mas não sei se daí re-

sultados práticos, porque só muito tarde foi empregada.

Enquanto o choque terrível não estala, a desordem propaga-se com rapidez e os espíritos alarmados recolhem-se às meditações da vida interior, tam fertil em ensinamentos. Individualidades insignes procuram, mesmo, impedir a deflagração do *casus belli* — deflagração iminente e que aparece já como inevitável às almas supersticiosas. Uma dessas individualidades, de-certo a mais excelsa pela elevação e pela importância do supremo sacerdócio que desempenha, é o Sumo Pontífice que recentemente apelou para as mulheres de tôdas as nacionalidades, numa página de oratória veemente e notável, para que elas acudam à família sèriamente ameaçada, na sua constituïção e na sua permanência, por acervos de perigos.

A tormenta social que se desencadeou no orbe católico, por efeito da guerra das nações, desvairou também o gentil mundo feminino. Abandonando os *ménages*, de que eram a guarda vigilante e enternecida, muitas mães e muitas espôsas vieram para as ruas, para as praças, para a tribuna dos comícios, para os *meetings*, para a imprensa, para o livro, para o panfleto, para o estrado das conferências, reclamar direitos civis e políticos inteiramen-

te iguais aos dos homens. Enquanto durou a campanha atroz, que foi um sorvedouro de sangue e de vidas em flor, as delicadas mãos femininas mostraram a sua destreza em tôdas as ocupações até êsse instante confiadas ao sexo forte. Elas fabricaram, nos arsenais, as munições de guerra para alimentarem o insaciável Moloch, devorador das primaveras promissoras; elas manufacturaram os armamentos — para que as hostes que combatiam dispusessem de elementos com que se trucidassem; elas rasgaram estradas e canais, lidaram nos cais de embarque, no serviço exaustivo da carga e descarga, cultivaram os campos, fizeram as colheitas, accionaram os teares nos estabelecimentos fabris, substituiram o homem nas casas de comércio, nos armazens, nos Bancos, nos empregos públicos, na viação, dirigindo locomotivas, carros eléctricos, automóveis. Além disso, as mulheres foram, nos hospitais, as consoladoras dos feridos, as pacientes e amorosas enfermeiras, dedicando-se ao alívio das dores com uma devoção e uma abnegação que nunca se lamentaram e que jàmais repararam nos próprios sacrifícios. Nos casais que ficaram sem o seu chefe, assumiram o papel de anjos tutelares das orfandades desditosas, de protectoras das proles desamparadas, a quem saciavam as fomes e vestiam a nudez, enxugando-lhes piedosamente as lágrimas aflitivas. Sem o auxílio e sem a heroicidade des-

sas mulheres admiráveis, as nacionalidades envolvidas na hecatombe teriam perecido antes da assinatura do armistício. E, mais que tudo, é do seu flanco inexgotável que estão brotando as vitais torrentes de sêres que hão de regenerar a Europa devastada nas suas existências produtivas e mutilada, retalhada no seu corpo! Não era justo que os Parlamentos repelissem desdenhosamente as reivindicações por elas formuladas.

Concedeu-se-lhes, portanto, o que pediam, abriram-se-lhes as portas das Assembleias legislativas, dos Ministérios, das Cátedras, das Universidades, dos altos cargos públicos, dos tribunais; foram chamadas a colaborar na grande obra da direcção dos povos e dos países. A sua vitória foi completa: — mas, por infelicidade, desvairou-as a tal ponto que elas começam a esquecer as obrigações sublimes pelas quais mereciam, mais do que a admiração, a ternura e o reconhecimento daqueles que consideravam, injustamente, os seus tirânicos senhores e que, em tôdas as idades, teem sido, afinal, os seus escravos submissos, os humildes vassalos da sua realeza, os súbditos resignados e contentes da sua soberania.

Actualmente, o Eterno Feminino foge cada vez mais dos lares tranqüilos — onde ainda possui um trono resplandecente — para se emmaranhar na política. Numas eleições que se celebraram em Lon-

dres, para os conselhos municipais, as mulheres conquistaram um avultado número de mandatos, pelo apoio que depararam nas suas irmãs em sexo e em ideais que dispunham dum boletim de voto. Na Rússia, são elas justamente que se batem nas trincheiras, com os soldados do exército vermelho, tornando duradoura a feroz ditadura bolchevista. Em muitas outras nações preparam-se igualmente essas doces déspotas — que principiam a rir-se com ironia ou sarcasmo do suave arrulhar dos beijos ou das namoradas e românticas confissões de amor à pálida luz das estrêlas — para a intervenção directa nos negócios do Estado! Enfim, masculinizaram-se, arrojaram de si, como uma superfluïdade, os dons afectivos, endureceram, baniram a emoção e o sentimento dos seus corações e tempo virá — por êste declive perigoso — em que levem mais longe a sua ambição ilimitada.

Foi, precisamente, para lhes mostrar os riscos duma tal cegueira que Sua Santidade se decidiu a orientar o espírito feminino, reconduzindo-o à clara e florida vereda de que êle inconsideradamente se desviou...

O Sumo Pontífice reconhece que as novas circunstâncias estabelecidas nas sociedades contemporâneas, em completa desagregação, outor-

garam à mulher um verdadeiro apostolado que nunca lhe foi concedido em ciclos anteriores. Êste apostolado, porém, há de praticar-se sem que atinja os primaciais deveres femininos, que são os que a felicidade e a pureza familiar impõem. O Santo Padre — que do cimo da colina de Roma, em que se erguem as tôrres do Vaticano e alvejam as cúpulas dos templos sumptuosos e de tam preciosa linha arquitectónica, abençôa a Cristandade prosternada à sua volta — afirma com uma certeza de quem tocou a essência da verdade que nenhuma inovação nas idéas humanas ou nenhuma radical mudança nas coisas transitórias do mundo terão o poder de afastar a mulher, consciente da sua missão — que é de bondade e de ternura — do logar de purificação em que activamente lida. Êsse logar de poesia, de alegria espiritual e de repouso é a casa em que se refugia a família constituída, em que viceja perenemente um branco lírio de santidade e fé, em que desabrocham as vidas virginais, cândidas, inocentes que remoçarão os dias vindouros e em que raras vezes entram as paixões venenosas.

No lar doméstico, efectivamente, a mulher é raínha absoluta, governando os que a ela se entregam e dela dependem com o seu incomparável afecto de mãe, com a doçura bemdita da sua adoração de espôsa, com o seu carinho filial ou fraterno. Aí, irradia claridade, derrama encanto, luz, perfume,

à sua volta. Fóra do lar e associando-se aos clamores, às disputas, aos ódios, aos crimes de tôda a sorte com que os homens enchem a terra — que parece demasiadamente pequena para dar a ventura e um pouco de sol a cada um de nós — não se compreende.

Os dias modernos, tam incertos e tam aflitivos, ampliaram os horizontes em que a acção feminina antigamente se confinava: — mas o Sumo Pontífice não quere que essa acção seja de violência, de amargura, de desespêro ou de domínio, nos actos temporais, e sim de brandura, de redenção, de magnanimidade, de beleza moral, exercendo-se na educação da juventude, na formação das almas que partem para o futuro, no aperfeiçoamento dos caractéres. Cada vivenda será uma escola, tendo as mulheres como professoras, porque não haverá mestras mais excelsas da infância.

E que elas deixem aos homens que, em muitos casos, as não valem como subtileza de sentir, generosidade, perspicácia intelectual, grandeza de ânimo e coragem perante os angustiosos sofrimentos e as calamidades irremediáveis, as vaidades do mundo, as pelejas sociais, as academias, os parlamentos, os laboratórios, as especulações filosóficas e scientíficas, as rebeliões fulgurantes da política, as impulsividades brutais em que os lutadores se trucidam!

Sua Santidade, depois de dizer estas palavras, que são um cântico e uma lição inspirada, pela sua nobreza e pela sua profundidade, incitou ainda as mulheres a cuidarem da limpidez da virtude com o enternecimento de quem celebra um culto. As que professarem o Catolicismo não hão de apenas ser impecàvelmente honestas: — teem de parecê-lo, também, pela seriedade do seu porte e pelo seu modo sóbrio de vestir. A-pesar-de se manter completamente isolado dos prazeres e dos faustos mundanos e de se fechar à Igreja e a Deus, o Santo Padre não ignora os exageros do luxo que actualmente faz, nos povos civilizados, a iluminura galante e artística em que os olhos se deslumbram. Para revelar aos seus admiradores o esplendor duma formosura triunfante, a mulher, adulada perpètuamente pela turba dos seus caudatários, despe-se de dia para dia com mais impudor, descobrindo a florescência da carnação que dir-se-ia talhada na brancura dos mármores divinos, rosados por uma gota de sangue quente. O seu vestuário — outrora agasalho do corpo — é hoje um maravilhoso poema de rendas, de veludos, de sêdas, de setins, picado pela scintilação das pedrarias. E tôda a tendência da Moda é, precisamente, a de exteriorizar as graças corpóreas ocultas. Ora, isto estimula àsperamente as voluptuosidades e contribúi para a corrupção geral dos costumes. Vestindo-se por esta fórma,

quási que autorizam tôdas as faltas de respeito e cortesia da parte dos homens, porque constituem uma provocação constante.

A mulher cristã nunca deve abdicar da sua dignidade—tornando-se a verdadeira *fames peccatis* de que falam os livros religiosos. Sua Santidade condena, sobretudo, aquelas que se acercam dos Sacramentos e se aproximam dos sacerdotes, tanto na missa como nos confissionários, em *toilettes* magnificentes e com decotes audaciosos em que os seios se exibem como frutos de luxúria capazes de perturbarem as mais celestes castidades.

Eu não sei se o Sumo Pontífice alguma vez teria sido tentado, como Santo Antão, por uma dessas esplêndidas flores da carne—para que assim as fulmine com o fogo do seu verbo eloqüente—mas o que sei é que a sua alocução às mulheres católicas encerra verdades brilhantes como jóias e lapidares como máximas morais. Creio, por isso, que há de ser piamente escutada nas suas intenções sublimadoras e nos seus nobilitantes preceitos.

Fantasia sôbre a «Gavotte», de Gluck

Nenhuma outra Arte como a música—uma das mais puras flores da vida da alma—falará ao nosso sentimento, em certos estados psíquicos, com tanta intensidade, tanta profundidade e tanto poder inspirador. Ela dispõe de tudo, na verdade:—da côr, do vago, do mistério, das fórmas ideais apenas entrevistas a um luar de sonho, das prodigiosas arquitecturas góticas em que há arestas de estrêlas e floras maravilhosas, asas que ascendem para o azul e mãos suplicantes erguendo-se para o céo.

Nas suas melodias, que se esvaem em sonoridades, existem as doces meiguices e as iras fulgurantes, as piedades que redimem e as energias que fulminam, as lágrimas, os ódios, os uivos, os balbuciamentos. Também pulsam, estremecem nelas,

as voluptuosidades, os misticismos, tôda a sorte de canduras, as cóleras, as ironias, as maldições, as preces, os desesperos, as crenças, o amor, o ciúme, as melancolias, as abnegações, os gritos de socorro, as apóstrofes veementes.

A música possui ainda as sêdas, as púrpuras, os veludos. Modela, esculpe, cinzela em claridade as plásticas incomparáveis que nunca se materializam e que apenas as organizações sensíveis vislumbram um fugidio instante, na sua irrealidade. Tem uma voz em que vibra a aspiração suprema das coisas, sem a faculdade de exprimir-se por uma linguagem acessível à nossa inteligência: — os astros, as constelações, os arvoredos, os jardins, os parques, os mobiliários sumptuosos, os bronzes e os mármores estilizados, as flores, as folhagens, as fontes — o que murmura nas aragens, o que sussurra nas florestas, o que geme e suspira nas águas, enfim, as confissões da natureza para Deus. Ela ressoa, angélica ou diabólica, sidérea ou infernal, nas cordas dum violino, dizendo uma página de Beethoven, de Mozart, de Schubert, de Bach, ou nas vastas orquestrações dum poema sinfónico, e logo as almas se libertam dos seus transitórios invólucros carnais, derramando-se livremente nas lúcidas vaporosidades da luz, através dos espaços resplandecentes, e adquirindo a divina virtude de tudo compreenderem e sentirem.

É admirável, sobretudo, a sua potência de sugestão. Por vezes, numa simples frase melódica, representa aos nossos olhos deslumbrados scenas esplêndidas, quadros em que ao vigor do colorido, à delicadeza da nuança, se aliam o movimento e a expressão. Os seus descritivos são os mais intensos de cromatismos luminosos e os que mais directamente influem sôbre a nossa sensibilidade, pelo que nêles há de inédito, de original, de realidade e de imprevisto. O seu dom de revelar flagrantemente o que se oculta nos intermúndios da emoção é estupendo...

Ainda uma destas noites eu tive ensejo de verificar tal verdade, ao ouvir, num recital de piano, a *Gavotte*, de Glück, o poeta estranho que escutou, nos Campos Elíseos, as doridas lamentações de Orfeu chorando a perda de Euridice, a uma suave luminosidade feita de radiações de ouro e hálitos de violeta — lamentações que eram um côro errante e suspenso de harpas elegíacas. Uma artista superior — que tinha no seu canto todos os mimos, todos os encantos, tôdas as dolências e suplicações, verdadeiros paraísos de ternura, e que ia gradualmente, sem bruscos sobressaltos, das vivas alegrias e das plenas felicidades duma primeira adoração para as desilusões cruéis, para o sofrimento devastador, para as paixões aflitivas e sem remédio, quando chegava, no seu êxtasi amoroso,

a hora amarga do desengano — acabara de dizer, comovidamente, os *Amores duma mulher*, de Schumann. A sala adormecia na meia tinta duma penumbra que espalhava por tôda a parte a sombra azulada e mole, tocada idealmente pela brancura de finos perfis de mulheres, duma clássica pureza de linhas e contornos, florindo em zonas levemente douradas como rosas perfumadas desabrochando no delíquio dos crepúsculos de outono e envolvidos duma névoa ténue e veludosa. A impressão despertada, na minha emotividade, por essa música — que se exalava em cânticos de esperança e de reconhecimento ou em queixumes lacrimosos — mergulhou-me numa espécie de solidão em que eu apenas via as amorosas, desgrenhadas e lívidas, conduzidas pela mão fatal dos Destinos até à encosta da montanha simbólica em que cáem mortas as criações humanas..

Para melhor entender, tinha-me concentrado num recolhimento interior que me afastava completamente das realidades universais. Sentia-me longe do mundo animado — das suas inquietações, das suas comédias, dos seus dramas, das suas perspectivas irregulares e movimentadas, e abismado num silêncio inviolável. A matéria, mesmo a mais condensada, subtilizara-se, tornara-se diáfana, ad-

quirira transparência e fluidez. Nem o mais ligeiro ruído chegava aos meus ouvidos. A cantora emmudeceu de repente — e a minha comoção interrompeu-se. Pungia-me a penetrante mágoa de ter assistido à tragédia dum coração que amava até ao sacrifício de si próprio. Experimentava a sensação bizarra de que a terra inteira ficára vazia e afogada em obscuridade...

Inesperadamente, porém, os primeiros acordes da *Gavotte*, de Glück, soaram no piano, acordando-me da minha *rêverie*, da minha quási inconsciência — e logo tôda a scenografia se transformou. A bruma densa que me rodeava mudou-se, como nas mágicas inverosímeis, num faustoso e rutilante salão decorado com preciosas mobílias Luís XV. As lacas e os ouros reluziam, irizavam-se ao fulgor das serpentinas. Pelas paredes, forradas de Gobelins raros em que corriam scenas campestres, idílios pastoris em que magras mãos de adolescentes, de dedos afusados, afagavam o focinho rosado de galgos heráldicos, sob os castanheiros, faziam a ornamentação medalhões com bustos de belezas femininas, coroadas de rosas de toucar, entre grinaldas e laçarias. Aos cantos, sôbre plintos de madeira, branquejavam alegorias em Carraras nitentes. Perfeitamente me lembro duma — a *Inocência* — em que uma criança sorridente beijava, no bico, uma pomba de asas abertas,

Em jarras de Sèvres ou de Saxe, valiosas como jóias, desfolhavam-se lentamente ramos de flores. E não tardava que lindas, graciosas raparigas surgissem, numa ligeira nuvem de setins e gazas, sob a reverberação dos jogos de luz das pedrarias, e de cabelos empoados, pelo braço de moços gentis de calção e meia de sêda que o sapato de verniz com fivelas de prata mordia, casacas de veludo em côres estridentes e longas cabeleiras polvilhadas, caíndo-lhes em anêis sôbre os ombros, dançando vagarosamente!...

A *Gavotte* continuava sempre, em notas abafadas e lânguidas, ressuscitando para os meus sentidos as vélhas aristocracias *ancien régime*, a graça e galantaria das estirpes altivas, as cortesias, as elegâncias que denunciavam as *élites* do sangue, as castas orgulhosas e históricas que as épocas modernas, com seu fútil, banal prosaísmo e sua grosseria, baniram talvez para sempre.

Por instantes, julguei-me nas eras do feudalismo, na remota castelania dalgum conde ou barão, vendo valsar as castelãs ao som das cítolas ou das violas dos menestreis. E a evocação era de tal modo translúcida e flagrante que eu via positivamente os rostos cândidos e virginais rosarem-se duma gota de sangue mais vivo, arfarem os níveos seios aninhados em setins e brocados principescos, moverem-se os lábios — tam vermelhos que dir-se-iam

banhados nas linfas duma fonte de Juvêncio escarlate — enquanto os homens namorados, curvando-se, nos cadenciados, rítmicos passos da dança antiga e cerimoniosa, sôbre as cabeças das damas, lhes murmuravam confidências de bemquerer ou lhes recitavam as ingénuas e graciosas canções de amor e de amigo em que foram inimitáveis os bardos e trovadores das alcáçovas reais e dos paços nobres...

Por momentos, todo um passado de heroísmo, de grandeza, de formosura e de saüdade se iluminou à minha vista extasiada. E era um ranger de sêdas, um murmúrio de discretos galanteios, um desenrolar de mesuras solenes, um deslizar de pés alados e quási aéreos pelas fôfas tapeçarias que recobriam os soalhos, um desabrochar de risos juvenis, um cochichar de conversas, um suspirar de gritinhos assustados, que tôda essa encantadora e frívola sociedade fidalga me parecia ter surdido sùbitamente das *Crónicas*, de Froissart, ou dos capítulos maliciosos dum livro de Brantôme!...

A *Gavotte*, contudo, calou-se no piano com a tristeza duma balada de amor que morre — e a minha perturbação dissipou-se imediatamente, reentrando eu na realidade das coisas: — mas, durante muito tempo, ainda fiquei a pensar no poder evocativo da música, a maior das artes, que eterniza, através das idades e das civilizações,

o encanto e a poesia das eras extintas no que elas tiveram de mais belo, de característico e de representativo, gravando em som e em ritmo a mais inspiradora e sugestiva das histórias! . . .

A propósito de Sara Bernhardt

Sôbre a minha banca de trabalho, estão os jornais e revistas que o correio me trouxe há pouco. A manhã é triste. Cái uma chuva fina, miudinha, irritante, que enche as ruas de lama e as almas de tristeza. Dir-se-ia chover tédio!

Acendo um cigarro, sopro com preguiça algumas baforadas de fumo e pego, ao acaso, numa fôlha francesa, ainda por abrir. Ao passar os olhos pelas primeiras linhas, encontro imediatamente uma novidade sensacional. Oh! ainda hoje não há nada mais atraente, mais aliciador, mais pitoresco, do que êstes papéis impressos que foram inventados, outrora, por um médico de imaginação criadora para entreter os seus doentes, que hoje aparecem tôdas as manhãs e tôdas as tardes com o relato de

tudo quanto no mundo civilizado ocorre durante as últimas vinte e quatro horas—quéda de trono ou implantação de novas teorias sociais ou de novos sistemas filosóficos!—e que antigamente tanto mêdo infundiam a monsenhor Darboy, o arcebispo de Paris fuzilado pelos comunistas, precursores de Lenine e do paraíso moscovita...

Que notícia extraordinária e fundamente emotiva me dava o quotidiano *boulevardier* com que eu pretendia distraír, durante alguns momentos de leitura, os meus ásperos aborrecimentos? Uma notícia, na verdade, inesperada e prodigiosa. Na sua secção teatral, falava com elogio dum trabalho dramático recente que estava conquistando admirações e aplausos do Paris ilustre pelo génio, pela beleza ou pela elegância. O papel principal, duma grande intensidade, era desempenhado — por Sara Bernhardt, (1) um fantasma, a ruína duma graça e duma formosura que foram brilhantes, um século de êxitos ruidosos que actualmente constitúi uma sugestiva e inspiradora página do passado e que nada mais conserva do seu admirável talento extinto do que o prestígio alcançado nas auroras floridas e a saüdade que transmite ao seu estranho vulto feminino um encanto enigmático! A-pesar-

(1) Morreu há poucos anos.

-disso, Sara Bernhardt — que Pompeyo Gener, um ardente poeta e escritor catalão, morto na vèlhice e na pobreza, depois de ter enlouquecido, ainda conheceu, no Clube dos Hidrópatas, em Paris, vestida de homem e a uma longa distância da celebridade — comove profundamente as plateias da Lutécia com o mistério, o sortilégio da sua voz melodiosa e de ritmos de ouro, essa voz que foi o enlêvo da minha mocidade — ai! de mim! — e que há vinte, há trinta anos, arrulhava, em veladas românticas, pelos teatros de Lisboa e do Pôrto! Como eu a recordo! E com que melancolia, talvez por me desenrolar diante dos olhos o vasto caminho andado em todo um quarto de século, uma jornada que começou em plena primavera viçosa, no esplendor da claridade, e que não terminou por enquanto, embora o outono tivesse chegado e já não haja flores nos jardins e folhagens nos arvoredos!

Nessas épocas longínquas, que fazem orvalhar os olhos de lágrimas aos seus evocadores, Sara Bernhardt era simplesmente maravilhosa. Não havia, então, em qualquer palco da Europa, figura que se lhe pudesse comparar em elevação artística, em distinção suprema. Dir-se-ia mover-se numa zona luminosa como as divindades, para maior gôso e exaltação dos crentes. As linhas fisionómicas da sua máscara eram duma tam singular mobi-

lidade que a transfiguravam. O seu corpo era duma esbelteza serpentina. No seu olhar ardia um clarão revelador. Os seus cabelos flavos pareciam uma labareda. Ela surgia, magra, risonha, na pompa dos seus vestidos, na scintilação das suas pedrarias, e logo uma legião de vassalos sem vontade lhe seguia dòcilmente os leves passos de ave e de deusa. Espalhava alegria, felicidade e paixão! Um nobre bardo romanesco que eu ainda conheci, trémulo de vèlhice, reanimando-se ao calor daquela aparição esplendorosa, chamou-lhe Nossa Senhora da Poesia, e não tardou a morrer. Dorme agora o sono eterno num deserto cemitério, à sombra de ciprestes esguios e fúnebres!

Nesse tempo, Sara Bernhardt não nos surpreendia apenas pela grandeza das suas criações teatraes, interpretando Alexandre Dumas, Filho, ou Vitorien Sardou. A amorosa era, para mim e para os rapazes do meu tempo, talvez maior do que a actriz. Recordávamos, arrebatadamente, alguns episodios mais salientes da sua vida sentimental: — os idílios com o príncipe de Gales que preferia os *Boulevards* à *Regent Street* e que ia *chanter fleurette*, tôdas as noites ao camarim de Sara; as suas vagabundagens com Jean Richepin, o poeta que arrancava às cordas da sua lira as rimas bizarras e inquietas como abelhas helénicas fabricando o doce mel; as suas aventuras pela América, saüdada

com um entusiasmo sem precedentes; as suas tragédias íntimas: — e tudo isto, *bouquets*, jóias, palmas, bravos, ovações, lirismos, loucuras, apoteoses, comunicava à personalidade de Sara Bernhardt um relêvo imperecível...

Ela mostrava-se, então, à nossa fantasia, como uma suave Madona dos primitivos, sorrindo docemente aos seus devotos, tôda resplandecente de astros, sôbre um fundo dourado que a espiritualizava...

A incomparável Sara! Nas avenidas aristocráticas das tumultuosas capitais, passeando em carruagem descoberta, como uma raínha, na radiação da sua beleza feminina — um nariz judaico que dava a impressão de haver sido modelado por um estatuário grego, um riso satisfeito e orgulhoso na rosa vermelha da bôca, que lhe descobria os dentes duma alvura de neve, Sara dominava tirânicamente e submetia aos seus caprichos as legiões de admiradores, súbditos obedientes da sua soberania.

Se ainda vivesse nas remotas eras orientais do tempo em que Roma governava o orbe com a potência e o fulgor da sua espada, Sara, como Cleopatra, adormeceria no regaço de sêda, sob a carícia dos seus olhos de afago e de ternura, os conquistadores vitoriosos, como Júlio César e Marco António, embora tivesse de oferecer, depois, a floração

dos seios ao beijo letal das serpentes. Como Cleopatra, beberia, dissolvidas em vinagre, as pérolas que os seus apaixonados lhe dessem, suspirando. Era, porém, contemporânea do gás e da electricidade, e Sara Bernhardt não queria humilhar os fortes condutores de povos. Ao ser procurada pelos príncipes, só os recebia como camaradas, como bons rapazes, como joviais companheiros para uma ceia *chez Maxim!* Muito activa e educada pelas idéas da moderna democracia, desdenhava até as realezas; e a sua preferência, a transitória simpatia do seu coração, iam para os poetas, para os artistas, para os escritores, que estavam mais perto do seu espírito pelo sentimento e pela inteligência.

Vingava-se estridentemente dos dirigentes: — e uma tarde, quando deputados e senadores dum certo parlamento lhe desatrelaram os cavalos da equipagem que a levava para o hotel e se jungiram aos varais, de casaca e gravata branca, de condecorações e peitilhos brunidos, Sara, batendo as mãos de contente, bradava:

— *Ah! mon Dieu, mon Dieu!... Hop lá, hop lá!... Au galop!...*

Então, o seu nome era excelso em tôda a parte. Falava-se de Sara com veneração, com arroubamento! Ela fazia reviver, à pálida luz da ribalta, tanto a *Dama das Camélias*, morrendo tísica de amor por Armand Duval, santificada pela adora-

ção e pelo sofrimento, como *Fedora*, como as mulheres de Shakespeare ou como o gentil mundo feminino do teatro clássico francês. As Réjane, as Duse, as Vitaliani, as Mimi Aguglia, as Ida Gramatica, outras que a não valiam nem jàmais a igualaram, vieram muito tarde. Sara foi, durante anos brilhantes, a soberana incontestada! . . .

Ah! mas hoje . . . A decadência chegou um dia à mocidade radiosa do seu corpo — e com ela, a tristeza e a doença. A pele, que era lisa, veludosa e que parecia alumiada por uma chama interior, engelhou, cobriu-se de rugas como um pergaminho esquecido ao canto duma gaveta; os olhos perderam, gradualmente, o secreto fogo que os animava; as côres da face desbotaram; as ilusões fugiram em bandos assustados — e só a voz conservou o seu rico timbre de ouro, que afagava aliciantemente os que a escutavam. Principiou, nesta hora dolorosa e alarmante, a luta dramática de Sara Bernhardt com as degradações físicas — essas degradações que, no dizer dum psicólogo insigne, tanto contribuem para a espiritualização do que nas criaturas há de superior e de perfeito moralmente. Os vincos da face escondia-os ela com *cold cream*, tôdas as manhãs, ao espêlho. Para que a harmonia de suas fórmas, o equilíbrio das suas curvas, se não

corrompessem, apertava-se Sara inquisitorialmente em espartilhos despóticos. Pintava a cara, pintava os cabelos, maquilhava-se, era uma oleografia grotesca — mas conseguia iludir, e era a isso que visava. À noite, no tablado dos teatros, à luz artificial, entre os faustos das sêdas, dos veludos roçagantes, das pedras preciosas, a antiga Sara dos vinte anos novamente ressuscitava, e outra vez os aplausos ressoavam e o sangue circulava mais apressadamente nas veias dos seus turiferários e dos que lhe seguiam o rastro juncado de flores. Enganando os outros, queria enganar-se a si própria! Era avó — e ainda, como Julieta, esperava os Romeus à varanda, por noites de luar, quando os rouxinóis cantavam! Mas a vèlhice, implacável e sarcástica, sorria diabòlicamente, e ia acelerando as devastações, com a sua mão cruel. Sara Bernhardt, no tempo inolvidável para ela, em que representava as peças de Rostand, ou desempenhava o papel de *Hamlet*, no drama de Shakespeare, era já, plàsticamente, uma caricatura do que fôra — mas ainda lutava enèrgicamente contra a invalidez e o envelhecer. Oh! com que horror sacudia os espectros irónicos que, na obscuridade, se curvavam sôbre ela, para lhe murmurarem sardònicamente ao ouvido:

— A tua mocidade fugiu! O que resta duma formosura sem igual? Nada! Nada!...

Ah! Sara desejava ser perpètuamente nova, durar uma eternidade e não passar nunca dos vinte anos, amar e ser amada, impor-se aos seus admiradores e às multidões, triunfar todos os dias, vencer contìnuamente, ser querida e adulada, ter, mais do que uma alcâçova real, onde só a lisonjeassem cortesãos, um vasto templo onde as turbamultas devotas lhe fôssem rezar, solicitando-lhe favores divinos pela oração! E eis que decaía cada vez mais!... No combate contra os ultrajes da vèlhice, a vencida era ela. Mal se podia arrastar, apoiando-se a uma bengala de castão de ouro. Engordara! Perdera a ligeireza de sílfide, a gracilidade, a euritmia de movimentos. As suas *toilettes* não atraíam as atenções e já ninguém dizia, ao vê-la:

— Ali vai a grande Sara!

Reagiu, porém! Decadente como actriz, procurou celebrizar-se em outros géneros de arte:—foi escritora, foi pintora, foi escultora, mas consumiu-se num dilelantismo que jàmais ultrapassou muito a banalidade. Numa amargura que lhe exacerbava o padecimento, voltou ao teatro, e as plateias verificaram, com uma pontinha de crueldade, que a estrêla começava a apagar-se.

Numa *tournée* pelos Estados Unidos, Sarah caíu, feriu-se, esteve às portas da morte, sendo necessário, para a salvar, fazer-lhe a amputação de uma perna. E é agora, mutilada, octogenária, obesa,

enrugada como uma pelica exposta ao fogo, que a pobre grande Sara ainda se exibe nos palcos parisienses, recoberta de caio como uma parede, os cabelos postiços e dum louro cendrado, os dentes postiços, lamentável, trágica, enfêrma, caricatural como uma *charge* de Gavarni, não sugerindo nada do que foi...

Justos céus! Como a vèlhice é implacável! Os jornais, mentindo piedosamente, afirmam que Sara Bernhardt galvaniza os espectadores com o seu génio. Doce e carinhoso embuste que nem a própria actriz iludirá!...

Ah! Se o Diabo, que foi o terror da Idade Média, ainda tivesse algum prestígio! Se êle ainda comprasse almas, em trôco da mocidade, como aconteceu com o Dr. Fausto e com S. Frei Gil de Santarém, com que imensa alegria a excelsa artista correria para êle, pedindo-lhe a juventude perpétua, mesmo à custa de pactos infernais e temerosos! E então, eternamente môça, seria a triunfadora eterna!

A decadência do carnaval

Muito embora o bom Rabelais tivesse convidado o homem a rir — numa página que ficou célebre na literatura — a verdade é que a alegria, a graça, a vivacidade, vão perdendo lentamente o esplendor antigo, e a pouco e pouco uma tristeza dolorosa e fúnebre envolve as almas. O ser consciente da nossa época não sabe rir saüdàvelmente sem acidez, sem ironia, sem sarcasmo, sem maldade. Ignora essas admiráveis, sonoras, prodigiosas gargalhadas que escancaram a bôca de lés-a-lés e que outrora, nas salas aristocráticas ou nos tugúrios da plebe, faziam tremer os vidros das janelas, como uma tempestade.

A que se deve, portanto, a decadência da jovialidade que tornava as criaturas felizes, que de-

sanuviava as frontes, que brunia os vincos fundos dos rostos humanos e que transmitia à própria natureza um encanto maior ? Não terá ela sido produzida no sentimento contemporâneo pelo desfalecimento constante da fé religiosa ? Creio bem que sim ! Enquanto a crença transfiguradora floriu, a rês pensante que povoava o globo e que a claridade da civilização iluminava possuía uma confiança absoluta na eternidade da existência. A morte não era mais do que a passagem dum mundo transitório para outro mundo melhor, adormecendo, sob o fulgor das constelações maravilhosas, ao embalo suave das harmonias celestes. À volta dum trono resplandecente, debaixo de dardejantes doceis de estrêlas, teorias de querubins alados cantavam hinos duma beleza incomparável, acompanhados a harpa por Santa Cecília. Nessas regiões longínquas que ficavam para lá dos astros coruscantes, não se sabia o que era a dor, não havia ódios, invejas, ambições impuras. Os redimidos das escravidões e das melancolias terrestres estreitavam-se num doce abraço de amor. Aves de plumagens côr de aurora gorjeavam nos ramos de arvoredos vergando de florescências e exalando-se em aroma. Águas de cristalinidade perfeita corriam e cantavam nas fontes. A paisagem era sempre verde e primaveril, não se arrastando pelo chão erva sêca ou fôlha morta. Um sol rutilante fulgia contìnua-

mente como uma grande rosa no luzente azul dum céu sem mácula de nuvem!...

Entrevendo estas paragens de libertação suprema, os vivos que se cruzavam pela aridez do globo não eram atormentados por nenhuns terrores. A sepultura com a sua glacial mudez não os fazia empalidecer. Nos seus leitos de agonia, na hora derradeira, os que estavam prestes a expirar partiam contentes, por irem, finalmente, mergulhar no mistério de que os livros santos e os sacerdotes lhes falavam com exaltação e ternura. Por isso mesmo, sôbre as augustas máscaras inanimadas dos mortos ficava pairando ainda um Mar de consolação e de ventura. Evadiam-se duma vida transitória, alando-se para o alto, num vôo ligeiro, direito e ansioso, para chegarem mais de-pressa ao encantado reino sideral! Esta certeza inquebrantável, alimentada pelas emoções místicas, imprimia às multidões uma coragem, uma heroicidade, uma serenidade que jàmais se conturbavam — e por isso mesmo a humanidade era alegre, risonha, atraente, finamente sociável.

Mais tarde, porém, surgiu a legião insatisfeita dos pensadores que aboliram a sensibilidade para mais elevarem a razão e a inteligência. Êsses legionários estranhos — que inspiraram, de-certo, a Alberto Dürer a *Melancolia* — tiveram, um dia, a audácia de escalar o Céu, como antigamente os

Titans da mitologia pagã, gritando de lá que os páramos celícolas estavam desertos e que as divindades eram apenas engenhosas abstracções com que os criadores de dogmas pretendiam dominar o seu semelhante. Nesse momento dramático, alguma coisa muito nobre e muito pura se extinguiu na nossa intimidade moral. O que julgávamos absolutamente exacto foi substituido pela dúvida angustiosa. O optimismo caíu diante da aluvião do pessimismo. O riso murchou nos lábios vermelhos como uma flor delicada que um vento do inferno crestasse. Na natureza inteira apagaram-se as côres brilhantes e espalhou-se uma sombra lutuosa idêntica à que o bom Pan conheceu ainda, quando o Paganismo desapareceu, batido pelo Cristianismo vitorioso. A partir dêsse instante, os homens sensíveis baixaram a face entristecida, derramando lágrimas ardentes e considerando-se condenados para quem não haveria salvação.

A vulgarização e o materialismo que para o subtil Flaubert eram a origem do funesto mal moderno, apressaram a decomposição. O ensino das sciências — a heresia capital da actualidade, no dizer de Edgar Poe — activou a derrocada. O racionalismo contagiou as turbas com a sua esterilidade porque, na expressão flagrante de Mauclair, não procurou reverenciar Deus, pelo facto de mais o ter aprofundado — como o concebia a alma cris-

tianíssima de Pasteur — e apenas buscou insofridamente as aplicações e os processos, esquecendo ou desdenhando tudo o mais. Daí para o futuro, a morte definitiva apareceu sombriamente a todos os entendimentos, alucinando-os, espavorindo-os, porque de tal morte não restará cristalização duradoura, memória perpétua. Esmagada pelo pêso desta afirmação, a alegria expirou também, e será em vão que os Rabelais vindouros pretendam ressuscitá-la.

Para que nesta desolação haja uma alegria festiva, será necessário que novamente a humanidade, na sua marcha para o porvir, outra vez vislumbre Deus, na sua côrte astral, presidindo aos destinos humanos e dando-lhes a invejada imortalidade. Só então o riso esplêndido renascerá.

Não! O homem da nossa época não sabe rir como o da antiguidade — e já durante a vida do genial abade de Meudon êle começava a pender a cabeça contristada para o peito. Desde essa era distante até hoje, a tristura amarga mais se acentuou. À jovialidade esplendorosa sucedeu o sofrimento. Actualmente, ainda lampeja, de quando em quando, um exangue sorriso que não denota satisfação, saúde interior, mas maldade, perversidade, rancor. As provas são duma evidência in-

contestável. Nos últimos anos, o Carnaval — que era, em épocas extintas, a festividade sumptuosa e magnífica do júbilo, da felicidade de viver, da mocidade do espírito, tem sido na Europa — uma cerimónia fúnebre, quási sinistra nas nacionalidades em que saíu para as ruas douradas de luz, ousando mostrar-se às curiosidades. Na Europa central e oriental, esse Carnaval não deu sinal de si, talvez por não encontrar uma atmosfera propícia para as suas exibições; mas, na Itália, na Inglaterra, na Bélgica, na França, na Espanha, em Portugal, passou ou desapercebido ou lamentável. Apenas em Nice — onde em outros tempos os milionários russos e americanos desfilavam principescamente na pompa dos seus carros de cristal, atirando para os balcões orquídeas brancas e saquinhos de setim cheios de *bon-bons* — desenrolou scenários duma certa opulência. No entanto, quem o comparar ao Carnaval antigo, experimentará uma desilusão profunda. Faltou-lhe, especialmente, na beleza scenográfica, a impetuosidade, o estouvamento, a juventude, a gracilidade que lhe comunicassem poesia, interêsse, pitoresco, animação.

Os seus cortejos esplendorosos, os seus carros alegóricos, as suas mascaradas, passavam nas amplas avenidas com uma gravidade e entre um silêncio que se não compraziam com as estúrdias

carnavalescas. Porquê ? Reflectir-se-ia ainda nas emotividades a recordação lancinante do aflitivo drama da guerra ? É possível : — mas eu julgo que a sua ausência de expansibilidade e de graça provém da dolência em que o homem actual se abisma e que o não deixa erguer altivamente os olhos para as largas amplidões.

Meditando sem repouso em problemas fúnebres, carregando com a sua cruz, agrilhoado perpètuamente à dor, o nosso irmão em Cristo abdicou da faculdade de rir. O riso, para êle, não é uma florescência sentimental : — é um pecado ou uma futilidade. Além disso, os que padecem, são mais inclinados às lágrimas do que aos transbordamentos e às exaltações joviais. Ora, presentemente o padecimento é avassalador, e os que sofrem, concentram-se, isolam-se, temem o ar livre, afastam-se dos planos exteriores num ensimesmamento — como dizem os espanhóis — que lhes torna odioso, insuportável, todo o tumulto que à sua volta se faz. Um préstito de Carnaval desenrolando-se entre turbas mergulhadas em tal estado psíquico será muito semelhante a um entêrro — e não terá atrás de si as orquestrações famosas e ensurdecedoras das risadas, dos silvos, da gritaria, do alarido, das sátiras, dos apupos, das saüdações, das expressões sardónicas fuzilantes como relâmpagos ! Em logar de canções irreverentes, de músicas profanas, de ex-

clamações cómicas, de brados, de imprecações, terá quando muito hinos litúrgicos, murmúrios de piedade, a oração dos mortos...

Depois, ao desfalecimento gradual do riso, que parece entrado no seu delíquio, acresce o esgotamento da fantasia que é agora incapaz de novas invenções. Os carros alegóricos com que o Carnaval se apresenta hoje são quási idênticos aos que êle apresentava nos findos séculos em que o romano, que celebrava as Lupercais, invadiu as Gálias.

Os próprios mascarados não revelam maior imaginação do que o gaulês remoto, fantasiando-se de boi, de cavalo, de urso, disfarçando-se em mulher e dançando nos terreiros doidamente. A mesma porcaria do Entrudo latino é uma revivescência; assim como a lubricidade, a sensualidade, a luxúria, o *can-can* obsceno. De maneira que as populaças começam a fatigar-se de contemplarem constantemente os mesmos episódios a que nenhum detalhe inédito imprime originalidade imprevista. Aos foliões falta seiva, sangue, entusiasmo, vitalidade, nervo, *verve*. Gavarni perpetuou, com o seu lápis endiabrado, uns adoradores de Momo que surpreendiam pelo seu vestuário, pelos seus gestos, pela fecundidade imaginativa inexaurível. Os actuais devotos dêsse deus imensamente divertido não vão além da máscara de pasta de cartão velando-lhes o rosto, dos *travesti* grotescos, da seringa com que,

em anos que vão longe, se armava o *nabo*, o *lavrador*, o *ché-ché* que eu conheci na minha meninice e que me infundiam uma pena indizível, uma enorme, pungente mágoa.

A viva ironia, que agitava frenèticamente o seu guizo de ouro, foi desalojada das folias entrudescas pela *boutade* boçal, pelo insulto, pelo dito insulso, abominável, transudando estupidez e denunciando uma falência total de vis cómica. Como o Carnaval se não renovou até hoje, corre o risco de se subverter para sempre na sua cova cheia de lixo. E será enterrado sem saüdades de ninguém, certamente...

Oh! o Carnaval de outras idades, quando a humanidade, na floração do seu espírito maravilhoso, sabia rir com esplendidez, com alacridade, com vigor, com um enlêvo que nela revelava dons criadores, grandeza, frescura! Então, em Roma, que os forasteiros de tôda a parte procuravam ansiosamente, ocupava o sólio pontifical o Papa Paulo II, e a Igreja associava-se às festas. Sua Santidade, nessas eras, permitia que as criaturas esquecessem, por alguns dias, as glórias e as purezas do céu e que pusessem de parte as preces e as penitências, para se entregarem sem pezares íntimos nem preocupações aos loucos folgares. E eram cavalgadas ma-

gnificentes, galopando nas ruas, sob o sol brilhante, dirigidas pelas personalidades primaciais da fidalguia e da religião, como o duque Camerino e o cardial Farnése ; eram as caçadas de animais bravios, soltos nas praças públicas e perseguidos pelas matilhas, pelos corcéis ágeis dos caçadores, ao som dos halalis triunfais ou das aclamações estrepitosas do povo ; eram as representações teatrais refulgentes dum tal fausto, que as crónicas as imortalizaram em páginas nobres e coloridas ; eram os bailes de máscaras exibindo tanto luxo que os scenários resplandeciam de setins, de sêdas, de veludos, fulguravam de jóias, na majestade dos salões aristocráticos !

A cidade onde o Catolicismo tinha o seu representante supremo não repousava um minuto. O rumor que a sobressaltava contìnuamente atroava os sítios mais recolhidos. Ninguém permanecia em casa, e todos tomavam parte nas celebrações que davam a impressão duma loucura colectiva. Desconhecia-se o pezar, nessas horas fortemente vividas.

À opulência das mascaradas aliava-se a licença dos costumes. Os beijos arrulhavam nos lâbios ; os amorosos deixavam caír nos macios e lânguidos regaços as perfumadas rosas dos madrigais. O riso ascendia na transparência luminosa, esfusiava por cada recanto, por cada esquina.

Mais tarde, com o Papa Júlio III no Vaticano, o Carnaval prosperou ainda, representando-se nos teatros finas e engenhosas comédias, havendo no Capitólio festas admiráveis a que concorriam as mulheres romanas de mais sedutora formosura e continuando as corridas cinegéticas que as turbas tanto amavam: — e nos corações desabrochava a rosa escarlate do amor!

Por essa época, em Veneza, o Carnaval era uma feéria, um fantástico deslumbramento. As iluminações sublinhavam de ouro ardente palácios e perspectivas; os fogos de artifício, queimados na laguna, evocavam vergéis de sonho enflorando na luminosidade duma primavera sobrenatural; nos canais, flutuavam as gôndolas iluminadas, com suas equipagens de mascarados e de músicos, cantando as barcarolas românticas. Foliava-se nas ruas, nos paços dos nobres, nas choupanas pobrezinhas. E a pompa destas celebrações era inenarrável...

Nas asperezas da vida terrestre, é preciso que os homens uma vez por outra sejam loucos, percam a sua austeridade, se divirtam, espaireçam os seus fundos tédios. Existência sem êste respiradouro, seria implacável. Por isso mesmo, o Catolicismo mostrava a sua tolerância com os folguedos carnavalescos, não os fulminando, como hoje. Os padres entendiam que era benéfico não impedir que as

almas livres, durante o Carnaval, soltassem as suas livres paixões, porque isso as tornaria melhores. Hoje, êsses padres ameaçam os tristes adoradores de Momo com as cóleras celestes!...

Mas nem só em Roma o Carnaval *d'antan* deu brado. Em França, o entusiasmo era igual. O rei Henrique III, pousando o scetro com que governava a sua poderosa nacionalidade, fugindo à hipocrisia dos cortesãos e às responsabilidades da sua realeza, quando o Entrudo fazia a sua aparição em Paris, mascarava-se também e percorria as ruas, espancando violentamente as pessoas que encontrava, como um bom monarca absolutista e tirânico, ou arremessava lama, às mãos cheias, aos chapéus das damas, sucedendo-lhe uma vez por outra não saír incólume destas lutas entrudescas. O acompanhamento do soberano não era feito por esquadrões de cavalaria, por carruagens de gala, por espadas, por sumptuosos cavaleiros, mas por uma inumerável tropa de homens vestindo trajos femininos ou disfarçados de animais bizarros que mugiam, uivavam, ladravam, relinchavam, roncavam atrás do seu senhor. As obscenidades, as facécias grosseiras, os epigramas sangrentos, os sarcasmos ígneos, rompiam de todos os lados, entrechocando-se com um rumor de pedradas. Enfim, havia fôrça, originalidade, contentamento, alegria—qua-

lidades essenciais que faltam completamente ao Carnaval da actualidade...

O homem tem decaído muito, efectivamente. Se Rabelais hoje lhe pedisse riso — êle, na sua miséria, soluçaria!...

O grande pintor Henner

As cegonhas brancas e côr de rosa, voando em ranchos, das bandas frias do norte, e cansando as asas na curva azul dos céus luminosos, nunca mais tornarão a ver, flutuando nas flexas góticas dos vélhos edifícios da Alsácia, a bandeira alemã, que era para muitos alsacianos um símbolo doloroso de opressão e de tirania. Ao cabo de meio século de domínio germânico, os exércitos franceses, conduzidos pela espada vitoriosa dos generais, correram a libertar os seus irmãos escravizados — e ouvem-se agora por tôda a florida província gaulesa os sonoros cânticos de entusiasmo, o grito clamoroso das aclamações, os hinos patrióticos de saüdação aos heróis. Hora de serenidade, de triunfo! Hora de justiça e de esplendor! Os que caíram para sem-

pre na campanha de 1870, em defesa da França vencida, e foram sepultados na terra hoje redimida, hão de talvez despertar nas álgidas sombras dos túmulos, ao estrépito das gloriosas fanfarras e das épicas cavalgadas que passam altivamente, ao som enérgico e vibrante da *Marselheza*. Nunca mais pela Alsácia e pela Lorena ressoarão os acordes da *Guarda do Rheno!* As tradições momentâneamente interrompidas não tardarão a reatar-se. Vão unificar-se os ideais. A alma dos emancipados pulsará em unísono com a alma dos emancipadores. Ah! a jornada foi terrível e foi de morte, certamente. Mas eis que uma aurora de maravilhosa beleza ascende!...

Ao ler com doce sobressalto a nova da entrada dos soldados de França na Alsácia, recordei, por uma lógica associação de idéas, a extraordinária figura dum artista que foi um dos *representativemen* da pintura de seu tempo, que a derrota de Sédan fez sangrar rudemente, mas que nunca deixou de crer na *révanche* futura, embora a morte o tivesse arrebatado antes da redenção da Alsácia, onde nasceu. Quero referir-me a Jean-Jacques Henner, o pintor incomparável que legou à civilização uma obra que é um poema de fórmas e de luz e que jàmais envelhecerá, tam puro é o espírito que a anima e tam lúcida a claridade de poesia e graça que a banha.

Henner foi conjuntamente uma das maiores personalidades da arte da sua época e um dos mais intransigentes patriotas. Nascido em Bernwiller, perto de Altkirch — a cidadezinha encantadora de que as tropas de Castelnau se apoderaram logo nos primeiros dias da guerra europeia e que heroicamente conservaram até ao fim da conflagração dramática — ficou francês pelo nascimento, pelo coração, pelo génio, pelas afinidades de raça; mas não se separou da sua aldeia, que era um berço e que era também a sepultura dos antepassados. Partira confiadamente para a glória e para a celebridade, instalara o seu *atelier* em Paris, que sempre atraíra, como um sortilégio, a sua fantasia e a sua emoção de poeta. Em breve conquistou a fortuna e a imortalidade, com a magia dos seus pincéis e a maravilha das suas tintas — e com a fortuna, as admirações e o amor. Não se esquecia, porém, de Bernwiller, das pradarias e das florestas por onde desabrochara a flor da sua infância: e, quando pretendia repousar das fadigas e embeber-se no enlêvo das coisas familiares, fazia as suas malas, pegava no cavalete e na paleta e emigrava para a Alsácia, para onde o levava uma nostalgia constantemente aviventada por suaves recordações. À volta desta fina ternura imarcessível pelo verde torrão natal, formou-se até uma lenda gentil. Henner, com o ouro adquirido em Paris, comprava

anualmente campos, bosques, domínios em Bernwiller: — e isto levou os seus camaradas dos cenáculos parisienses a dizer:

— Henner tem uma grande ambição: — está tratando de resgatar a Alsácia, pagando-a por bom preço aos alemães!

Esta singular paixão pela sua aldeia humilde conquistada pelas tropas invasoras de Moltke, explica-se. Com efeito, foi precisamente na Alsácia que Henner recebeu a revelação da visão iniciadora: foi essa Alsácia angustiada e vergada aos ferozes despotismos da fôrça armada que lhe formou as faculdades geniais. A sua vocação poderosa denunciou-se na hora profética em que êle, visitando o lindo Museu de Colmar, parou, deslumbrado, diante duma téla de Schœngauer, intitulada *A Virgem entre as flores*. S. Francisco de Assis foi tocado pela piedade divina ao encontrar prostrado no seu caminho um pobre enfêrmo. A partir dêsse momento revelador, despojou-se de tôdas as grandezas, de tôdas as riquezas e de tôdas as vaidades, para ser um santo venerável. O quadro de Schœngauer tinha de ser para Henner o que a miséria do pedinte fôra para S. Francisco de Assis. Iluminára um dom latente.

Na Alsácia realizou Henner, em plena mocidade e convalescente duma aflitiva e demorada doença, êsse *Portrait de mon curé*, que foi a minha tenta-

ção de todo um dia passado no Museu do Luxemburgo, em Paris, onde está exposto. Na verdade, que pintura, que obra-prima! O que vivamente me surpreendeu nesse retrato magistral foi — mais do que os tons justos, o vigor do desenho, a firmeza dos traços — a serenidade que se espelha em tôda a fisionomia do sacerdote — uma fisionomia que respira sinceridade, simplicidade, bondade, encanto. Desde êsse instante que nunca mais olvidei e que tam fundamente me comoveu, Henner apareceu-me como um prodigioso perscrutador de almas. Realmente, pela máscara do bom padre eternizado pelo artista será fácil de reconstituir tôda a sua psicologia — a psicologia dum ser superior devotando-se aos outros com abnegação, acolhendo-os com bondade, consolando-lhes as dores, apontando-lhes como única felicidade a vereda luarizada que conduz à pacificação do céu.

Êste trabalho de tam nobre e sóbria factura não exprime, certamente, a maneira definitiva, individual, de Henner, que só mais tarde surgiu com a *Casta Susana*, marcando uma segura *étape* para a simplificação característica da sua originalidade. No entanto, por êle podia adivinhar-se já o autor esplêndido da *Madalena chorando*, téla que os mais ilustres críticos consideram como clássica pela pureza das linhas, pela radiação das côres, pela exactidão das carnações, pela impecabilidade da

modelação e pelo nimbo de poesia que envolve a belíssima figura feminina.

Gachons, que fez um estudo flagrante das composições notáveis de Henner, afirma que os mestres que mais viva influência exerceram sôbre êle foram Corrégio e Prud'hon. Nas suas romarias ao Louvre, Henner, efectivamente, desdenhando tôdas as preciosidades ali acumuladas, como um inexaurível tesouro de Beleza, detinha-se horas seguidas em face da *Antiope*, de Corrégio, absorvendo-se nela, contemplando-a em êxtase, num recolhimento profundo de que nenhum ruído o desviava. Mergulhado numa espécie de adoração muda, isolava-se com o seu sentimento num mundo àparte, até ao momento em que a penumbra começava a invadir a sala, comunicando uma vida supersticiosa às criações dos excelsos poetas da pintura. Depois, quando acordava do seu enlêvo, retomava a marcha, para ir parar em face do *Cristo na Cruz*, de Prud'hon, que Henner amava exaltadamente.

Donde provinha a atenção absorvente que os dois insignes pintores lhe mereciam ? Talvez duma similitude de temperamento, de organização, de emotividade, talvez duma absoluta identidade estética. Na realidade, Henner fugia, assustado, das composições complicadas, das vastas massas em que o sentido subtil da beleza lhe escapava. Preferia a simplicidade — e tanto assim que cons-

tantemente se preocupou com destacar luminosamente apenas um corpo, em imprimir todo o equilíbrio, tôda a harmonia, tôda a gracilidade a uma cabeça, a um busto. Em quási todos os seus quadros — que não perecerão, porque são uma das confissões mais eloqüentes que eu conheço dum alto ideal artístico — existe sòmente uma figura, como no *Cristo morto*, na *Fabíola*, na *Madalena no deserto*, na *Rapariga da bola*, e em muitos outros. E ninguém como Henner, se exceptuarmos o imortal Rambrandt, manejou com mais destresa, mais saber e maior poder evocativo, a sombra e a luz, acentuando a intensidade duma para o negro e da outra para a extrema nitidez — no dizer de Gachons. Um dos seus gratíssimos gozos íntimos era o de fazer emergir dessa sombra densa e invasora, como um mármore nitente brunido pelo cinzel dum estatuário de génio, o dorso do belo corpo, nu e puro, dum mártir, os ombros, as ancas, os seios ou o ventre liso duma mulher na milagrosa primavera da adolescência. Então, que contrastes e que efeitos! . . .

As brilhantes scenografias não o interessavam. Para Henner, a paisagem nada mais significava do que um fundo de mistério de que a fórma nascia naturalmente!

A Alsácia e a Lorena, agonizando sob a pesada bota do conquistador teutónico, fazendo-o sofrer no seu orgulho patriótico de francês, ofereceram-lhe também a mais rica e inesgotável das inspirações. Foi, de-certo, em Bernwiller, no sossêgo e na doçura dos ares pátrios, que êle pintou a sua *Joana d'Arc*. O tenaz alsaciano que, como o intrépido abade Werterlé, nunca se submeteu ao jugo alemão, não podia deixar de glorificar a admirável virgem de Domrémy a quem uma tarde uma aparição celeste pediu que corresse em socorro da França devastada pelas hostes inglesas — essa virgem heróica que derrotou os adversários diante de Orleans, obrigando-os a levantar apressadamente o cêrco e que assistiu à sagração solene do rei na catedral de Reims, destruída a tiros de canhão pelos germânicos. A *Joana d'Arc*, de Henner, não é mais do que uma criança de abundante cabeleira, vestindo as suas roupagens de pastora pobrezinha e predestinada para os históricos feitos das Epopeias.

Contudo, a-pesar da singeleza procurada da sua expressão, revela-se nela a heroína que havia de ser queimada numa praça pública, como herética, pelo fulgor dos seus olhos de visionária em que se exterioriza, com o misticismo, uma energia que não desfalece.

De resto, a nostalgia da pátria verdadeira, o

amor constante pela Alsácia, reflectem-se na maior parte das suas estranhas figuras em que a realidade formal se mescla a um idealismo, a um sonho poético valorizando-se pela funda sugestão que produzem nos espíritos sensíveis. Observando minuciosamente a *Madalena chorando*, tenho a impressão de que ela carpe a perda da Alsácia verdejante e evocadora dos campanários, das herdades, das arquitecturas ogivais, dos rios de transparentes águas em que dormem, ao luar, bandos de cegonhas. *Joana d'Arc* é ainda uma pastora alsaciana. *Fabíola*, que representa, porventura, uma das suas realizações mais populares, recorda-me uma virgem gótica tirada ao retábulo dalgum templo da Alsácia onde, nos domingos plácidos, o som vibrante dos sinos, espalhando-se, derramando-se por colinas de pendor suave, por outeiros, por montes e selvas, convoca os fiéis à prece. A *Rapariga da bola*, um simples estudo tam saboroso, tam vivo, tam empolgante, pertence também à Alsácia constantemente amada por Henner, pela expressão, pela melancolia suavíssima que a envolve, pelo perfume de poesia que a afaga.

Henner foi um pintor que levou a sinceridade ao último ponto e em quem as ancestralidades — que tanto influiram na sua organização estética — se mantiveram através de tudo. A sua arte é um maravilhoso reflexo da terra em que nasceu,

da sua gente, da sua paisagem. O pintor representou artìsticamente a sensibilidade dos seus irmãos alsacianos, agora de novo integrados no «doce país de França», como se diz em tam puros versos na *Chanson de Roland*. O seu *Idílio* — uma das obras mais célebres da Escola Francesa, teria sido concebido nas veigas e nos prados de Bernwiller, durante as saborosas férias que Henner todos os anos lá passava, fugindo ao dispersivo tumulto dos *boulevards* de Paris e às fadigas do seu *atelier;* e creio que a *Casta Susana* igualmente seria entrevista pelo pintor insigne em algum retiro bucólico dessa Alsácia tam cheia de história e lenda. São também da Alsácia, positivamente, a graça, a tristeza inspiradora, a pura beleza dessas cabeças femininas que Henner fixou nas télas com pincéis que dir-se-iam feitos de arestas de estrêlas.

As mulheres de hoje

Um escritor notável, falando um dia sôbre as mulheres, dividiu-as em duas categorias perfeitamente distintas: — as de exterior e as de interior. À primeira, pertenciam tôdas as preciosas flores femininas douradas duma beleza sumptuosa, que precisavam, por isso mesmo, das maravilhosas scenografias, das radiações da luz, do encanto do ar livre, para que a sua perfeição e a sua divina graça mais resplandecessem. As mulheres dotadas duma rara superioridade plástica e duma impecável harmonia de linhas, são com efeito admiráveis obras de arte da carne e nasceram para fruir o culto das multidões conscientes porque é por elas — pelo equilíbrio e pela proporção do seu esplendor cor-

póreo, pelo suave e puro contôrno das suas curvas — que se modelam as gerações.

A sua missão social é mais profunda do que superficialmente parece, nos luminosos domínios da estética humana — se assim posso dizer. Com efeito, a sua aparição majestosa é reveladora, porque activa a febre das criações. A sua formosura comunicativa exerce uma influência decisiva na concepção das raças vindouras e determina ascenções espirituais, sublimando o amor, tornando mais intenso e mais nobre o seu instinto...

Mas, conseguirão estas mulheres incomparáveis pela modelação das carnações — de que parece exalar-se fulgor — fazer a felicidade absoluta dos homens que amarem? Ah! de-certo que não. A verdadeira felicidade é egoísta, gosta dos invioláveis recolhimentos, da solitude, concentra-se em si própria, isola-se, para que nenhum sobressalto ou nenhuma impressão mais forte a perturbem no seu êxtase: — e as rosas galantes do feminismo adoram a rua, o brilho dos mundanismos ruidosos, as admirações das turbas, os cortejos de vassalos sem vontade que o flúido secreto da sua sedução arrasta passivamente. Sequestrá-las a esta veneração que tanto excita o seu orgulho e que tanto lhes afaga a vaidade será tranformá-las em sêres insociáveis e perturbar a pacificação dos lares.

As mulheres que se sabem muito belas não

se contentam ùnicamente com essa certeza. Carecem de verificar todos os dias e a tôdas as horas, no passeio, no teatro, nas avenidas louras de sol, nos concertos musicais, nas reüniões aristocráticas, nos bailes, nas *soirées*, a impressionabilidade que a sua beleza produz, para viverem tranqüilas e sorridentes.

Altivas soberanas, querem possuir a consciência exacta da sua soberania — e essa consciência apenas lha dará o louvor dos que lhes seguem dòcilmente os passos alados, que atrás de si deixam, como os das deusas, um claro rastro. Tendo vindo ao mundo para sentirem à sua volta o murmúrio musical das orações dos devotos, não se resignarão fàcilmente ao esquecimento e à obscuridade. Para que a intensidade das devoções não afrouxe, hão de mostrar-se sempre que isso lhes seja possível: — e, para mais ferirem as vistas dos contempladores e dos admiradores, para melhor denunciarem a sua presença, rodeiam-se da scenografia dum luxo soberbo que só por si constitua uma atracção irresistível. Tudo o que nelas existe de perfeito e de celeste exige, para mais se destacar, a decoração sumptuosa dos veludos, das sêdas, das peles, a viva crepitação das jóias que formam o scenário imprescindível à vitória dêstes anjos modernos que sempre venceram pelo enlêvo, pela delicadeza, pela fragilidade e pela ternura e que teem menos cora-

ção do que vanglória. O homem que as escolher para espôsas transformará a sua existência num inferno permanente, se não fôr tam frívolo como elas, ambicionando para a meiga companheira do seu destino terrestre uns aplausos que nele também se reflectem. Êsse homem só triunfará se puder transfigurar moralmente a sua consorte num barro dúctil e maleável a que êle imprima as fórmas que mais o cativem, moldando-lhe a imagem psíquica pela sua mesma imagem, impondo-lhe os seus gestos, os seus pontos de vista, as suas opiniões, comunicando-lhe as suas simpatias, transmitindo-lhe um carácter inteiramente idêntico ao seu com que evite discórdias, incompatibilidades irreconciliáveis e constantes. Para o seu triunfo completo, tem de ser um dominador e não um dominado — sem que, contudo, no seu domínio haja violências, tiranias, despotismos. Doutro modo, está perdido e a suprema doçura da paz não descerá à sua alma.

As mulheres de interior, essas são, na realidade, criaturas verdadeiramente divinas pela sua abnegação, pelo seu espírito de sacrifício, pela bondade, pela piedade, pela pureza incorruptível. O palco destas mulheres não é nas iluminadas perspectivas citadinas, mas nas intimidades caseiras. Elas manifestam contìnuamente uma grande indiferença

por tôdas as exterioridades clamorosas, fogem, movidas não sei por que sentimento profético, dos magnificentes espectáculos públicos, afastam-se da luz plena procurando de preferência as penumbras, as meias-tintas, a sombra, não são conduzidas pela tentação de vaidades que desconhecem, mas por impulsos íntimos duma significadora elevação moral. A sua beleza é discreta, porque não é de ordem física mas de ordem psicológica, não impressiona os olhos mas os sentidos, não desperta apetites voluptuosos, mas pensamentos de castidade, de inocência, de admiração desinteressada. Ordinàriamente, a sua formosura é apagada — e elas não pretendem comunicar-lhe mais vivacidade e mais esplendidez pelo fausto do vestuário. Não são estátuas humanas talhadas pelo modêlo dos mármores helénicos, mas fontes inesgotáveis de vida. As aclamações apaixonadas seriam por elas severamente julgadas como afrontas ao seu pudor e ruborizariam as suas faces como um insulto ou uma grosseria sensual. As suas irmãs na deslumbrante florescência da gracilidade — essa gracilidade que é o segrêdo da sua vitória rutilante — reclamam contìnuamente um altar diante de que ajoelhem os fiéis prosternados e rezando-lhes como rezariam às divindades, ou um plinto de cima do qual se ofertem à paixão dos que passam, como Paros esculpidos por cinzéis iguais ao de Praxiteles.

As mulheres de interior, não! Essas experimentarão uma infinita vergonha por tôdas as exibições, ainda as mais inocentes, fecham-se na sua modéstia, vivem de leve, deslizam sem barulho, para que ninguém as surpreenda, amam com sinceridade religiosa os homens a quem se devotam, nunca abandonam a solidão que para elas vibra duma poesia infinita e dum encantamento imperturbável. O templo desta espécie de mulheres é a vivenda cheia de pacificação, adormecendo no brando afago do beijo da luz, embalada pelas aragens perfumadas adejando com suas asas de setim.

E o que elas fazem dessas vivendas, em que mora o amor! Lidam incessantemente, buscando uma disposição mais artística para os mobiliários, renovando as flores que morrem tristemente nas jarras de cristal, lampejantes da scintilação das gotas de água, arejando, iluminando. Nas horas de repouso e de evocação, ou lêem os livros dos seus poetas, recordando o tempo doce em que trouxeram a abrir no peito, pela primeira vez, um lírio etéreo, ou sentam-se ao piano, interpretando as páginas dos maiores compositores e enchendo festivamente a sua ditosa morada de som, de ritmo, de melodias flutuantes! Será com enfado ou com supersticioso temor que espreitem, pelo tule ou pelas rendas dos cortinados das janelas, a onda tumultuária do movimento externo, que as assusta na sua comple-

xidade, nas suas ambições, nos seus ódios, nas suas impurezas, recuando muito comprometidas se um furtivo olhar masculino para elas se elevar por um instante. À existência nada mais pedem do que uma tranqüilidade conjugal que nunca se conturbe e do que uma confiança perene. Na habitação, entregues à lide feliz do *ménage*, é o sítio onde melhor se encontrarão. Fóra dela, assalta-as o receio, punge-as a ansiedade, desconcerta-as uma inquietação agoureira de desventuras.

Estas mulheres na realidade admiráveis e as únicas que asseguram ao homem a perpetuïdade dum sossêgo fecundo em virtudes e em inspirações de tôda a sorte, nunca se tornam notadas. E, no entanto, são elas que guardam os berços virginais como arcanjos tutelares; são elas que vigiam o desabrochar dos elíseos sonhos da meninice; são elas que ensinam as mãos pequeninas a erguerem-se para o céu, numa prece, implorando a misericórdia, a clemência de Deus, e são elas que ofertam o peito amoroso às frontes dos maridos cansados de lutar, nos amargos instantes de desalento. E o que desejam, como compensação de tudo isto? Apenas um carinho mais comovido, uma lealdade que nunca se interrompa, uma adoração que nunca se quebre. Eis a que se reduzem as suas exigências!...

Parece, portanto, que a moderna cultura feminina deveria polarizar-se no sentido de fazer

mulheres de interior — que são as que mais garantias dão à felicidade dos homens — e não mulheres de exterior, que apenas seduzem pela irradiação da sua beleza — uma beleza que é incompleta porque nela não intervem a alma, não é assim ? Pois, por mais paradoxal que isso se julgue, a verdade é que a educação dos lindos sêres que àmanhã se transformarão em espôsas, em mães, em donas de casa, visa ùnicamente às exterioridades, sem outro instinto que se não confine na aspiração fútil de agradar superficialmente, de aliciar, de seduzir ! Ora, como a mulher, acima de tudo, é a Mãe do Homem — e, mais do que isso, a sua mestra vigilante, a sua professora inicial — tenho pensado muitas vezes com pungente melancolia no que serão os homens do futuro, saídos duma escola em que se professam tôdas as frivolidades e nenhum dos dons que possam engrandecê-los, no que toca às qualidades morais !

Compreende-se, perfeitamente, que Cornélia, pelos dotes íntegros e veneráveis da sua elevação materna, tivesse filhos como os dois Gracos, que a história imortalizou e cujas memórias, atravessando a noite das idades, chegaram ao nosso tempo aureoladas e esplendentes de claridade, e também se compreende que Agrippina gerasse monstros como Nero. O filho será, principalmente, o que a mãe fôr, porque dela recebe, com o sangue e com a substân-

ência vital, as primeiras lições que nunca se diluem, se desvanecem nos cérebros, tam fundamente gravadas ali ficam!...

A mulher contemporânea é uma personalidade muito complicada, dispondo em alto grau da sciência subtil de captar admirações, de impressionar as pessoas mais frias por índole e por temperamento. Fala muitas línguas, move-se com desenvoltura, não ignora mesmo certas coisas escabrosas que outrora eram um enígma para ela até ao momento em que trocava a casa paterna pela casa marital, sustenta nos salões ou na rua conversas em que à intenção impura se mescla uma pontinha de perversidade, é viva, ágil, tem fantasia, tem imaginação. Talvez cansada de liturgias e de ritos que, durante séculos, a transmudaram numa religião, começa agora a reivindicar uma inquieta actividade social na cátedra, no parlamento, nos tribunais, na burocracia, nas artes e ofícios, na direcção dos povos.

Até hoje tinha um trono em que se conservava imóvel: — daqui em diante quere entregar-se às fortes comoções da acção. Disputa, portanto, candidaturas parlamentares ou baixa ao estrado ruidoso dos comícios. E não se limita a esta labuta humorística:—vai mais longe, agita-se frenèticamente, invade tudo. A que faz parte das *élites* do dinheiro ou do nascimento, pinta por diletantismo

e por diletantismo escreve, compõe poemas líricos, é em música uma *virtuose*. Depois da adolescência, pratica os *sports* com furor, rema, joga o *tennis*, monta a cavalo, guia parelhas *pur sang* com firme mão de rédea, caça, nada, atira ao alvo, exercita-se na gimnástica...

Masculinizou-se completamente, e só lhe falta, para uma deplorável confusão de sexos, uma cerrada e crespa barba na pele setinosa da face. Para afirmar uma estridente igualdade com aquele que a adorou através das civilizações e que ela considerava o seu tirano, adquiriu lentamente alguns dos mais sórdidos vícios masculinos: — fuma cigarrilhas de ponta dourada e aponta intrèpidamente grossas quantias à mesa do jôgo. Conjuntamente, também adoptou certas maneiras rudes dos homens, exigindo que a tratem por «você» aos mesmos que antigamente a tratavam por excelência.

Quanto ao vestuário, ela é, de-certo, um verdadeiro poema de rendas, de fitas, de cambraias, de setins, de veludos e um deslumbrador escrínio de jóias. As pedrarias scintilam-lhe nos lóbulos côr de rosa das orelhas, acariciando-lhe com suas línguas de fogo a finura das epidermes, irisam-lhe o colo níveo de garça real, fulguram-lhe nos cabelos como estrêlas que lhe pousassem sôbre a fronte, diademando-a, ao desprenderem-se da safira dos

céus, relampejam-lhe nos dedos—e isto custa uma fortuna.

Contudo, quanto mais avança e mais relêvo imprime à sua nova individualidade — mais se despe. Surge nos macadames ou nos asfaltos saltitante como uma arveola, expondo até ao joelho o torneado das pernas, apenas cobertas pela ténue meia de sêda, ao olhar irónico ou lúbrico do sexo barbado. Nas salas, em noites de festa e de pompa, decota-se escandalosamente, mostrando o sulco dos seios e as espáduas de deusa. Dir-se-ia empregar os maiores esforços não para que a venerem, mas para que a desrespeitem. E, pelo que se prende mais de perto com as responsabilidades caseiras, a que será chamada, nada sabe—mas confia na capacidade das criadas, porque o contrário seria uma vergonha e uma vileza.

A mulher moderna é, como se vê por êste imperfeito esbôço, uma flor do ar livre, em oposição às que, outrora, eram flores de estufa:—e eu pregunto que enlêvo e que ventura uma rapariga assim educada tam livremente oferecerá ao homem que a escolher para espôsa e para mãe dos seus filhos, quando para ela a vivenda é a prisão e só a rua tem seduções!...

Um imperador no exílio

Guilherme de Hohenzollern, o imperador no exílio a quem a tragédia da conflagração europeia arrancou violentamente da fronte uma corôa esplêndida e partiu em pedaços um scetro rutilante, decidindo ir tomar banhos de mar em Norwich, parece reentrar nos alaridos magníficos da publicidade ao fim de sete longos anos de silêncio obstinado em que à sua volta, por vezes, se manifestou simpático interêsse...

Em 1914, tendo nas mãos poderosas o destino de mais de setenta milhões de vassalos — que lhe obedeciam dòcilmente — jogou com a Sorte misteriosa uma partida terrível. Se a ganhasse, Guilherme II, dilatando o seu já imenso orgulho, tornar-se-ia uma das primeiras personalidades de

todos os tempos e dominaria como um dos maiores potentados da terra, sendo glorificado pelo seu povo com arcos de triunfo, como um Augusto contemporâneo. Foi por isso mesmo que êle, do alto do seu poderio e desembaïnhando uma espada coruscante como a do Lohengrin das lendas germânicas, mandou avançar para a Epopeia das batalhas os seus acervos de homens armados, que caminhavam para a vitória ou para a morte cantando hinos patrióticos.

Desencadeada a tempestade e lançados no taboleiro do Desconhecido os dados de ferro de que falava o sombrio Bismarck, Guilherme II esperou, a princípio confiadamente. Na realidade, os combatentes por êle arrojados à fogueira dramática dos morticínios, marchando sob a flutuação das bandeiras imperiais, deixavam atrás dos seus passos um rastro de fulgor, como se os revestisse a armadura invulnerável com que Minerva outrora combateu na longínqua Hélade, ao lado dos gregos. A Europa, arquejando sob a bota das legiões em luta e ardendo em vermelhas labaredas dum extremo ao outro, transformou-se num vasto palco — ràpidamente inundado de sangue — para a representação da tragédia, enquanto o « Kaiser » recebia as saüdações entusiásticas dos que iam morrer, fazendo relampejar à luz as suas armas.

Nesse momento funesto, a situação de Guilher-

me II era, na realidade, esplêndida. Um pouco actor, um pouco aventureiro, um pouco audacioso e amando extraordinàriamente a glória, sonhando com a imortalidade que apenas se conquista pelo génio, sedento duma fama ruidosa, o decorativo *Imperator et Rex* que tanto alarmava as chancelarias e fazia encolher, de susto, os mais ousados e subtis diplomatas, conseguiu que à sua roda o reclamo fizesse um permanente ruído de louvores calorosos e de aclamações estridentes. Quando êle anunciava solenemente um discurso político ou um brinde, nos banquetes com os seus estadistas ou os seus marechais, logo os fios telegráficos e telefónicos, a telegrafia sem fio, a imprensa, levavam essa notícia considerável aos mais distantes confins do globo habitado: — e, imediatamente tôdas as capitais, tôdas as cidades, tôdas as populações preguntavam com vivacidade: « — Que irá êle dizer ? » Às vezes, quási sempre, não dizia nada, murmurando ùnicamente algumas facécias ou coisas secundárias, não para fazer pensar mas com o intuito mais divertido de fazer rir. No entanto, que profunda emoção produzia!...

De quando em quando, porém, elevando a voz, de maneira a que pudesse ser ouvido em tôdas as nacionalidades terrestres e traçando com elegância teatral o seu manto de César, o «Kaiser», aludindo irònicamente aos adversários da Germânia, que

afiavam os agudos estiletes da zombaria, recomendava que a pólvora alemã estivesse sempre bem sêca — e logo todo o Ocidente se comovia profundamente.

Nesses dias já extintos, um espírito ilustre chamou-lhe o mais importante Problema Europeu : e, na realidade, quantos políticos eminentes, insignes sociólogos, filósofos, ensaístas, tratadistas, procuraram, em vão, resolvê-lo ! Guilherme II era, entretanto, enigmático, sabendo esconder-se às mais penetrantes análises. Todos os que tentaram defini-lo erraram nìtidamente. Havia qualquer coisa de falaz, de perturbador, de inquietante, na sua personalidade. Seria ela a dum herói segundo Carlyle ? Seria a dum charlatão ? As dúvidas subsistiam sempre ! . . .

Mas as densas torrentes humanas por êle atiradas para as carnificinas formidáveis iriam mostrá-lo, em breve, como na realidade era, quer vencessem quer fôssem vencidas — ao passo que o seu arriscado jôgo com a Sorte enigmática continuasse numa partida movimentada a que assistia o lúgubre espectro da Morte, com o riso humorístico e glacial no buraco negro da bôca. Enquanto essa partida se não decidia, Guilherme II — que nos doces tempos de paz procurava activamente o êxito

como orador, como pintor, como poeta e músico e ainda como crítico, filósofo, homem de sciência, general, mundano, pensador — compunha proclamações inflamadas de sentimento patriótico para declamar aos soldados que se dirigiam aos infernos do *front*; conferenciava com o feld-marechal Hindenburg ou com Ludendorff; dava a sua opinião táctica ou estratégica sôbre os planos elaborados pelo Estado Maior; contemplava, de longe, como o mais atento e comovido dos espectadores, os choques das suas divisões com as divisões adversas; discursava, jantava frugalmente no seu combóio blindado com algumas individualidades mais célebres do império; tomava certas atitudes que lhe pareciam próprias tanto para serem admiradas pelas criaturas conscientes e transitórias como para entrar na posteridade — e aguardava tranqüilamente o desfecho da guerra...

Ah! se os exércitos alemães regressassem à Germânia depois de gravada a ponta de baioneta mais uma triunfal página nos Anais teutónicos, a que alturas iluminadas ascenderia êsse Hohenzollern superior que, em menos de meio século, contribuiu excepcionalmente para a criação duma Alemanha industrial e comercial que se apoderou de todos os mercados do mundo e duma Alemanha militarista que às tropas terrestres juntou uma formidável marinha de combate capaz de disputar uma secular

hegemonia à Inglaterra!... E quantas vezes, na exaltação dêstes sonhos delirantes, Guilherme II se chegaria a ver no galope do seu corcel à frente das hostes invencíveis, reentrando na Germânia ao som das marchas guerreiras, dos aplausos e das salvas de palmas veementes, enquanto tôda uma nacionalidade em festa cobrisse duma aromática chuva de flores os que voltavam das pugnas épicas como outrora os legionários de Júlio César — nunca destroçados! Então, o «Kaiser», algemada a Inglaterra, esmagadas a França e a Rússia, destruídas para sempre a Itália e a Bélgica e, com elas, as pequenas nações, preparar-se-ia para imperar pelo menos em tôda a Europa, ditando do seu sólio olímpico, encimado pelo vôo das águias, leis ao globo escravizado.

Dominaria na terra e nos mares, como senhor absoluto; edificaria prodigiosas Cosmópolis; mandaria erguer sumptuosos monumentos que perpetuassem as fronteiras da Germânia, couraçada de aço; reformaria uma sociedade; ordenaria, e imediatamente seria atendido por aqueles que em tôrno da sua figura se acotovelassem para adivinhar-lhe o mais vago dos desejos e executar sem delongas a sua vontade. Oh! como êste sonho esplêndido avolumaria o seu orgulho! Porque a verdade é que era já tempo dêle praticar um dêsses feitos inolvidáveis que pelo seu heroísmo, pela sua significação e

pelas suas conseqüências, abrem estrondosamente aos homens efémeros as portas áureas da eternidade. Estava vélho, era imperador havia dezenas de anos, começava a pender para a solidão do sepulcro, onde terminam tôdas as grandezas humanas e tôdas as vaidades, e ainda nem sequer tinha vencido uma batalha de Sédan, havia entrado em Paris na vanguarda dos sitiantes teutónicos da Lutécia, fizera, em Versailles, a unificação definitiva da Alemanha imperial, anexara à Germânia mais três ou quatro províncias francesas! Era urgentemente necessário, para que a sua individualidade se não apagasse na bruma das vulgaridades e, ao contrário, surgisse numa radiante e perpétua zona de luz, que êle ficasse vitorioso no jôgo que entabolara com o Destino. E ficaria, certamente! No Marne, quando a violenta arrancada inicial dos alemães sôbre Paris foi detida pela França, o marechal Moltke, sobrinho do outro, do vencedor de 1870, fôra um sinistro profeta da desgraça. Ah! mas depois, como as suas profecias encontraram firmes desmentidos!...

De súbito, porém, a voz retumbante do Destino gritou:

— Ganhei!

Guilherme II, já sem corôa e despido melancòlicamente dos atributos da realeza, curvou com humildade a cabeça, vergado ao pêso da fatalidade e,

descendo os degraus auríferos do seu trono, tomou o caminho do destêrro.

Exilado na Holanda, onde se refugiou entre as cóleras dos derrotados, que o lapidariam sem piedade com um ódio só comparável, em intensidade, à veneração com que o festejariam se a Alemanha fôsse vencedora, Guilherme II entrou voluntàriamente num triste crepúsculo e num recolhimento de que nunca mais quis saír até há pouco. O que êle desejava, primeiro que tudo, era esquecer por completo a Europa, entre as flores do seu jardim e as árvores do seu parque de Doorn.

Na célebre personalidade shakespeareana existiam em gérmen muitas outras personalidades: — e «Hamlet» chegou a ser posto em paralelo, embora sarcàsticamente, para se tirarem determinados efeitos de riso, com Guilherme de Hohenzollern que com tanta facilidade se desdobrava em cabo de guerra, em estadista, em diplomata, em artista, em moralista, em filósofo, em homem de acção! Pois bem! Desde que se ocultou nas sombras da sua silenciosa vivenda de Doorn, escapando-se a tôdas as curiosidades, evitando tôdas as exteriorizações aparatosas, recusando-se a tôdas as entrevistas com o jornalismo internacional, fugindo a tôdas as discussões, recusando-se a tôdas as intrigas, Guilher-

me de Hohenzollern deu-me a impressão de ter apenas dentro de si a individualidade e o egoísmo dum pacífico burguez que ama a serenidade imperturbável à sua roda, que não gosta de que o desconcertem ou forcem a alterar os seus hábitos, que aceita tudo em troca das suas comodidades.

Não nego que êle, noutras épocas de esplendor, não tivesse feito tudo para chamar as atenções sôbre si, para que o apontassem à sua passagem, para que o discutissem, para que falassem dêle nas gazetas. No ponto culminante em que se encontrava, em face da Europa, desejaria vivamente que o fitassem — para o admirar, que o olhassem para o aclamar! Hoje, porém, a dor passou por êle, transformando-o completamente, mesmo na sua psicologia. O seu banimento havia de fazê-lo sofrer com amargura, nas primeiras horas de exílio: a perda do trono teria sido mais lancinante para êle do que a ira dos povos, o furor das nacionalidades, o rancor do Ocidente, que o acusava especialmente, talvez sem justiça absoluta, como o único responsável da catástrofe em que se afundaram milhões de vidas promissoras, num oceano de sangue. Mas o triste desterrado havia de habituar-se, certamente, às asperezas da sua queda, resignando-se: — e, com a resignação, nasceria para êle a tranqüilidade interior! Creio bem que, actualmente, a solitude do seu retiro lhe é mais deleitosa para o

espírito do que o movimento, a animação e as scenografias de Potsdam, nos dias de sua magnificência!...

O antigo «Kaiser», pela primeira vez depois da hecatombe guerreira, quis abandonar temporàriamente Doorn e a sua quieta vivenda holandesa, indo veranear para Norwich. Assim o afirmam, com alarido e surprêsa, telegramas da Agência Havas! Pelos tórridos calores do estio, Guilherme de Honhenzollern, envelhecido mas ainda forte, tomaria o seu banho matinal nas salgadas águas do mar, para tonificar o organismo — vestindo, talvez, como um elegante moderno, as flanelas brancas e as leves camisas de sêda e conversando mesmo, na praia, com as damas à hora idílica em que as sereias adolescentes saírem das ondas frias, com a graça de Afrodite. Não é encantador?

Ah! eu juraria sem a menor hesitação que êle nunca soube o que era a doce liberdade, nos anos em que, de cima dum trono maravilhoso, causava pavores à Europa. Então, dispunha de numerosos corpos de exército, de couraçados, de aduladores, de palacianos, de milhões e milhões de súbditos — e no entanto, em vez de gozar o ar livre, permanecia numa verdadeira prisão, não podendo dizer uma palavra que não fôsse adulterada nos seus intuitos, não esboçando um simples gesto sem que logo se levantassem controvérsias. No momento, po-

rém, em que se libertou do ofício de reinar, deitando fóra o scetro como quem arremessa para a poeira do chão uma ponta de charuto, começou a sentir, sem tardança, os benefícios inefáveis de independência. Já não está cercado, como antigamente, duma opinião pública e duma opinião mundial que o vigiem, que lhe sigam os passos, que observem tudo quanto fizer, que escutem tudo quanto diga, que o não deixem durante um só segundo. Dirigir-se há para onde muito bem lhe apeteça, passeará, fumará, soltará as suas vibrantes gargalhadas de sarcasmo ou de alegria, sem que o importunem convenções protocolares a que, como imperador, tinha de obedecer. Não é muito melhor assim ? . . .

E todavia, a imprensa das grandes capitais da Europa ainda teme que, se Hindenburg, em qualquer ensejo oportuno, lhe oferecer a corôa germânica, o exilado nem perderá tempo a fazer as malas e a mandar lustrar as botas, partindo para Berlim com a roupa que tiver no corpo ! É capaz disso : *Vanitas vanitatum!* — disse o *Ecclesiastes*.

Manhã na praia

O delicioso, o puro momento que certo dia passei na praia, estendido na areia como um vagabundo sem cuidados, enquanto perto de mim o mar, todo verde sob a luz dourada, se espreguiçava indolentemente, enrugando-se de leve como uma imensa peça de setim, desenrolada debaixo dum céu sem mancha de nuvem ao sôpro da branda aragem que passava! Como em Portugal se estava ainda no saboroso e doce tempo das férias e a gente miúda não abria, então, os livros de estudo que fechára, com alarido e alegria, em fins de julho, para recuperar uma absoluta liberdade de acção, havia por tôdas as estâncias balneares do norte, tanto matinalmente como ao baixar da claridade vespertina, um espectáculo encantador que me não cansava de contemplar, nos meus raros vagares, e que sempre me trans-

mitia, com uma intensa emoção, uma sincera alegria. Imaginem que, logo ao alvorecer, quando a rosa escarlate e ouro da aurora desabrocha no alto, ranchadas de *bambinos* de olhar vivo, perscrutador e profundo chegam — palrando contentes como aves que o fulgor matutino desperta entre ramarias em flor — à beira de água, frescos como corolas virginais, com os cabelos caíndo em anéis sobre a alvura das vestes: e é um momento inesperado e feliz, o da aparição idílica. Rindo e grazinando na glória diurna e na pacificação envolvente, fazem a preciosa iluminura das estâncias marítimas, que resplendecem ao sol: — e eu, observando-os, penso nas telas maravilhosas, que os pequerruchos inspirariam a Watteau ou a Lawrence, e nos motivos originais que ofereceriam a certos aguarelistas ingleses, para quadros duma delicadeza e duma finura incomparáveis...

Para êstes consideráveis senhores — que se não fatigam de gritar, de cantar ou de papaguear e que, nascendo ontem e nada conhecendo do mundo e das suas angústias e dos seus júbilos, exercem já um despotismo, fazendo tudo quanto lhes apraz — não haverá tristezas demoradas. Saltam, brincam, envolvem-se em brigas que duram um momento apenas — e são o encanto das paragens de repouso que o esplendor da sua infância ilumina de graça e de inocência.

Por mim, não me sacio de olhá-los. Há na sua angélica meninice qualquer coisa de infinitamente elevado que me impressiona. Convidam-me a pensar em tudo quanto ao mistério alia a beleza : e ao vê-los, com o seu enlêvo poético de botões por abrir, surpreendo-me, às vezes, a interrogar instintivamente a Esfinge do Destino, para saber se, sôbre aquelas cândidas cabeças caírá, pela vida fóra, um plácido luar de felicidade ou se as roçará a asa negra e fatídica da ave nocturna da desgraça. Junto das crianças, na sua companhia, no seu convívio, tôdas as minhas melancolias se dissipam como um fumo que o vento leva . . .

Na praia por exemplo, à hora romântica do banho, quando o tom anilado do céu se toca ao longe, na linha do horizonte, duma leve tinta côr de rosa e quando as Afrodites adolescentes saem das salgadas e frias ondas com as roupagens molhadas e modelando-lhes as maravilhosas curvas corpóreas, é um regalo de alma ver os bébés a correrem para as lentas vagas franjadas de espumas níveas que rolam no areal como lençóis liqúidos. A vivacidade da pequenada nesse instante é comunicativa e alvoroça tôda a colónia adulta, sentada à sombra de toldos de lona ou de pano branco e entregue aos irresistíveis prazeres da conversa. O momento é pitoresco. Discutem-se futilidades, lêem-se os jornaes com as notícias de tudo quanto de mais impor-

tante ocorreu no globo, durante as últimas vinte e quatro horas; folheiam-se os figurinos chegados de Paris: uma vez por outra, o *flirt* pousa pelos regaços de sêda as perfumadas flores dum madrigal; revelam-se, entre risos irónicos, certos escândalos... Mas tudo isto se esvái ràpidamente, se a criançada surge com essa audácia que a caracteriza, lançando a confusão, o tumulto, a desordem numa sociedade pautada, convencional e um pouco hipócrita...

Os admiráveis diabretes! Como são irreverentes e desdenhosos de preconceitos mundanos, de conveniências de sociabilidade! Ainda agora mesmo um dêles, só porque lhe não levaram imediatamente, ao saír do banho, a fatia de pão com manteiga que a sua voracidade de sibarita de seis anos apetecia, rompeu num berreiro ensurdecedor: — e, como um grupo de madamas se dirigisse a êle, amimando-o, atirou-lhes punhados de areia ao rosto! Audaciosos, de-certo, mas pouco amáveis com as tentadoras filhas de Eva. O príncipe de Ligne não procederia assim!...

O certo é que eu gosto imenso das suas espontâneas ousadias e dos seus despotismos de autócratas adulados que, no período transitório em que verdadeiramente governam, querem ser obedecidos com presteza por parte dos seus vassalos e não

admitem observações de qualquer natureza. A fôrça de que êstes «Reis Sóis» modernos dispõem é enorme e deriva essencialmente — da sua fraqueza, muito embora a minha afirmação pareça paradoxal. Vão lá falar-lhes, no instante deleitoso em que se divertem, em livros, em escritas, em horas de estudo, murchando desoladamente, curvados sôbre as fôlhas enegrecidas de tinta de impressão dos compêndios em que se codifica uma exígua e fácil migalha do saber que o homem, sempre curioso e insaciável, foi colhendo através das idades e das civilizações!... Ah! não! Actualmente, enquanto as férias durarem, são êles que mandam! Libertaram-se, embora temporàriamente, das prisões tristes dos colégios e dos regímens rigorosos, com professores impertinentes e severos que não desculpam uma lição mal sabida, um riso mais sonoro, um gesto mais nervoso, uma palavra mais vibrante! Emanciparam-se! Por espaço de algumas semanas, são êles que a si próprios se dirigem, e com um tino, uma ânsia de viver, uma ternura pela liberdade que os transfiguram. Poderão fazer o que muito bem quiserem, porque não terão de sofrer punições que os privem de frutas e de doces à sobremesa, por mais ruidosas que sejam as diabruras praticadas, nem provocarão as censuras solenes da Sociedade das Nações!...

As crianças são verdadeiramente tirânicas e não

haverá ninguém de coração sensível que se não vergue à sua tirania. Por isso mesmo, se depois do banho no mar e do almôço, ainda que contra a vontade dos pais, lhes apetecer deixarem as repousadas vivendas da beira-mar, alvejando entre a ramagem verde-negra dos pinheirais resinosos e os campos de cultura, não hesitam um minuto, andando sob o tórrido calor até ao jantar, jogando o arco ou a bola pelos caminhos de saibro batido, pinchando, farandolando, palmilhando atalhos e congostas, deambulando por trilhos, deslizando entre silvados em que as amoras silvestres amadurecem e em que enfloram as madre-silvas cheirosas, ouvindo cantar as cigarras pelas carvalheiras e reentrando em casa ao fim da tarde, congestionadas, tostadas pelas soalheiras e pelas brisas salinas que sopram das bandas do oceano. Viver para essa gente de três palmos de altura, que desconhece por completo o mundo com os seus males, as suas tentações, as suas ciladas, as suas esperanças, que nunca se realizam, as suas raras satisfações, é isto. Entregues a si próprios, os pequerruchos de nada quererão saber! Pularão pelo meio das sebes, como faunos — treparão às arvores em busca dos ninhos das aves, rolarão alegremente na verdura dos prados, impregnando o vestuário do aroma dos fenos secos, protestando assim contra os que à fina fôrça pretendem fazê-los doutores...

Não haverá, de resto, festa ou diversão em que se não mostrem. As crianças são, evidentemente, a nota mais graciosa e atraente dos piqueniques que se fazem nas clareiras dos pinheirais ou nos campos, à sombra de arvoredos respirando e bom ar oxigenado e salubre, rescendendo à seiva das ervas esmagadas ; das merendolas sôbre os rochedos batidos pela cavalgada incessante das ondas vindas de longe, arqueando o dorso, rugindo, resmungando e rebentando contra as penedias furiosamente ; dos chás na areia, quando a tarde baixa no melancólico esmorecimento da luz ! E vão engordando, ganhando bôas cores, enrijecendo a fibra muscular, dilatando a caixa toráxica, crescendo como plantas vigorosas em plena e livre natureza. Quando os estabelecimentos de ensino reabrirem, absorvidos novamente na violência da sua batalha, irão mais fortes, mais enérgicos, mais resistentes ! . . .

Notem que são já líricos e apaixonados — e tudo ignoram da vida e do amor. Como o sol ainda aperta, a praia, suavizada pelo hálito duma aragem que se refresca pela imensidade aquática, é o ponto de reünião obrigatório, sendo ao mesmo tempo sala de trabalho onde as senhoras idosas se entregam afanosamente ao seu *tricot*, salão de leitura para onde se levam os livros últimamente aparecidos e que se

lêem enquanto se fuma, e mesmo um recanto amável onde rapazes e raparigas que se encontram na sua primavera sentimental, conjuguem o verbo *To flirt*.

Suas excelências, os bébés, como se não interessam nem com as conversas dos vélhos nem com as pieguices dos moços — que vão tecendo horas de sêda e ouro à volta das suas ilusões — organizam essas danças de roda em que são exímios, a-pesar-de nunca terem sido discípulos de Isadora Duncan, a prodigiosa plástica dos ritmos e das atitudes. Ora, na serena e luminosa manhã em que escrevo, de volta da beira-mar, estive eu, durante muito tempo, a seguir os seus movimentos coreográficos. Sob o céu rutilante, desmaiando para as bandas do oceano numa névoa lilás e dum tom de pérola, as crianças dançavam e cantavam um dos mais vulgarizados modilhos populares de Portugal. Aos meus ouvidos chegavam êstes versos:

E a menina
Que anda na roda
Está na idade, está na idade de casar...

Pobre e louro anjo do céu! Quis ver essa dona que tinha chegado, segundo um trovador de meia dúzia de anos, à sonhadora e divina idade dos noivados e que, portanto, não tardaria a escutar no seu balcão — enquanto Romeu não aparecesse — o tri-

nado dos roussinóis entre as romanzeiras floridas, e aproximei-me da roda. Mas, não pude conter uma gargalhada que assustou os dançarinos. Oh! eu não me ria, evidentemente, para melindrar a noivazinha de quatro anos e vestidinho de cambraia e de renda pela côxa. Não se bate nas mulheres nem com uma rosa, diz o provérbio árabe!... Ri-me, apenas por julgar que os seus companheiros de baile, criaturas de *verve*, de espírito scintilante, pretendiam zombar dela! A pequenita — um mimo, um botão de flor que cabia num berço! — era maravilhosa de gracilidade, de pureza, de formosura. A cabeleira fulva e tôda aos anéis enquadrava-lhe o rosto que dir-se-ia um Saxe ou um Sèvres perfeito. Tinha uns olhos azúis e meigos que lhe iluminavam a face. E posso garantir que não tomou como ironia a afirmação de que tinha chegado à idade do casamento, porque, convidada a escolher par, não para os epitalâmios festivais das bodas, mas para a brincadeira, logo os seus bracinhos tenros e nus, duma impecável modelação de linhas, se estenderam, talvez guiados por uma simpatia nascente, para um infante do seu tamanho que sugeriria a Debussy uma página melódica. Quem sabe se esta escolha instintiva em que não há nem interêsse nem malícia, se conservará com o volver do tempo até aos dias ainda distantes para aqueles dois bebés em que o coração da adolescência começa a ser

perturbado no seu palpitar por pulsações conjuntamente doces e dolorosas de sentir ? . . .

E, devo dizer que tôdas as consideráveis donas de bibe, na primeira aurora da existencia que estive a ver dançar, nessa vitoriosa manhã dos fins de setembro, já quando as rôlas emigravam, « escolheram o par que mais lhes agradou » sem o menor embaraço, sem qualquer timidez, sem que as suas faces virgíneas se rosassem duma ponta de sangue mais vivo ! . . .

A criançada admirável que será a floração da humanidade de àmanhã ! Nesse momento, com os colégios fechados e os livros esquecidos a um canto sombrio, gozando as férias que, como tôdas as coisas boas e desejadas, tam de-pressa fogem, era ela justamente que imprimia à vida dos logares de cura ou de diversão, a sua mais fina e comovida nota de beleza e de poesia. Nunca me farto de olhar, de seguir os seus diálogos e os seus brinquedos e quantas vezes me invade o desejo de me tornar também infantil como ela ! . . .

E foi justamente a êste episódio que consagrei todos os meus vagares matutinos dêsse dia que era um cântico de luz. Podia ter empregado melhor o meu tempo ? Creio bem que não ! Depois de se conhecerem bem os homens, nada haverá de mais grato para o nosso sentimento do que conviver com essas crianças, a que já Jesus tanto queria que as

puxava com brandura para os seus joelhos — quando elas o rodeavam, procurando espreitar-lhe o fundo suave dos olhos enternecidos — exclamando :

— « Deixai vir a mim os pequeninos ! ».

A decadência europeia

A marcha vertiginosa da Europa — vencida pela guerra — para a sua ruína completa e para a sua decadência irremediável, está constituindo um dos mais dramáticos espectáculos modernos. Os que do seu isolamento observam, sem paixões perturbadoras, o curso dos acontecimentos, hão de notar que na fuga desordenada e trágica do Ocidente para o abismo ou, pelo menos, para o mistério, existem evidentes sintomas de loucura e qualquer coisa de Fatalidade. O génio europeu, que foi o herdeiro do claro génio grego, perdeu inteiramente a sua subtileza antiga e o seu poder quási divinatório. É por isso mesmo que as figuras de responsabilidade que se encontram à frente dos destinos das potências ocidentais não encontram solução para a pro-

blema resultante do conflito armado que fez correr cataratas de sangue, nos campos de batalha da Europa, da Ásia e da África, e que maculou mesmo de vermelho as águas dos mares salgados e profundos. Em vão estadistas, políticos, sociólogos, pensadores procuram resolver a difícil equação, convocando conferências diplomáticas que umas vezes se realizam em França e outras na Itália, na Suíça, na Inglaterra. Não há possibilidade de se chegar a uma conclusão nítida, porque os delegados das nacionalidades defendem interêsses que se não conciliam, que são diametralmente opostos, que se hostilizam com violência. Êsses diplomatas vêem, de-certo, o perigo que se aproxima cada vez mais e com pavorosa rapidez — porque a Europa actual pode comparar-se a uma imensa mina carregada de dinamite em comunicação com um rastilho que já arde desde a revolução feroz que na Rússia abateu sucessivamente o império de Nicolau II e a rèpública paradoxal de Kerensky, e desde que, em Versailles, os beligerantes firmaram o fatídico tratado de Paz que iniciou a desagregação dum mundo maravilhoso começado a demolir em 1914. Oh! os homens que na Europa ainda vivem na superstição de que conservam firmemente o poder, sentem sem dúvida o que à sua volta ocorre: — uma angustiosa crise económica exacerbando-se constantemente, a ausência total de disciplina entre as multidões, uma

rebelião moral intensificando-se sem repouso, a falta dolorosa de confiança no dia de àmanhã, confusões que se activam, as hesitações mais sensíveis de minuto para minuto dos que mandam, tradições que desaparecem, crenças orientadoras que se extinguem, soberanias que durante séculos pertenceram às *élites* e que agora passam umas atrás das outras para as turbas anónimas que, sendo as mais numerosas, começam a dominar não pela mentalidade mas pela fôrça. Não escapam à lúcida visão dêsses homens os destroços causados pela onda assoladora, na sua invasão que, irrompendo dos confins da Europa oriental, se encontra agora bem perto da Europa central, ameaçando a ocidental. Por onde passa tam funesta vaga de ódio, de cólera, de vingança, de revolta, nada fica de pé — monumentos, instituïções, esplendores de arte, corpos de leis ou de doutrinas. Os desabamentos sucessivos acumularam tantos resíduos duma civilização entrada no seu crepúsculo, que formam enormes montanhas: — e as individualidades olímpicas que, nas Assembleias internacionais das grandes cidades, discutem o futuro da Europa mortalmente ferida nos fulgurantes recontros bélicos, não deixarão de contemplá-los com temor. Todavia, parece que o receio que porventura experimentem não é muito duradouro porque não há maneira de conduzirem a um acôrdo as nações que representam. Pensam,

naturalmente, como o célebre monarca francês que, ao pressentir os estrondos longínquos da Revolução, exclamava risonhamente e com um egoísmo que a História imortalizou nas suas marmóreas páginas :

— *Après moi, le déluge !* . . .

O que actualmente se avizinha não é o dilúvio purificador : — é o terramoto. Mas, os dirigentes actuais, na sua cegueira, não deixam de confiar que o terrível abalo de que há de surgir uma sociedade bem diversa daquela em que vivemos lhes dará tempo de se refugiarem nas invioláveis solidões da morte, depois duma existência dourada. E é por isso que, sempre que os países aliados se reünem para restituír à Europa a sua opulência anterior a 1914, a França barafusta para um lado, a Inglaterra para o outro e a Itália para o outro, enquanto os Estados-Unidos fumam fleumàticamente o seu cachimbo, sem se interessarem pelos contendores. Tchitcherine, o Mefisto vermelho, solta ao longe a sua ácida gargalhada irónica e os neutrais, sem saberem o que fazer, apertam as mãos na cabeça! . . .

A bela inconsciência ! Porque eu, por mim, creio que as personalidades das chancelarias que brincam jovialmente com o fogo são vítimas duma singular ilusão e se enganam redondamente, ao considerarem que a catástrofe ainda vem muito longe e que, por isso, lhes permitirá comerem em perfeitos *gour-*

mets, ás mesas aristocráticas, o prato rico da *galantine.* A destruïção do que esta é inevitável e a breve praso . . .

Estas superficiais divagações são-me inspiradas por um livro notável que comoveu profundamente, há pouco, os centros políticos mundiais e de que é autor o político italiano, Nitti, uma testemunha presencial do drama que se desenrolou diante de nós e até uma das suas personagens de destaque, pela acção desenvolvida na Itália durante aqueles ardentes, iluminados dias em que o seu povo combatia heroicamente nas trincheiras, exaltado pelo idealismo duma Pátria maior. Pela sua doutrina — tam rigorosamente deduzida e tam documentada — a obra notável de Nitti concorda com o meu pessimismo. Essa obra intitula-se, mesmo, *A decadência da Europa* e ainda indica nos seus capítulos lapidares os meios essenciais a uma ressurreição: — no entanto, através das páginas que a compõem, exalam-se o desalento, a incerteza, a dúvida, e pouco falta para que o autor excelso confesse que tudo está perdido, dando razão aos que apenas se preocupam com o dia de hoje, correndo desvairadamente para o gôzo material, com mêdo de chegarem muito tarde ao logar onde se colhe todo o aroma à flor da vida.

O sensacional trabalho de Nitti foi publicado simultâneamente em sete idiomas, tal a sua importância. O que neste volume se afirma não se caracteriza, talvez, tanto pela originalidade como pela coragem — porque é preciso uma certa coragem aos homens com a reputação política de Nitti para falarem em voz alta e com tam rude franqueza.

O que o célebre estadista italiano diz no seu livro, é sabido por todos aqueles que a situação do continente europeu, laivado de sangue por enquanto, tem impressionado mais ou menos. Nitti assevera que a maneira como o tratado de Paz se elaborou e o irreflectido rancor com que se aplicaram aos vencidos as combinações realizadas entre os vencedores determinaram o mal estar em que a Europa actualmente se debate, esgotando-se de todo o flúido vital e afundando-se para sempre, depois de por tantas centúrias ter desempenhado um papel preponderante na civilização dos povos. Ora, isto já não é uma novidade para ninguém, desde aquele dia sombrio em que, por entre os cânticos de alegria duma humanidade que repousava docemente, depois duma cruel matança de quatro anos, embebendo os olhos na luz esplendorosa amada dos génios e dos santos, a França e a Inglaterra, ainda com os seus canhões em pontaria e os joelhos sôbre o peito da Alemanha, a submetiam à sua vontade soberana de triunfadores. Houve, mesmo, um pu-

blicista britânico que abriu o fogo contra o Tratado de Versailles, profetizando tudo quanto está acontecendo com nitidez e acusando Lloyd George, Clemenceau e Wilson de se esforçarem para desencadear uma nova luta em vez de consolidarem a paz. Estas palavras não foram, então, escutadas. Na hora em que elas ressoavam lùgubremente, a Inglaterra e a França, por entre o alarido entusiástico dos seus povos, o drapejar dos gonfalões e o som das fanfarras triunfais, exultavam por se verem libertas dum adversário implacável, afogando-o no charco de sangue por êle aberto — enquanto os Estados-Unidos regressavam à sua bela atitude, tendo pousado as armas gloriosas, com a certeza de que os seus cofres transbordavam de ouro e de que a maior parte da fortuna europeia passara para as suas mãos. Hoje, reconhece-se, finalmente, que o jornalista inglês estava na verdade, tantos são os escombros amontoados pelos dias sinistros que se sucederam à hecatombe furiosa...

No entanto, temos de reconhecer que, a-pesar-de tudo, Nitti, repetindo tal verdade e documentando-a de fórma a que ninguém ouse contestá-la, mostrou uma louvável audácia e produziu um trabalho benéfico. E não será digno de sonoros aplausos um homem dotado de tal sinceridade que não hesite em gritar a tôda a Europa o seu êrro como dirigente dum país que entrou na epopeia guerreira

e que interveiu na paz com a autoridade que lhe outorgava a sua qualidade de vencedor do império austriaco ? Julgo que sim !

Nitti formula, em síntese, no seu livro, uma condenação irredutível de todos os tratados celebrados, seguidamente à guerra, pelas potências, e zomba sarcàsticamente dos entendimentos internacionais realizados depois da assinatura do armistício. É exacto, preciso, no seu juízo crítico. Efectivamente, há vários anos que as nações, que formaram a coalisão contra os impérios centrais, correm as urbes europeias em banquetes e discussões, sem nada conseguirem de concreto para a normalização da Europa que cái aos pedaços, desde que voltou das carnificinas, alucinada e terrível, trazendo ao ombro a espingarda ainda fumegante. E se fôssem apenas os países beligerantes que sofressem as conseqüências do seu gesto heróico ! Mas não. Os que se conservaram numa serêna e suave neutralidade são agora atingidos pela crise com a mesma energia destruïdora. A Suíça, a Holanda, a Suécia, a Noruega, a Espanha, a Dinamarca, sofrem tanto como os que queimaram em pólvora e balas uma parte de sua riqueza colectiva e derramaram a seiva do seu corpo em cem batalhas ! Perturbado o equilíbrio da economia

ocidental, tudo se perturbou igualmente, tam solidária é, na actualidade, a existência de todos os povos...

Diz ainda Nitti que os tratados aludidos padecem de idêntico defeito, pois que foram ditados não por um nobre espírito de generosidade e no intuito duma reconciliação imediata entre os que se bateram no duelo tremendo, mas pelo desejo de aniquilar para sempre os que haviam caído no recontro, crivados de feridas, esmagando-os com o pêso brutal de condições que se não poderiam cumprir. Isto é justo! O êrro capital do Tratado de Versailles foi êste. Clemenceau, que é um dos seus principais autores, tanto quis apertar a corda em volta do pescoço da odiada Germânia, que ela terminou por se lhe partir nas mãos. (*Aliquando bonus dormitat Homerus* — na flagrante expressão latina). O resultado foi êste: — a decomposição da Europa, iniciada com um conflito tremendo, acelerou-se com a paz imposta à Alemanha e com a fogueira acesa na Rússia pelo bolchevismo e em que se queimam, em altas labaredas, há tanto tempo, mais de cem milhões de seres conscientes!

Como regressar às doces e floridas eras volvidas, quando a Europa, na culminância da sua grandeza e do seu fausto, brilhava sob a pura luz dos céus aos olhos da Humanidade? Nitti contempla inquietamente os Estados-Unidos, como se espe-

rasse uma revelação ou um movimento emancipador. Empréstimos ? Torrentes de ouro atulhando outra vez os tesouros europeus exaustos e influindo poderosamente na floração do Ocidente? Não! Nitti insurge-se contra isso, afirmando que emprestar mais dinheiro aos Estados da Europa é trabalhar mais para a guerra do que para a concórdia entre os sêres conscientes. O que êle aconselha, para que se não dê a temida falência europeia, é : — uma compensação geral das dívidas e das reparações entre todos os países, sem exclusão dos vencidos ; a revisão dos tratados que se negociaram em seguida à guerra, para que dêles sejam eliminadas tôdas as clausulas absurdas : que o Capitalismo entre em relações com a Rèpública dos « Soviets », o que me parece extraordinário ; que todos os povos cultos entrem para a Sociedade das Nações ; que a Alemanha não seja proíbida de levar o concurso do seu trabalho manual e da sua competência técnica à Rússia e que se renuncie sem demora a qualquer ocupação militar.

Há, incontestàvelmente, neste plano — desenvolvido com largueza de vistas no livro que me serviu de tema para estas páginas — algumas idéas elevadas e úteis. Na realidade, as exigências feitas à Alemanha e a humilhação que lhe está sendo infligida, cobrindo o seu território com tropas estrangeiras, vão fecundando os gérmens duma chacina

mais horrível do que a que estalou em 1914. Mas, se êsses nocivos elementos hoje desaparecessem, o *bouleversement* europeu já se não evitava. As condições económicas do Ocidente são cada vez mais aflitivas e é impossível melhorá-las no empobrecimento a que se chegou e que derivou em parte da guerra e em parte da desorganização social que debilitou a produção. Além disso, o exemplo da Rússia desvairou o proletariado de tôdas as nacionalidades que também quere a sua hora de triunfo estrondoso e de vindita tumultuosa. A miséria que devasta a Rèpública dos « Soviets » não demove os idealistas das massas produtoras. Trata-se duma rude tirania ? Certamente : — mas esta tirania é exercida pelas classes trabalhadoras, que são, ao que entendem erradamente, as tiranizadas de hoje. Portanto, a esperança numa convalescença da vida europeia, nas bases em que ela se apoiava antes da conflagração, é uma quimera. A sonhada fraternidade humana não se realizará sem que o Desconhecido intensifique as ferocidades !

Pôrto, 10 de Abril de 1925.

FIM

ÍNDICE

	Pag.
A loucura de Perosi	5
Elogio da Beleza	15
Por estâncias de cura e de repouso	23
A tristeza de envelhecer e a fé	33
A *Garden-Party*	41
Como os vélhos e as crianças vêem o mundo	53
Crepúsculo das pérolas	65
Os homens na opinião das mulheres	75
As vindimas	87
As danças e as dançarinas	99
As violetas	111
A música e a alma feminina	123
Balada da neve	131
Rostand	141
Ouro ! Ouro !	153
Página de historia moderna	163
Os leques	175
As crianças e as cidades	185
Sua Santidade e as mulheres	197
Fantasia sôbre a *Gavotte*, de Gluck	209
A propósito de Sara Bernhardt	217
A decadência do Carnaval	227
O grande pintor Henner	231
As mulheres de hoje	251
Um Imperador no exilio	263
Manhã na praia	275
A decadência europeia	287

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos
A Eterna Mentira.
O Ultimo Faune.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espirito (pensamentos
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memorias dos dias findos.

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Basilio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Illustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Ecos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos ineditos), vol.
As minas de Salomão (traducção), 1 vol.

NOVAS OBRAS PÓSTUMAS:

A Capital, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.
Conde de Abranhos, 1 vol.
O Egypto (notas de viagem).
Alves & C.ª 1 vol.

NO PRÉLO

Paginas esquecidas, 1 vol.
Tragedia da Rua das Flores.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050751293